

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES

Isabela Machado Breda

BLACKBOOK:

Cadernos de *graffiti*, bastidores criativos da arte de rua capixaba

Área de Concentração: Arte e cultura

Linha de Pesquisa: Teorias e Processos Artístico-culturais

Orientador: Aparecido José Cirillo

Vitória – ES

2022

Isabela Machado Breda

Blackbook: cadernos de *graffiti*, bastidores criativos da arte de rua capixaba

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração de Teoria e Processos artísticos-Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Aparecido José Cirillo

Vitória – ES

2022

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração Arte e Cultura, na linha de pesquisa Teorias e Processos Artístico-Culturais

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aparecido José Cirillo

Universidade Federal do Espírito Santo - PPGA UFES
Orientador

Profa. Dra. Rosa da Penha Maria

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Avaliador Interno

Prof. Dra. Liliana Castilho

Instituto Politécnico de Viseu. Portugal
Avaliador Externo

Agradecimentos

4

Gostaria de agradecer imensamente ao meu professor orientador Dr José Aparecido Cirillo pelo empenho e consideração com o meu trabalho durante todos esses anos me acompanhando desde a iniciação científica e fechando o ciclo com o mestrado.

Agradeço em especial a professora Dra Rosa Maria da Penha pela consideração e ajuda com os estudos de arquivologia e que compôs esta banca. A Professora Dra Liliana Castilho que gentilmente aceitou o convite para compor esta banca e a professora Dra Laura Castro que cedeu seu tempo e dedicação para ter um olhar para essa pesquisa.

Realizo um agradecimento especial aos sujeitos que compõem essa pesquisa que gentilmente cederam seus blackbooks e que pude realizar este projeto: Acop, Keka, Kika. Liam, Luhan, Pera, Shorty, Starley, Tyco, Zumbi, Nilbae, Mills, Ren, Razor, Smoke e Basi.

Agradeço a colega Dayana Souza pela consideração e discussão sobre o método empregado na pesquisa.

Agradeço ao colega José Henrique Rodrigues pelo apoio fundamental durante o decorrer do processo de mestrado.

Agradeço imensamente ao meu companheiro que esteve ao meu lado me auxiliando nos trâmites técnicos dessa pesquisa.

Aos meus pais pelo apoio incondicional.

Resumo

Nesta pesquisa, analisa-se de uma forma descritiva 24 cadernos de desenho nomeados Blackbooks, ligados à expressão artística do graffiti da cena da Grande Vitória- GV. Buscou-se traçar um estudo com base no surgimento destes suportes a fim descrever e esquematizar suas tipologias. Para isso, consideramos conceitos, metodologias e ferramentas catalográficas desenvolvidas na área da arquivologia, iniciando com o estudo de 19 blackbooks, em uma perspectiva mais ampla e, finalmente, em um recorte mais específico, o estudo sobre 5 cadernos de um sujeito chamado Basi. Em um primeiro momento, foi possível perceber que desde a antiguidade, os cadernos são territórios assessores da poética do sujeito praticante da atividade de desenho, sendo ela: um esboço, um esquema, um devaneio ou uma caricatura finalizada. Surgem daí cadernos compartilhados e autografados chamados de *Amicorum*, em que as pessoas trocavam desenhos e assinaturas por onde viajavam. Em um segundo momento, realizamos o resgate de desenhos presentes nos cadernos estudados, em uma perspectiva catalográfica e classificatória. Por fim, com análise de cadernos de Basi, percebemos uma interligação das imagens retirados destes cadernos com os outros estudados.

Palavras chave: graffiti, cadernos de desenho, blackbooks, arte de rua.

In this research, 24 sketchbooks named Blackbooks, linked to the artistic expression of graffiti in the Grande Vitória-GV scene, are analyzed in a descriptive way. We sought to outline a study based on the emergence of these supports in order to describe and outline their typologies. For this, we consider concepts, methodologies and cataloging tools developed in the area of archival science, starting with the study of 19 blackbooks, in a broader perspective and, finally, in a more specific cut, the study of 5 notebooks of a subject called Basi. At first, it was possible to perceive that since antiquity, the notebooks are advisory territories of the poetics of the subject practicing the drawing activity, being: a sketch, a scheme, a daydream or a finished caricature. From there arise shared and autographed notebooks called Amicorum, in which people exchanged drawings and signatures wherever they traveled. In a second moment, we carried out the rescue of drawings present in the studied notebooks, in a cataloging and classifying perspective. Finally, with the analysis of Basi's notebooks, we noticed an interconnection of the images taken from these notebooks with the others studied.

Keywords: graffiti, sketchbooks, blackbooks, street art.

Ata anexada

7

7

Sumário

8

Introdução.....	23
Capítulo 1	30
Por uma definição: o que é um blackbook?.....	30
1.1- Cadernos e cadernos	32
1.2- Sobre blackbooks	39
1.3- Por uma definição	45
Capítulo 2	55
Por uma descrição e análise do Acervo de Blackbooks do Laboratório de Extensão LEENA.....	55
2.1 Os Blackbooks Pretos	62
2.1.1 – Blackbook de Keka	68
2.1.2 – Blackbooks de Kika	71
2.1.3- O blackbook de Kika adesivado	75
2.1.4 – Blackbook de Liam	80
2.1.5 - Blackbook Luhan	84
2.1.6 – Blackbook de Pera.....	88
2.1.7 - Blackbook 2 de Pera	92
2.1.8- Blackbook de Shorty.....	96
2.1.9- Blackbook de Starley	105
2.1.10- Blackbook de Tyco	110
2.1.11- Blackbook de Zumbi.....	116

2.2 Blackbooks Vermelhos	122	9
2.2.1- O Livro de Inglês de Nilbae	122	
2.2.2 – O Caderninho vermelho de Mills	126	
2.3 Blackbooks Espirais.....	132	
2.3.1- Blackbook Kika espiral.....	132	
2.3.2- Blackbook de Razor	136	
2.4 Blackbook Preliminar dos Muros	139	
2.4.1 – Blackbook Smoke	140	
2.4.2- Blackbook de Ren	144	
2.5- Pasta Preta de Mills	150	
2.6- Análise geral.....	154	
Capítulo 3 –	155	
Blackbooks de Basi	155	
3.1 Metodologia utilizada	157	
3.1.1- <i>Tag</i> em Blackbook Espiral.....	159	
3.1.2- Anotações e Ilustrações do Blackbook Não Preto	165	
3.1.3- <i>Sticker</i> em Blackbook Azul em Espiral	172	
3.1.4- Sopa de Letrinhas, Blackbook Preto 2015/2016.....	179	
3.1.5- <i>WildStyle</i> Blackbook 2017	186	
3.1.6- Análise geral das imagens seleccionadas	193	
Considerações finais.....	194	

3	Anexos.....	196	1
	Anexo 1.....	196	
	Anexo 2.....	197	
	Anexo 3.....	198	
	Referencial teórico:.....	200	
	Glossário.....	206	

Lista de Figuras

1

Figura 1 Caderno de anotação pessoal utilizado entre o ano de 2017 a 2018. (Fonte: Acervo Pessoal).....	24
Figura 2 Missão do Museu Americano do Graffiti. O Museu da Cidade de Nova Iorque	40
Figura 3 - Instalação dos blackbooks na exposição City as Canvas: Graffiti Art from the Martin Wong Collection.....	42
Figura 4 - “The Super Juicer” criado por Tracy 168, incluído em “the Blue Black Book”	42
Figura 5 - Print retirado do tour virtual da exposição “OSGEMEOS: SEGREDOS” 2020/2021.....	44
Figura 6 - Print retirado do tour virtual da exposição “OSGEMEOS: SEGREDOS” 2020/2021	44
Figura 7 - Alba amicorum na exposição Alba amicorum - or 'friendship albums'	46
Figura 8 - Liber amicorum que pertenceu a Buchard Grossmann.	47
Figura 9 - Rembrandt ao assinar o liber amicorum de Buchard Grossman em 1634.....	48
Figura 10 – Pintura ao vivo da culminação da reunião das assinaturas para o L. A. Black book na galeria ESMOA. Acesso em: http://jimmchugh.blogspot.com/2014/06/ . Acesso: 05.05.2022	49
Figura 11 – LA blackbook com desenhos originais, não o disponibilizado para a venda.	49
Figura 12 – Existem 2 tipos de blackbook –Salve os Muros.....	53
Figura 13 - Capas dos blackbooks pretos recolhidos na pesquisa.....	62
Figura 14 Capa do blackbook de Acop (Fonte: acervo pessoal).	65

Figura 15 - Desenho de ACOP (Fonte: Acervo Pessoal)	65	1
Figura 16 - Desenho de Alex para Acop (Fonte: Acervo Pessoal).....	66	
Figura 17 - Capa do blackbook de Keka (Fonte: Acervo Pessoal).....	68	
Figura 18 - Estudo de desenho – meninas (Fonte: Acervo Pessoal)	69	
Figura 19 - Adesivos na contracapa de Keka (Fonte: Acervo Pessoal).....	69	
Figura 20 - Blackbook preto cruz – Kika (Fonte: Acervo Pessoal)	71	
Figura 21 - Autorretrato (Fonte: Acervo Pessoal).....	72	
Figura 22 - Desenho de observação (Fonte: Acervo Pessoal).....	72	
Figura 23 - Letra Kika e desenho textura (Fonte: Acervo Pessoal).....	73	
Figura 24 - Projetos no blackbook (Fonte: Acervo Pessoal).....	73	
Figura 25 - o Blackbook adesivado (Fonte: Acervo Pessoal)	75	
Figura 26 Autorretrato - GRAFITE EXPRESSÃO, Festival de Mulheres no Hip-hop 2016		
Autorretrato - GRAFITE EXPRESSÃO, (Fonte: Acervo Pessoal).....	76	
Figura 27 FEME. Foda-se e Coletivo das Mina em estilo Bomb (Fonte: Acervo Pessoal)		
.....	76	
Figura 28 - Respeit As Mina, estudo feminino e lata em spray FEME. (Fonte: Acervo pessoal)		
.....	77	
Figura 29 - Filosofia da arte. (Fonte: Acervo pessoal)	77	
Figura 30 - Estudo de Letras, cores variadas, nunca serei sua, em estilo bomb. (Fonte: Acervo pessoal)		
.....	78	
Figura 31 - Assinatura Kika, Kika em estilo Bomb cores variadas. (Fonte: Acervo pessoal)		
.....	78	
Figura 32 - Blackbook Liam. (Fonte: Acervo pessoal)	80	

Figura 33 - Recolhimento de Assinatura. (Fonte: Acervo pessoal).....	81	1
Figura 34 - Ilustração de Liam. (Fonte: Acervo pessoal)	81	
Figura 35 - Continuação do projeto Copenhagen, espelho de um lettering e resquício de uma folha rasgada. (Fonte: Acervo pessoal)	82	
Figura 36 - Projeto Copenhagen eLettering estilo bomb do Ren. (Fonte: Acervo pessoal)	82	
Figura 37 - capa blackbook de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal).....	84	
Figura 38 - Há valor para Luhan que insere seus telefones para caso ele o perca consiga a devolução. (Fonte: Acervo pessoal).....	85	
Figura 39 - Estudo de símbolos. (Fonte: Acervo pessoal).....	85	
Figura 40 - Luhan copia um poema de A. Shakik. (Fonte: Acervo pessoal).....	86	
Figura 41 - Ilustração de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal)	86	
Figura 42 - Capa do blackbook de Pera. (Fonte: Acervo pessoal)	88	
Figura 43 - Estudo de letra Pera. (Fonte: Acervo pessoal).....	89	
Figura 44 - Estudo de letra Pera. (Fonte: Acervo pessoal).....	89	
Figura 45 – Autorretrato Pera. (Fonte: Acervo pessoal)	90	
Figura 46 - Capa de blackbook de Pera. (Fonte: Acervo pessoal)	92	
Figura 47 - Estudo de Letra. (Fonte: Acervo pessoal).....	92	
Figura 48 - Recolhimento de tag. (Fonte: Acervo pessoal).....	93	
Figura 49 - Ilustração Pera. (Fonte: Acervo pessoal)	93	
Figura 50 - Autorretrato. (Fonte: Acervo pessoal)	94	
Figura 51 - Adesivos Final de capa. (Fonte: Acervo pessoal).....	94	

Figura 52 - Capa do Blackbook de Shorty. (Fonte: Acervo pessoal)	96	1
Figura 53 - Desenhos soltos no BB de Shorty. (Fonte: Acervo pessoal)	97	
Figura 54 - estudo desenho shorty. (Fonte: Acervo pessoal)	98	
Figura 55 - Assinaturas em réu. (Fonte: Acervo pessoal)	98	
Figura 56 - Lettering Acop. (Fonte: Acervo pessoal).....	99	
Figura 57 - Lettering Liam. (Fonte: Acervo pessoal).....	100	
Figura 58 - Lettering em colaboração Shorty e Razor. (Fonte: Acervo pessoal)	101	
Figura 59 - Ilustração de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal)	102	
Figura 60 - Lettering de Tyco. (Fonte: Acervo pessoal)	102	
Figura 61 - Lettering de Basi. (Fonte: Acervo pessoal)	103	
Figura 62 - Lettering de Zumbi. (Fonte: Acervo pessoal).....	103	
Figura 63 - Capa do blackbook de Starley. (Fonte: Acervo pessoal)	105	
Figura 64- Anotação para a aula de Filosofia da Arte. (Fonte: acervo pessoal).....	106	
Figura 65 - Desenho, página rasgada e restos de borracha. (Fonte: Acervo Pessoal).	106	
Figura 66 - Ilustração e esboço (Fonte: acervo pessoal)	107	
Figura 67 - Letras Variadas de Shorty (STY). (Fonte: Acervo pessoal).....	107	
Figura 68 - Intervenção. (Fonte: acervo pessoal)	108	
Figura 69- Capa do blackbook de Tyco. (Fonte: acervo pessoal)	110	
Figura 70 - Ilustração Throw-up Tyco. (Fonte: acervo pessoal)	111	
Figura 71 - Variadas assinaturas de Tyco (Fonte: acervo pessoal)	112	
Figura 72 – Dedicatória de Mills para Tyco. (Fonte: acervo pessoal)	113	

Figura 73 - Teste de Material. (Fonte: acervo pessoal)	113	1
Figura 74 - Personagem Tyco. (Fonte: acervo pessoal)	114	
Figura 75 - Capa Blackbook Zumbi. (Fonte: acervo pessoal).....	116	
Figura 76 - Lettering em bomb variadas. (Fonte: acervo pessoal)	117	
Figura 77 - Estudos de bomb. (Fonte: acervo pessoal).....	118	
Figura 78- Personagem em que Zumbi repete na rua. (Fonte: acervo pessoal).....	118	
Figura 79 - Estudo em nanquim preto. (Fonte: acervo pessoal).....	119	
Figura 80 - Lettering em contraste e ilustração de Zumbi. (Fonte: acervo pessoal)	119	
Figura 81 - Final de capa Zumbi. (Fonte: acervo pessoal)	120	
Figura 82 - Capa do Blackbook de Nilbae. (Fonte: acervo pessoal)	122	
Figura 83 - Folhinha de Nilbae. (Fonte: acervo pessoal)	123	
Figura 84 - Coleção de assinaturas. (Fonte: acervo pessoal).....	124	
Figura 85 - Capa do Blackbook Vermelho de Mills. (Fonte: acervo pessoal)	126	
Figura 86 - Ilustração em Letras no estilo Bomb de Gold, ano de 2016.....	127	
Figura 87 - Lettering de Starley (Fonte: acervo pessoal)	128	
Figura 88 - Reú no Blackbook Vermelho de Mills (Fonte: acervo pessoal)	129	
Figura 89 - Desenhos e adesivos avulsos no blackbook vermelho de Mills	130	
Figura 90 - Capa do blackbook espiral Kika (fonte: acervo pessoal).....	132	
Figura 91 - Bom DasMina e os pseudônimos das componentes (Fonte: acervo pessoal)	133	
Figura 92 - Das Mina Kika (Fonte: acervo pessoal).....	133	
Figura 93 – Bomb e desenho de Kika (Fonte: acervo pessoal)	134	

Figura 94 – Bomb de Kika (Fonte: acervo pessoal)	134	1
Figura 95 - Capa de Razor. (Fonte: acervo pessoal).....	136	
Figura 96 - Contracapa de Razor. Fonte: acervo pessoal	137	
Figura 97 - Estudo de letras. (Fonte: acervo pessoal).....	137	
Figura 98 - Os Super blackbook do graffiti- Preliminares dos Muros. Pertencem a Smoke e Ren.....	139	
Figura 99 - Capa de Smoke (Fonte: arquivo pessoal)	140	
Figura 100 - Primeira Folha do blackbook de Smoke (Fonte: arquivo pessoal)	141	
Figura 101 - Lettering de Basi no blackbook de Smoke. (Fonte: arquivo pessoal)	141	
Figura 102 - Ilustração Starley (Fonte: arquivo pessoal)	142	
Figura 103- Capa do blackbook de Ren. (Fonte: arquivo pessoal)	144	
Figura 104 - Coleção de ilustrações de outras pessoas. (Fonte: arquivo pessoal).....	145	
Figura 105 - Colagem de ilustração de Aleks (Fonte: arquivo pessoal).....	146	
Figura 106 - Lettering de Fone em desenho pautado. (Fonte: arquivo pessoal)	146	
Figura 107 Adesivos de Aleks, Basi, Paraink e Pera (Fonte: arquivo pessoal).....	147	
Figura 108 - Adesivo de Kika.(fone: arquivo pessoal).....	148	
Figura 109 Ilustração de Ren. (Fonte: arquivo pessoal).....	148	
Figura 110 - Capa do Blackbook pasta de Mills. (Fonte: arquivo pessoal).....	150	
Figura 111 - Reú da ponte + PBB 26/09/2014. (Fonte: arquivo pessoal)	151	
Figura 112 - Reú 24/09/2014 (Fonte: arquivo pessoal).....	151	
Figura 113 - Adesivos. (Fonte: arquivo pessoal).....	152	
Figura 114 - Os cinco blackbooks de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)	157	

Figura 115 - Capa do blackbook espiral de Basi do ano de 2013. De tamanho A6, caderno com metal em sua espiral empenada, extremidades gastas e rasgadas, desenhos feitos em sua capa por seu dono e um elástico frouxo que fecharia este caderno. *Fonte: arquivo pessoal)	159
Figura 116 - Página 20 do blackbook em espiral. (Fonte: arquivo pessoal.)	159
Figura 117 - Capa não preta - (Fonte: arquivo pessoal)	165
Figura 118 - Página 27 do Blackbook não preto de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)	166
Figura 119 Blackbook Azul com espiral de Basi. Caderno contém lona que protege sua espiral em metal, capa plástica em azul e 7 adesivos desbotados. Ano sugerido é entre 2014 e 2015. (Fonte: arquivo pessoal)	172
Figura 120 -Capa e capa final blackbook azul com espiral.(Fonte: arquivo pessoal) .	172
Figura 122 - Semelhança com os Blackbooks preliminar dos muros. (Fonte Arquivo pessoal)	173
Figura 123 - Página 81 com stickers com os codinomes de Prego, Basi, Salve os Muros, Iran, Pera, Kelf, Fora Temer e Espanca Crânio. (Fonte: arquivo pessoal)	175
Figura 124 - Capa preta 2015/2016. (Fonte: arquivo pessoal)	179
Figura 125 - Sopa de letrinha - Trama, Fone, Moska, Iran e Basi. (Fonte: arquivo pessoal)	181
Figura 126 - Blackbook de tamanho A5 é de capa preta, contém manchas de tinta cinza e desgaste das bordas, ele foi usado no ano de 2017. (Fonte: arquivo pessoal).....	186
Figura 127 - Página 61 do blackbook de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)	188

Lista de Tabela

1

Tabela 1 - Quadro de estrutura do acervo de blackbook do Laboratório de Extensão em Arte - LEENA.....	58
Tabela 2 - Ficha de descrição do Blackbook de Acop.	67
Tabela 3 - Ficha de descrição do blackbook de Keka.	70
Tabela 4 - Ficha de Descrição do Blackbook 1 de Kika	74
Tabela 5 - Ficha de descrição do Blackbook 2 de Kika.	79
Tabela 6 - Ficha de descrição do Blackbook de Liam.....	83
Tabela 7 Ficha de descrição do Blackbook de Luhan	87
Tabela 8 Ficha de descrição do Blackbook 1 de Pera	91
Tabela 9 Ficha de descrição do Blackbook 2 de Pera	95
Tabela 10 Ficha de descrição do Blackbook de Shorty.....	104
Tabela 11 Ficha de descrição do Blackbook de Starley	109
Tabela 12 Ficha de descrição do Blackbook de Tyco	115
Tabela 13 Ficha de descrição do Blackbook de Zumbi.....	121
Tabela 14 Ficha de descrição do Blackbook de Nilbae.....	125
Tabela 15 Ficha de descrição do blackbook de Mills.....	131
Tabela 16 Ficha de descrição do Blackbook espiral de Kika.....	135
Tabela 17 Ficha de descrição do Blackbook de Razor.....	138
Tabela 19 Ficha de descrição do Blackbook de Smoke	143
Tabela 20- Ficha de descrição do Blackbook de Ren.....	149
Tabela 21 Ficha de descrição do Blackbook pasta preta de Mills.....	153
Tabela 22 Ficha de descrição do Blackbook espiral de Basi.....	160
Tabela 23 Ficha de descrição do Blackbook Não Preto de Basi	167
Tabela 24 Ficha de descrição do Blackbook espiral azul de Basi.....	174
Tabela 25 Ficha de descrição do Blackbook preto1 de Basi	180
Tabela 26 Ficha de descrição do Blackbook preto 2 de Basi.....	187

Lista de Quadros

2

Quadro 1- Nível contextual Tag em Blackbook espiral.	161
Quadro 2 - Nível Morfológico - tag em Blackbook espiral.....	162
Quadro 3 - Nível composicional - tag em Blackbook espiral.	163
Quadro 4 - Nível enunciativo Tag em Blackbook espiral	164
Quadro 5 - Nível contextual anotações e ilustrações em Blackbook não preto.	168
Quadro 6 - Nível morfológico - Anotações e ilustrações em Blackbook não preto.....	169
Quadro 7 - Nível composicional de anotações e ilustrações em blackbook Não Preto de Basi.	170
Quadro 8 - Nível enunciativo de Anotações e ilustrações em Blackbook não preto...	171
Quadro 9 - Nível contextual Sticker em blackbook azul espiral	175
Quadro 10 - Nível morfológico Sticker em Blackbook azul espiral	176
Quadro 11 - Nível composicional - Sticker em blackbook azul espiral.	177
Quadro 12 - Quadro enunciativo, Sticker em Blackbook azul espiral.	178
Quadro 13 - Nível contextual Sopa de letrinha em blackbook preto 1 de Basi.....	182
Quadro 14 - Nível morfológico Sopa de letrinha em Blackbook preto 1 de Basi,.....	183
Quadro 15 - Nível Composicional Sopa de letrinhas em Blackbook preto 1 deBasi...	184
Quadro 16- Nível Enunciativo - Sopa de letrinhas em Blackbook preto 1 de Basi	185
Quadro 17 - Nível contextual – <i>Wildstyle</i> Blackbook preto 2 de Basi	189
Quadro 18 - Nível morfológico Wildstyle em blackbook preto 2 de Basi.....	190
Quadro 19 - Nível Composicional <i>Wildstyle</i> blackbook preto de Basi 2.	191
Quadro 20 - Nível Composicional <i>Wildstyle</i> blackbook preto de Basi 2.	192

Introdução

O termo “*graffiti*” aqui usado é uma escolha terminológica que visa abranger uma grande área. Este termo traduzindo para o português brasileiro seria definido de maneira mais assertiva ao usarmos o termo pichação com a grafia ‘ch’ assim que chegou ao Brasil. No início dos anos de 1990 o termo pichação com a grafia em ‘x’ seria mais adequado, se tratando da ilegalidade transgressora de tal ato (LASSALA, 2011). Essa relação entre a terminologia e a construção do movimento do *graffiti* no Brasil abrangeu diversos acontecimentos como a criação do estilo próprio, das intervenções que foram feitas (ZAILLER, 2013). Para o Brasil a grafia grafite – escrito da mesma maneira que se escreve sobre o material que contém dentro do lápis - é um abasileiramento, que se utilizou nos anos de 1980 para falar de uma “nova arte” que estava chegando ao Brasil e assim se auxiliava em escapar de algumas detenções (*Ibidem*). Estas discussões se estendem para diversos campos, como por exemplo, estudos sobre a arte, direito, sociologia, antropologia, dentre outros. Com isso, a escolha da grafia “*graffiti*” para esta pesquisa também se dá pelo fato de que os sujeitos pesquisados neste trabalho optam por utilizar esta terminologia ao fazer referência a esta prática.

Esta dissertação está apoiada em inserções exploratórias da minha pesquisa em Iniciação Científica - IC, no período de 2016/2019, realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Nestas inserções o *graffiti* capixaba foi estudado a partir de uma temática que considera tais intervenções urbanas práticas artísticas culturais realizadas no espaço da cidade. A pesquisa teve como objetivo buscar as principais tendências, repertórios e acontecimentos do *graffiti* no Espírito Santo - ES. O levantamento inicial da pesquisa foi baseado em dados reunidos a partir de entrevistas feitas com os próprios compositores da cena¹, projetando então a voz desses sujeitos.

¹ O *graffiti* faz parte do movimento cultural denominado *hip hop*, sendo que o *graffiti* surge como um ramo dessa cultura. (RAHN, 2002). É indispensável evidenciar o caráter jovem do movimento nessa época.

Nesse contexto, ao adotar o uso do caderno de desenho sem pauta para fazer anotações durante as IC's, decidi recolher as assinaturas como uma forma de lembrança e coleção. Com o tempo, passei a recolher daqueles que conhecia de forma rápida em *reús*² ou batalhas de rima. Essa rapidez é algo característico do “fazer *graffiti*”, que acontece na ilegalidade e pode-se perceber com mais precisão a fluidez que se dava esse modo de fazer.



Figura 1 Caderno de anotação pessoal utilizado entre o ano de 2017 a 2018.
(Fonte: Acervo Pessoal)

A partir do contato com as diversas materialidades no modo de se “fazer *graffiti*”, foi possível notar a diversidade de formatos dos cadernos de desenhos encontrados em posse dos compositores dessa cena, chamados *blackbooks*³ (BB). Durante o período entre

² *Reús* é um termo utilizado pelos componentes da cena do *graffiti* para expressar a palavra reunião, encontro.

³ Nesta dissertação convencionou-se a usar o termo “blackbook” sem itálico porque espera-se realizar uma proposta de conceitualização, adequando-o ao contexto brasileiro (ao português), tratando-se de vivências

os anos de 2017 e 2018, foram coletados 26 cadernos, de 16 sujeitos, todos mapeados e 2
escaneados. Com isso, o interesse de uma pesquisa sobre esse material foi expandido,
principalmente pela quantidade de blackbooks encontrados. Esses materiais falam não
apenas especificamente do trabalho que ocupa as ruas no ecossistema urbano, mas de um
momento anterior: seu processo criativo.

O blackbook é normalmente conhecido como o ‘caderno de desenhos’ de um
sujeito que pratica esse fazer *graffiti*; tradicionalmente, estes cadernos têm sua capa de
cor preta, e foram comumente usados nos anos 1970 nos Estados Unidos - EUA. No seu
conteúdo, pode-se apresentar esboços, desenhos, adesivos, colagens, repertórios,
processos, trocas, coleções dos trabalhos do indivíduo que o possui e assinaturas do tipo
*tag*⁴ de outros sujeitos que participam do movimento do *graffiti*.

Com essas funcionalidades apresentadas, a pesquisa toma forma para mapear
diferentes BB de grafiteiros capixabas, buscando analisar sua terminologia, seu modo de
uso, sua materialidade, seus casos particulares dentro desse recolhimento, considerando,
para sua análise uma revisão bibliográfica que dê suporte teórico, histórico e
metodológico para a pesquisa.

A metodologia dessa pesquisa se apoiou em três procedimentos: (1) leitura de
literaturas críticas sobre arte pública, arte urbana e *graffiti*; (2) organização e catalogação
das imagens presentes nos BBs estudados e na coleta de documentos pessoais para
análise; (3) realização de análises imagéticas.

O objeto de pesquisa da dissertação consiste no estudo de aspectos da prática do
graffiti vista a partir dos documentos pessoais dos grafiteiros, evidenciando um olhar no
seu processo criativo. Para tal, tomamos em uma série de cadernos de *graffiti* -
Blackbooks - recolhidos pela Grande Vitória, com um total de 26 cadernos de 16

e práticas cotidianas e comuns a um meio (o cenário do *graffiti* capixaba). Percebeu-se que neste ambiente,
o uso do termo já consta como algo corriqueiro e por isso, não o consideramos uma terminologia apenas
estrangeira, mas sim, comum à vivência destes sujeitos.

⁴ O termo *tag* é um tipo de assinatura que se apresenta ilegível e que traduz o sujeito para o movimento
graffiti.

compositores da cena do *graffiti*. A partir desse *corpus* inicial, propomos uma reflexão a respeito dos modos de uso, suas formas e as características que os compõem. Nestes cadernos (BB) se encontram diversas expressões do universo do *graffiti* - desenhos, adesivos, estilos, assinaturas, trocas e interações. Na busca por uma síntese que compreenda o sentido do que se entende por *blackbook*, tomamos uma bibliografia de referência, assim como o que os seus donos relatam a respeito do seu significado e o que é possível identificar analisando estes cadernos; assim, pretende-se refletir sobre as relações possíveis entre o seu dono e o objeto *blackbook*. Como *corpus* específico da pesquisa, utilizaremos os cadernos de Basi⁵ e levantamos uma (pré) análise nos outros dezoito cadernos recolhidos, para uma possível catalogação.

O *blackbook* está inserido em uma grande área da Arte Urbana que é o *graffiti*, este por sua vez, apresenta etnografias, estilos e técnicas da prática cultural artística do *graffiti* que advém do movimento *hip hop*. O recorte inicial dessa pesquisa consiste em 26 *blackbooks* recolhidos e escaneados no ano de 2018. A partir daí, escolhemos um compositor da cena do *graffiti*, Basi, como figura representativa deste cenário e como um parâmetro para a análise que pretendemos desenvolver em relação aos outros sujeitos estudados. A limitação a um grafiteiro e seus cadernos se dá também pela curta temporalidade dos estudos em nível de mestrado.

Consideramos também, a temporalidade dos *blackbooks* que varia de acordo com cada dono. Perpassando do mais antigo entre aqueles por mim coletados inicialmente (de 2013 até o mais novo (de 2018), pode-se notar uma conexão entre os *blackbooks* catalogados que descrevem uma narrativa com o tempo em que vivem, a temática urbana e principalmente em seus encontros.

O termo *blackbook*, muito utilizado no cenário do *graffiti* para remeter aos cadernos de desenhos, não possui uma definição no âmbito acadêmico de uma forma sistematizada. Pensando nisso, esta pesquisa busca exatamente contribuir para esta definição, partindo de uma série de análises críticas e empíricas a partir dos modos de uso deste tipo de suporte por parte dos grafiteiros. Compreende-se que o caderno de desenho

⁵ Sujeito que cedeu 5 *blackbooks* para a realização desta pesquisa.

é uma ferramenta visual que auxilia o ser humano a projetar e pensar. Portanto, a partir 2 desse grupo focal, que são os sujeitos do *graffiti*, faz criar ou estabelecer um conhecimento sobre este movimento cultural artístico contemporâneo, que, antes de ser valorizado por museus e galerias, *marketing* e moda, ainda são marginalizados. Outro ponto importante é o que apresenta a biblioteca *Brooklyn Art Library* em, Nova Iorque,⁶ que relata a ideia de que um passo importante para o estudo da criatividade do ser humano seria o uso dos cadernos.

Por isso, através desta análise, busca-se também, identificar aspectos das intenções artísticas, verificando índices da interação com o ambiente urbano, a produção de desenhos e coleções de assinaturas. O movimento de formação de cultura e subcultura no âmbito do espaço público é crescente, por isso os processos de criação em arte existentes nesse cenário urbano são de característica efêmera, assim como os objetos que emergem deles nos muros e espaços urbanos. Estudando esses cadernos, podemos encontrar as características deste movimento que ocupa e questiona a cidade e suas relações e, independente da efemeridade dessas materializações, essas intervenções, muitas de impacto ativista, podem ser acessadas nos bastidores de sua criação, pois sua existência como potência criadora se evidencia e se concentra em um objeto que funciona como extensão da memória, o *blackbook*. Sua presença em potência ou em protótipo no BB faz com que ele possa ter uma duração maior do que as intervenções realizadas em âmbito urbano (a obra na rua).

Estes cadernos são, portanto, possibilidades de analisar momentos, eventos, encontros ou identidades ligadas ao mundo do *graffiti*, que podem não ter deixado registros físicos no espaço urbano. Na tentativa de realizar essa análise, propomos catalogar esses cadernos e analisá-los como produção artística e não apenas como processos.

⁶ Esse é um projeto realizado por Steven Peterman e Shane Zucker que consiste em uma biblioteca composta por *sketchbooks* de desenhos. Contendo mais de 50 mil exemplares de *sketchbooks* e está sempre a aceitar novas contribuições. <https://brooklynartlibrary.org/mission>. Acessado em: 19.06.2022.

Trata-se então de uma pesquisa exploratório-descritiva que, a partir de um estudo 2 de caso, busca estabelecer possibilidades de investigação sobre os bastidores do *graffiti* capixaba: o estudo e o papel dos blackbooks, aqui tomados como territórios de testagem, mas também como *locus* de permanência da obra em detrimento de sua efemeridade nas ruas das cidades.

No primeiro momento, buscamos referências históricas e críticas na literatura acadêmica relacionadas ao assunto, a fim de ampliar a reflexão a respeito de uma definição sobre esses cadernos, principalmente em relação ao processo criativo desses autores, e relacionar os conceitos dos cadernos de desenhos, que serão importantes para a análise do processo de criação. Já em um segundo momento, pretende-se buscar nos outros blackbooks encontrados, argumentos para sustentar as hipóteses levantadas e refletir sobre as questões desenvolvidas, mas em uma perspectiva prática e empírica, considerando o olhar da pesquisadora. No terceiro momento, utilizando uma metodologia mais específica⁷, analisamos cinco cadernos de um sujeito da cena do *graffiti* capixaba, o Basi. Serão considerados aspectos do seu processo de criação e com isso poderemos estabelecer uma conexão com o espaço da rua.

A partir desses três pontos, pretende-se desenvolver um raciocínio a respeito do tema em uma perspectiva acadêmica, por meio da bibliografia de referência consultada. A pesquisa se dá em uma ótica centralizada em uma poética específica, a fim de perceber o que é possível compreender analisando uma poética de forma separada. Por fim, através de uma análise geral sobre outros cadernos encontrados, buscamos identificar aspectos gerais que possam contribuir para a pesquisa.

Portanto, pretende-se ampliar e revisar a bibliografia que temos sobre a temática de cadernos de processos de criação, livro de artista e blackbook, que está inserida no primeiro capítulo. Assim, ao alcançar uma proximidade em busca de uma definição que seja flexível por causa da heterogenia do movimento do *graffiti*. Com isso, intenciona-se analisar os blackbooks a partir da sua materialidade, constrói-se parcialmente um

⁷ Utilizamos a Proposta de Modelo de Análise de Fotografia da Universidade Jaume I, Analisisfotografia (FELICI & TARIN, 2011)

apanhado do que se coletou no primeiro tópico do capítulo 2 e o capítulo 3 consiste em 2 uma análise de 5 blackbooks de um sujeito de codinome Basi.

Capítulo 1

Por uma definição: o que é um blackbook?

As intervenções urbanas estão presentes no cotidiano da sociedade e se apresentam de variados repertórios, produzidas a partir de discursos e de indivíduos diferentes em que propõe para o outro que a vê. As práticas urbanas são como marcas da prática social, afetiva e política do espaço urbano

Buscando pensar essas práticas urbanas do *graffiti* na Grande Vitória (ES) que se deu pelo crescente número de praticantes dessas cidades, pode-se observar a arte de rua ganhando um espaço de discussão nas instituições de arte e alça um diálogo com a visualidade que se dá na urbe por intermeio de seus praticantes. Nesse contexto, o cenário de vivência e experimentações no espaço urbano também é inserido em cadernos de desenhos, não apenas ampliando os repertórios desses sujeitos, também revelando seus processos de criação.

Com isso, a discussão de uma leitura desses blackbooks auxilia na reflexão das intervenções que refletem na GV, possibilitando um estudo que analisa o cenário da arte de rua dentro dos aspectos da teoria e da história da arte no Espírito Santo, em especial das obras que ocupam, de modo permanente ou não, o espaço urbano. Para isso é necessário apresentar uma discussão sobre o espaço urbano e arte pública para situar o espaço físico e contestatório que ocorre o *graffiti*. O espaço urbano é propositivo das interações dos seres humanos, manifestações políticas, festas religiosas, dentre outros, e nele se instaura o que chamamos de Arte Pública, que se caracteriza por aspectos memorialistas ou ativistas da nossa sociedade, estando ligada a um poder instaurado, pelas elites ou pelas práticas de resistência. Como também, buscam se afirmar para o

futuro e não deixar os feitos do passado em esquecimento, edificando monumentos ou 3
críticas a eles movimentando um oceano de temporalidades. Em síntese, podemos
observar o fato de que cada obra inserida na cidade está carregada de um valor político e
ideológico passível de críticas. Assim, considerando que a arte pública é uma forma de
preencher espaços urbanos, homenagear povos e pessoas, de lembrar esses fatos e
personalidades às novas gerações que não presenciaram essa memória, e que muitas vezes
não se sentem representadas por elas. Dessa forma que explicamos o campo
contestacional que é o território de ação ativista dos “grafiteiros”.

Com isso, a formação estética de uma população que não reconhece a arte que
está imposta e que também não a representa começa a ganhar na cidade, intervenções
espontâneas. Portanto, essas intervenções espontâneas criam abalos no que se
compreende de uma noção do senso comum do que é obra de arte (PEREIRA, 2011). Um
dos seus abalos é a saída das obras do sistema comum de arte como os museus e galerias,
em que há a perda aurática das obras de arte. Já as intervenções urbanas espontâneas do
graffiti sofrem da necessidade de uma validação pois, seu comportamento transgressor,
sua permanência efêmera e seus materiais de natureza dinâmica se perdem dentro de um
sistema de arte que necessita de validar suas obras e a formação estética do senso comum
acaba não compreendendo sua existência, pois é no seu contexto que as intervenções
ganha conceito e compreensão. Contudo, essa descontextualização da obra de arte, ou
seja, a retirada do sistema de arte é exatamente a força que o *graffiti* possui: ela atrai um
outro tipo de atenção, um olhar dentro do caos do urbano, uma aproximação da arte a
realidade cotidiana e a possibilidade de realização ao humano comum. Sem cânones e
sem aura o *graffiti* alcança “*mil jovens armados com pincéis e sprays para embaralhar a
sinalética urbana e desfazer a ordem dos signos*”⁸.

O relacionamento entre os pares no *graffiti* é de suma importância para que seu
movimento, enquanto prática social, se perpetue. A partir dos anos de 1990, começou
uma nova geração de artistas de rua em Vitória, com uma nova reformulação do *graffiti*,
a pixação em evidência com a competitividade das *crews*⁹ crescendo e sendo fortemente

⁸ PINHEIRO, 2007, p. 180

⁹ Tradução de livre para a palavra grupo. Os componentes de uma *crew* assinam o símbolo que indica sua *crew* junto com sua assinatura.

combatida tendo como reação mais pixação e o espalhamento de assinaturas pelas cidades 3
(KNAUSS, 2001). A construção de *crews* define os grupos que acionam essas intervenções também nas cidades da Grande Vitória - GV no Espírito Santo - ES por meio do movimento do *graffiti*. É possível compreender como no movimento *graffiti* há suas cenas, vertentes e tradições pelo campo da antropologia e etnografia dos sujeitos que compõem o cenário capixaba. Para os cadernos recolhidos é importante ressaltar essa composição de variadas temáticas e definições desse universo. Por isso, faz-se o grifo importante que auxilia no delimitar tanto da pesquisa quanto nos objetos:

A cena do graffiti extrapola a prática do graffiti, e tem como recorte um momento histórico com uma tradição estética que se modificou ao longo do tempo. Nesta tradição, o campo da arte teve influência e hoje faz parte da cena do graffiti as intervenções legais, os painéis, murais, telas, elementos de decoração e peças publicitárias, isso não é graffiti, mas compõe a cena. Em outro exemplo, em Vitória, a pixação compôs em determinado momento da história a cena do graffiti. (AUGUSTO, 2018, p. 51)

O fato de estar em contato com a cena do *graffiti* capixaba, ao longo dos anos a que me dedico a esta pesquisa, permitiu verificar que o trabalho do *graffiti* não se inicia na instantaneidade do trabalho nas ruas. Ser inserida no cenário interno do *graffiti* capixaba possibilitou conhecer mais o universo que antecede as intervenções no ecossistema urbano. Relações processuais distantes das ruas, e presentes na cena do *graffiti*. Assim, a aproximação com o tempo preliminar evidenciou o papel dos cadernos de anotações nos quais esses artistas fazem a testagem das intervenções, assim como estabelecem intervenções num redimensionamento do conceito de território. Portanto, entender esses cadernos e suas tipologias se tornou imperativo. Embora o uso de cadernos ou qualquer outro tipo de extensões da memória criadora (CIRILLO, 2004) sempre tenham acompanhado a criação artística, nasceram, para esta pesquisa os cadernos de “grafiteiros”: os Blackbooks.

1.1- Cadernos e cadernos

Ao levantar a questão motora para este tópico - qual a diferença de um caderno de desenhos para um blackbook? - foi necessário investigar o que há sobre os cadernos e seus comportamentos no processo de criação. Cadernos de desenhos vêm sendo utilizados desde que o ser humano descobriu como fazer papel. Um dos cadernos mais remotos tem

o formato códice¹⁰ e é datado da época medieval. Um exemplo desses cadernos de 3 desenhos medievais é o caderno de esboços de *Antonio Pisanello*. No primeiro terço do *quattrocento*¹¹, esse objeto começava a surgir com mais frequência e se tornava um aliado nos estudos de desenho (SAN PAYO, 2009). É nesse momento também que surgem as ideias humanistas nas quais o caderno surge como um suporte assessor do pensamento do artista (SILVA, 2013, p. 22).

O seu modo de uso, a finalidade do registro, a natureza de sua criação é o que busca a pesquisadora da área de processos de criação Laís Guaraldo (2012). Para ela, a nomenclatura/ terminologia do caderno independe da sua materialidade, pois é deixada de lado quando se busca compreender como as interações nos cadernos se dão.

Cadernos são grandes companheiros daqueles que desenvolvem qualquer tipo de atividade criativa. A diversidade de termos que fazem referência a esses pequenos suportes, como cadernos de viagem, de trabalho, de criação, cadernos gráficos, de artista, cadernos de rascunhos (*sketchbooks*), cadernos de idéias, são indicadores da sua diversidade funcional. (GUARALDO, 2012, p. 656)

Para o artista, o uso desse suporte é uma ferramenta visual que o auxilia a projetar, pensar, a consultar suas próprias memórias. É no desenho criado nesses cadernos que ele detém “a capacidade de ser sintético e reter uma grande densidade de informações” (SALLES, 2007, p. 37). Além do mais, ele tem em sua natureza a portabilidade, podendo ser utilizado em qualquer lugar, e por isso, registra momentos e pensamentos. Essas ideias e ocasiões espontâneas podem ser rascunhados, desenhados ou escritos em qualquer instante pela sua natureza espontânea de poder carregar um ateliê no “bolso”.

Então, nos cadernos de desenhos não iremos encontrar apenas desenhos. O caderno de desenho é um objeto quase íntimo, sem compromisso com a exposição. Portanto, dá ao seu dono maior liberdade em suas experimentações e testagens. Ele passa

10 Provém do latim *codex*. O Códice substituiu o rolo e o novelo no século IV d.C. a partir do uso das *wax writing tables* (foto em anexo 1) o que se deu o formato que conhecemos do livro costurado ou lombado. (Turner, 1996)

11 Período Renascentista que culminou as grandes ideias humanísticas, é nesse período que surge Primeiro Manual da Perspectiva escrito por Leon Battista Alberti que aumenta os estudos de desenho em perspectiva, então uma correspondência ao suporte do caderno para esses estudos.

a ser um território em que o seu dono explora, experimenta, realiza testagens 3
(GUARALDO, 2012).

[...] os cadernos de desenho não são vistos por quase ninguém. os artistas não costumam mostrar. os cadernos são blocos de folhas refiladas e agrupadas sequencialmente. e, paradoxalmente, espaços de uma complexa e desordenada multiplicidade. neles se estabelecem práticas pessoais e artísticas que escapam, burlam e confundem os modelos mais comuns de escrever, desenhar, mostrar e guardar. são espaços que fogem do que parece homogêneo e padronizado na nossa experiência. de forma que também este texto não tem um lugar dado, definido, já que ainda não existe ainda um jeito de olhar, nomear, classificar ou enquadrar a experiência dos cadernos. e porque é um pouco a própria vocação da linguagem, a tentativa de falar do que não se deixa pegar. (DIAS, 2011, p. 181)¹²

Outra relevante observação sobre os cadernos de desenhos é a sua exposição. Eles são particulares, íntimos, por hora funcionam como diários, contam uma história do ato criador de seu possuidor. Dias (2011) expõe a sua problemática com os seus cadernos:

[...] eu tenho muitos cadernos e sei que é difícil mostrá-los. porque esses cadernos não têm só desenhos. tem anotações pessoais, desenhos muito mal feitos. o caderno de desenho é um espaço problemático de exposição, pensando que o termo está relacionado tanto às formas de apresentação da arte, quanto às formas de exposição de si mesmo. (*Ibidem*, p. 181)

Essa problemática da intimidade dos cadernos acontece principalmente por causa da relação criada, o caderno adquire o jeito do dono e acaba-se por contar suas histórias e os pensamentos fugazes que ele pôde proporcionar ao seu dono.

[...] recebendo ideias, formas e outros elementos materiais, o caderno-receptáculo vai alterando também seu formato inicial. As folhas adquirem coloração, cheiro, textura e volumetria suficientes para que sua planaridade e alvura originais sejam questionadas, como se desse modo se apresentasse uma “memória de uso” - ofertada pelo próprio objeto - ao seu portador e usuário (FRANÇA, 2014, p. 71)

Ainda podemos observar a grande nomenclatura que encontramos além de caderno de desenhos, temos: caderno de notas, diário gráfico¹³, caderno de artista,

¹² Este livro não possui em sua grafia letras maiúsculas. Utilizou-se aqui a cópia fiel do que estava inscrito no texto.

¹³ As autoras discutiram, cuidadosamente sobre este termo em sua pesquisa sobre essa terminologia (BRASIL e GUARALDO, 2020)

cadernos de esboços¹⁴ e *sketchbook*¹⁵. Todos esses nomes citados se referem a um mesmo 3 objeto físico, um amontoado de folhas, costurados ou colados. E apesar de interações diferentes e materialidades distintas, todos eles assumem uma singular interação: o registro do processo criativo de seu possuidor.

Já a terminologia “diário gráfico” é lançada pelo professor Lagoa Rodrigues, em Portugal nos anos de 1970 como prática de sua docência para a criação de poética (BRASIL e GUARALDO, 2021). O diário é composto, então, da prática cotidiana de contar de si mesmo, explicar-se, encontrar palavras para infinitudes de sentimentos e acontecimentos do dia a dia. A palavra “gráfico” vem do significado de grafar, que vai além da escrita e que se transforma em desenho, “porque tanto o desenho quanto a escrita são caligrafias”¹⁶. As autoras defendem que o uso da semântica na junção das palavras “diário + gráfico” é utilizado para traçar mais uma interpretação. O diário gráfico, neste caso, seria “o encontro entre a prática cotidiana, a elaboração de si, de um desenvolvimento possível, e as possibilidades de procedimentos e recursos gráficos para o desenvolvimento de uma linguagem e poética” (*Ibidem*, p. 20).

O caderno de notas pode ser conhecido como um caderno de campo científico, (SILVA, 2008) como por exemplo, de biólogos e cientistas que estão *in loco*. Um objeto receptáculo que se utiliza para se tomar notas em seu local espacial de pesquisa¹⁷. Contudo, para o artista, o caderno de notas também é pensado como “lugar” em sua acepção mais corrente: receptáculo de formas e ideias. ” (FRANÇA, 2014, p. 70).

Ao comparar o caderno de cientista *in loco* com um caderno de um artista, pode-se observar que no primeiro, existe a necessidade de que se tenha um lugar ou um objeto de estudo, enquanto no segundo, há uma abertura para o processo de criação, que não necessariamente está vinculado a um propósito predeterminado. O ato executor de intervenção do primeiro (científico) é a sua descoberta e observação a olho nu. Além disso, tem-se o recolhimento de informações, se encontrar em um determinado local e momento próximo ao seu alvo de estudo, só então a partir disso, se faz a intervenção no caderno de notas e conseqüentemente a função de seu uso. No segundo caso, o caderno de notas de um artista, “seria um depósito de lembranças, materiais diversos, ocorrências

14 (FRANÇA, 2014)

15 *Sketchbook* é um termo em inglês generalista para designar um caderno sem pauta.

16 (GUARALDO *apud* HENRIQUES in: SALAVISA, 2008, p. 142)

17 (SILVA, 2013, p. 73)

e experiências de um sujeito, ao sabor de uma frequência temporal” (FRANÇA, 2014, p. 3 70). Para o caderno de notas científicas é preciso um lugar físico, para o caderno de notas do artista, o objeto caderno é o lugar.

O caderno de esboço é outro nome encontrado nas pesquisas sobre cadernos de desenhos. Quando se junta a palavra esboço, se admite o ato de elaborar em que risco¹⁸ e rabisco se diferenciam. O rabisco é sem intenção ou devaneio que precede o ato de criação. Para o risco, de acordo com França (2014), temos um “desenho marcado por uma determinação intencional, em que, na pretensão de se realizar algo, distinguem-se os estados mentais (crenças e desejos, por exemplo) dos atos mentais (operações e ações a serem feitas)” (FRANÇA, 2014, p. 74).

Outra discussão ligada à denominação “cadernos de esboços” diz respeito ao seu tamanho. Nas discussões encontradas, o caderno de esboço aparenta ser confortável em sua portabilidade do tipo “sempre a mão”, para que as anotações e ideias rápidas não escapem à memória (CIRILLO, 2019). A portabilidade é algo diretamente relacionado a este tipo de extensão da mente criadora.

A portabilidade do caderno de esboços é uma característica importante. Ora acompanhando trajetos cotidianos, derivas sistemáticas ou ocasionais, viagens a trabalho ou deleite, divertidos encontros com colegas ou reuniões formais, visitas a exposições ou outros locais de pesquisa, ora junto aos demais instrumentos de trabalho, ora à cabeceira da cama, o caderno é o recipiente ao alcance da mão para acolher aquelas induções poéticas que, por conta de serendipidades, não tem hora marcada. (RAUBER, 2018, p. 50).

Em função dessa ideia de “acompanhar trajetos cotidianos”, outro nome que começou a ser utilizado no final dos anos 2000, por causa do movimento *Urbansketcher*¹⁹, é o do *sketchbook*. Para isso, estudando a terminologia, o prefixo *Sketch* é originário do grego *σχέδιος* - *schedios* “que significa temporário”²⁰. Portanto,

¹⁸ FRANÇA *apud* COSTA, (2014). Risco é desenho não só quando quer compreender ou significar, mas “fazer”, construir. (COSTA, 1940). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-151527/o-ensino-do-desenho-slash-lucio-costa>. Acessado: 19.12.2022

¹⁹ Grupo formado por Gabriel Campanário que defende que a missão da organização é aumentar o valor da narrativa artística e educacional do desenho local, promovendo a sua prática sistemática, um meio de conectar vários entusiastas do desenho. (SILVA, 2013, p. 61)

²⁰ Tradução livre

schedios ou *sketch* remetem a noção de esboçar e planejar pois é o “Delineamento inicial 3 de uma obra de desenho, relacionado com o seu estado inacabado. Sugere a primeira forma gráfica de uma ideia. É sinônimo de desenho rápido, definidos pelas suas partes essenciais” (SILVA, 2008 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 69).

A nomenclatura do caderno de artista é utilizada para descrever incisivamente que o seu possuidor desenvolve algum tipo de trabalho na área de artes visuais. Para isso, observamos então, que a intervenção nessas folhas de cadernos é a principal causa para nomear assim o ‘caderno de artista’. Ora, e todos os outros não seriam então cadernos de artista? Discute-se neste momento a motivação de chamar caderno de artista e não mais de caderno de esboço, de notas, *sketchbook* ou diário gráfico que pertence ao artista. Então, apesar de todos terem o mesmo contexto processual de ideias eles apresentam as mesmas nuances que seguem a investigação apenas invocando o nome “caderno de artista”:

Demarcar, significar, registrar, experimentar e comunicar parece ser função e destino das anotações nos cadernos de artista, e mesmo em seus documentos e arquivos avulsos. São práticas de linguagem que de imediato objetivam apoiar o artista em seu processo de criação; com o auxílio dessas práticas, ele, o artista, demarca um campo mais preciso no sistema de signos que invadem a sua percepção (CIRILLO, 2011, n.p.)

A materialidade²¹ encontrada nos cadernos de artista pode ser diversa e comportar vários conteúdos, como os já pesquisados acima. Porém, é na sua percepção de produção dos signos da arte que o caderno de artista se torna o “caderno de artista”. A intervenção artística encontrada, neste caso, seria um desenho ‘finalizado’? Essas intervenções realizadas no caderno são riscos que projetam algo que irá vir a acontecer? Essas questões se tornam relevantes, principalmente pois foram elas os motores para a investigação dos cadernos blackbooks. O caderno de artista como processo ou o caderno de artista como um objeto finalizado como o livro de artista.

A materialidade desses registros é variada. Há fotógrafos que desenham em cadernos, artistas plásticos que guardam fotografias e recortes de jornais. O que vale é a intenção de armazenamento de informações. Muitas vezes esse armazenamento de dados é bruto. Outras vezes, no próprio caderno, podemos encontrar registros que apontam para

21 Aqui, a materialidade se refere à natureza da intervenção feita nas folhas do caderno e não com a sua materialidade física do objeto caderno.

projetos, sistematizam alguma produção. Ou encontramos a produção da própria vida cotidiana, que se mistura ao projeto poético e invade com dados de agenda, números de telefone, contas a pagar. São registros que parecem dizer que a poesia não vive em estado puro e as certezas sensíveis às vezes precisam lutar por seu espaço num território cheio de preocupações pragmáticas. (GUARALDO, 2012, p. 655) 3

Os cadernos de artistas ganharam uma nova percepção, eles se tornaram “fetiche nas artes visuais e nas curadorias de exposições, deixando inclusive de ser os lóci de anotação para se transformarem em uma outra categoria, a de obra” (CIRILLO, 2019, p 25). Então, estes objetos expostos nos aproximam a mais uma categoria para se analisar, o livro de artista. O livro de artista (anexo 2) de Anna Bella Geigher, chamado “Sobre a Arte”, de 1976, são encadernados, o que remete a cadernos escolares, ela os replica em xerox, o que sugere um fazer tosco²². Amir Cadôr relata: “no interior dos cadernos, os textos curtos são escritos com letras toscas, frases simulando exercícios de caligrafia, imagens incompletas e desenhos inacabados, como as cartilhas para completar e colorir” (CADÔR, 2010, p. 661). Ao mesmo tempo que esse relato descreve o livro de artista de Anna Bella Geigher, o autor se aproxima e muito ao fazer do blackbook, um “inacabamento acabado” sem ser replicado. Outra aproximação do livro de artista é sua narrativa, sugerindo este objeto como uma obra. Ele é feito para exercer fruição sobre suas páginas tal como diz:

Nos livros de artista existe uma narratividade, entendida como o intervalo de sentido entre uma página e outra, entre imagens ou palavras, e que deve ser preenchido pelo leitor. Diferente do livro de texto comum, “acumulador de informação tipográfica” que pode ser substituído pelo filme, fita e outros meios e formas de catalogação da informação, como já vem ocorrendo em várias bibliotecas do mundo, o livro de artista não pode ser traduzido para outro suporte, pois existe a “interpenetração da informação estética e do veículo, não havendo separação possível sem prejuízo do conjunto” (CADÔR, p. 660 *apud* PLAZA, 1982).

Outro livro de artista que se destaca nesta pesquisa é o livro organizado por Cornelia Lauf “*Artist’s Book*” (anexo 3) que é citado por Paulo de Silveira (2008). Este livro demonstra a natureza híbrida adquirida graças ao seu processo de montagem.

²² O “fazer tosco” se aproxima das materialidades dos cadernos que serão encontrados no capítulo 2.

Cornelia então reúne cadernos de desenhos, rascunhos, diários e uma variedade de 3 intervenções nesse livro que fez aproximação com os *blackbooks*.

[...] “os seguintes objetos gráficos, entre outros (p. 31 e seguintes): revistas que incluem arte para a página (que se comportam como livros de artistas seriais); *assemblings* (volumes compostos por agrupamentos de páginas feitos por diferentes artistas); antologias (semelhantes aos *assemblings*, mas com o concurso de um editor); escritos, diários e manifestos; poesia visual e obras com a palavra (desde que componham o volume); partituras e roteiros; documentação; reproduções fac-similadas e cadernos de rascunho; álbuns e inventários; obras gráficas (sem narrativas), às quais convêm o formato livro; histórias em quadrinhos específicas; livros ilustrados; *page art* (arte de página, *iluminuras*, interferências gráficas, etc.) e arte postal; arte do livro e *bookworks* (livros-obra).” (SILVEIRA, 2008, p. 55 *apud* LAUF e PHILLIOT)

Os tipos de nomenclaturas de cadernos citados e os livros de artistas se tornaram escopo para esta investigação por causa do seu caráter manual, criativo e expositor, no caso do livro do artista. Dessa maneira, esses objetos citados relatam uma natureza artística que está envolta, sobretudo, aos sujeitos das artes visuais que perpassam relacionamentos, questionamentos e sociabilidades diferenciadas das vividas por sujeitos do movimento do *graffiti*. Para isso, seguimos para o próximo tópico com uma discussão a respeito dos *blackbooks*.

1.2- Sobre *blackbooks*

A partir de discussões realizadas a respeito dos cadernos, chega-se ao momento de focar no nosso objeto de pesquisa: o *blackbook*. Neste subcapítulo, apresentamos propostas de definições e a motivação pela qual a foi necessário entrar no assunto do estudo sobre cadernos de desenho. Para dar continuidade a conexão do livro de artista é importante citar o museu do *Graffiti*, criado por Martin Wong²³ em 1989, em Nova Iorque, no bairro Soho, precisamente na rua Bond. Essas informações são importantes, pois delimitam o que o Wong estava almejando fazer. Ele chega nesta cidade em 1978,

²³ Martin Wong foi um artista norte-americano defensor da causa *lgbtqi+*, de descendência asiática e latina, nascido em Los Angeles que se muda para Nova Iorque em 1978 na mesma época em que a prefeitura da cidade considerava uma praga o *graffiti* (ROBINSON, 2014). Acesso em: <https://blog.meny.org/2014/02/18/highlights-from-the-city-museums-graffiti-collection/>. Acessado dia: 21.09.2022

começa a trabalhar em uma loja de tintas e assim passa a conhecer jovens *writers*²⁴. 4
Ressaltamos esse processo da vida de Wong, pois é nesse período que este artista ganha confiança desses jovens e começa a sua coleção²⁵, ressaltando o caráter relacional que o *graffiti* exige entre seus pares – fato fundamental para a profundidade dos acessos nesta pesquisa.

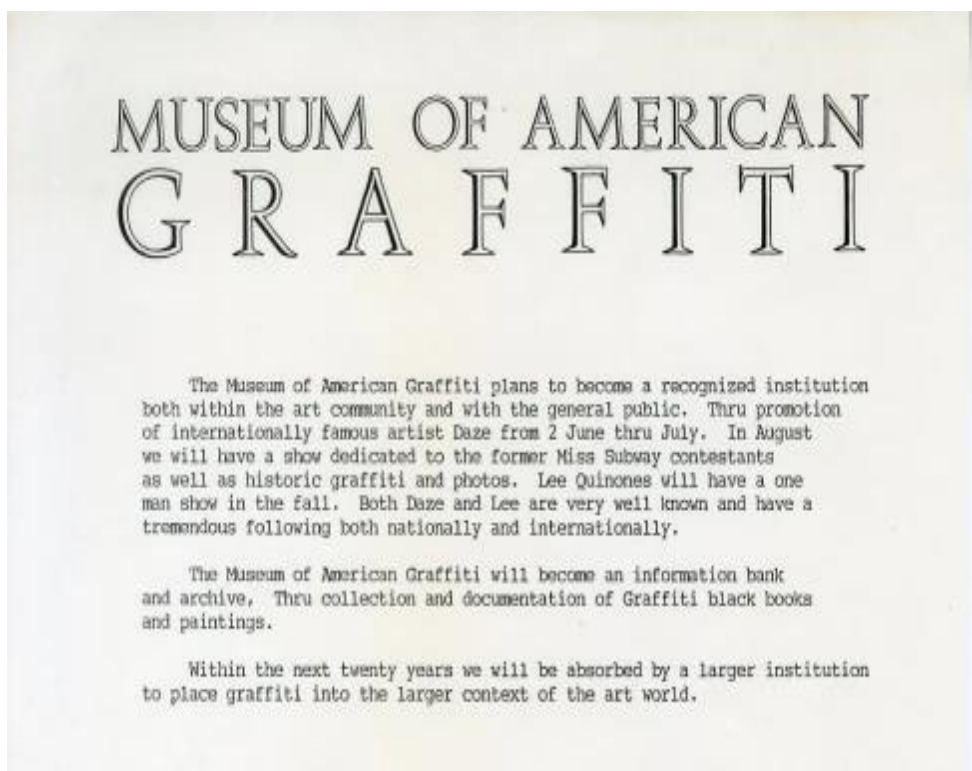


Figura 2 Missão do Museu Americano do Graffiti. O Museu da Cidade de Nova Iorque cataloga essa imagem assim: *Museum of American Graffiti announcement, undated, in the Martin Wong Papers. Museum of the City of New York. Activity 26270, box 2, folder 22*

Então, em 1989, Martin abre o “*Museum of American Graffiti*” com o objetivo de “ser um lugar onde o *graffiti* poderia ser admirado por um público maior e oficialmente se juntar a um amplo diálogo no histórico da arte”²⁶. Esta coleção soma ao todo 45

²⁴ Para uma tradução mais efetiva para o português Brasil podemos utilizar a nomenclatura pixador por realizarem assinaturas e rabiscos. Nos E.U.A os *writers* são escritores urbanos desenhando e pintando letras, além de *tags* (assinaturas, tradução livre) sendo sempre com intenção ilegal. (RAHN, 2002)

²⁵ É possível acessar a coleção de Martin Wong no site do Museu da Cidade de Nova Iorque em <https://collections.mcny.org/>. Acessado dia: 21.09.2022

²⁶ Texto original: “*as a space where graffiti could be admired by a larger public and officially join the broader art historical dialogue*”

blackbooks, 300 pinturas, além de fotografias (ROBINSON, 2014, n.p.). Wong se 4 preocupava em guardar a natureza efêmera do *graffiti* para a comunidade de artistas e o público geral e escreve a missão da instituição que ele criara (LASRAK, 2014, n.p.). Com a morte de Martin Wong em 1999, sua coleção é doada para o Museu da Cidade de Nova Iorque e após 15 anos em 2014, o museu expõe sua coleção com a exposição chamada *City on Canvas: Graffiti art from Martin's Wong Collection*.



Figura 3 - Instalação dos blackbooks na exposição City as Canvas: Graffiti Art from the Martin Wong Collection, Museu da Cidade de Nova Iorque, 2014. Acesso em: https://www.mcny.org/sites/default/files/2021-05/CityAsCanvasProspectus.pages_.pdf Acesso: 21.09.2022

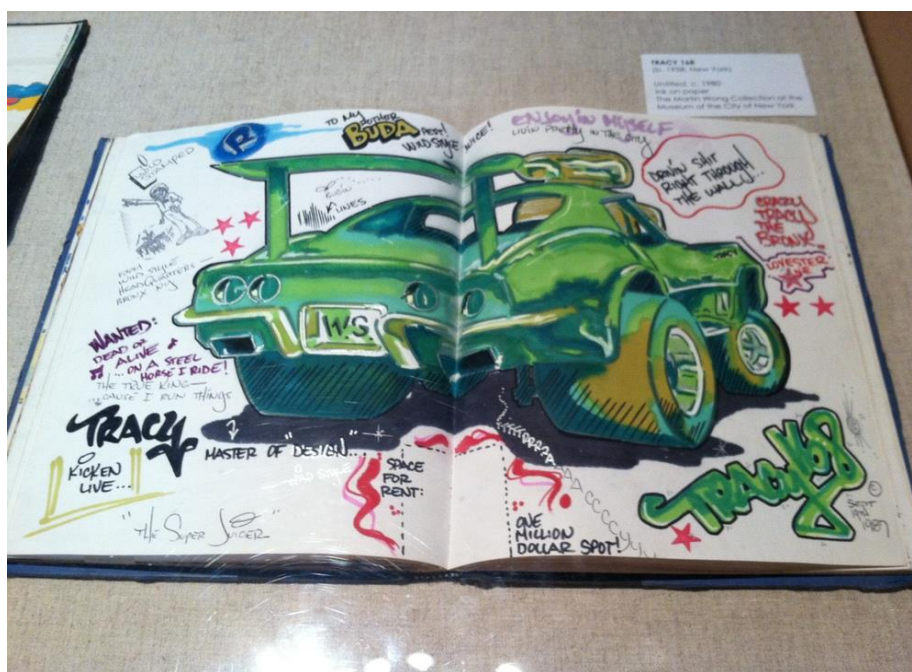


Figura 4 - "The Super Juicer" criado por Tracy 168, incluído em "the Blue Black Book", seu original dono é chamado de Deadly Buda, e foi exposto na City on Canvas: Martin Wong Collection, Museu da Cidade de Nova Iorque. Foto de: Elizabeth Harris, 2011. Acesso em: 21.09.2022

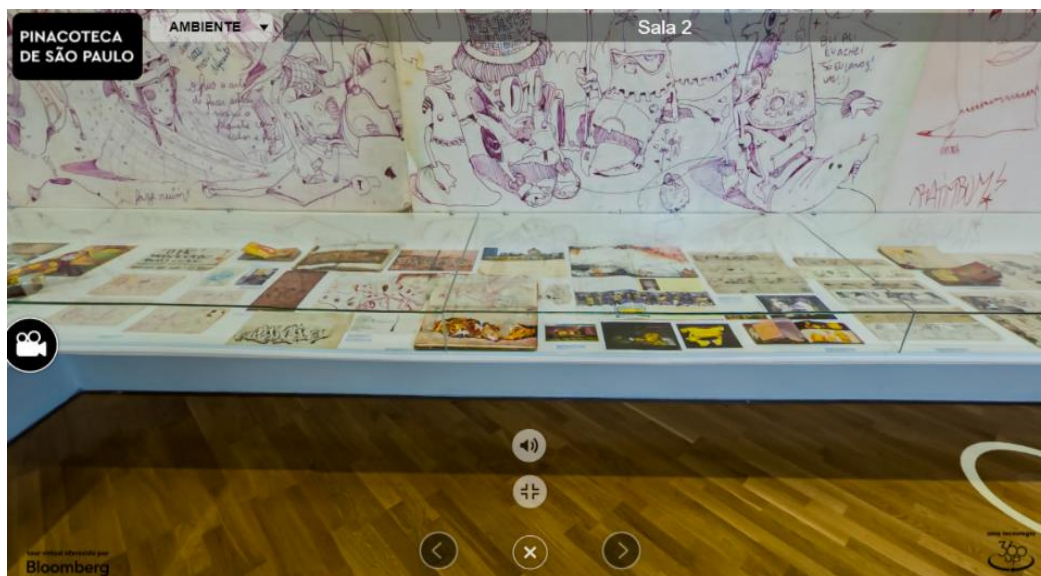
As figuras 2 e 3 nos oferecem uma discussão relevante, pois chega-se a uma parte 4 desta pesquisa com as seguintes informações:

(a) o livro de artista em sua narrativa, que sugere este objeto com uma obra que é feita para exercer fruição sobre suas páginas. Foi o que o artista Martin Wong realizou em seu museu. Aproximou o público geral para conhecer esses blackbooks. E que neste momento eles são tratados como *books* - livros, em uma tradução livre.

(b) os cadernos que se tornam uma outra categoria: a de obra exposta (CIRILLO, 2019).

Uma exposição dos artistas Gêmeos²⁷, em 2020, trabalhava o imaginário dos irmãos artistas que começaram seu caminho no *graffiti* em São Paulo, nos finais dos anos 1980. Nessa exposição “OSGEMEOS: SEGREDOS”, o objetivo era conhecer o universo deles em caráter retrospectivo de seus trabalhos. Eles expuseram seus cadernos de desenhos, cadernos escolares, diversos materiais que perpassam a história deles. Essa exposição junta um acervo notável da história *dOs Gêmeos* e reforça mais uma vez o uso dos cadernos em seu processo na consolidação dos seus processos artísticos. Seguem as imagens da exposição na Sala 2 da Pinacoteca de São Paulo reservada para mostrar seus cadernos:

²⁷Os Gêmeos são uma dupla de irmãos artistas com estética do *graffiti*.



4

Figura 5 - Print retirado do tour virtual da exposição "OSGEMEOS: SEGREDOS" 2020/2021. Acesso em: <http://pinacoteca.org.br/tourvirtualosgemeos/>. Acessado: 21.09.2022.

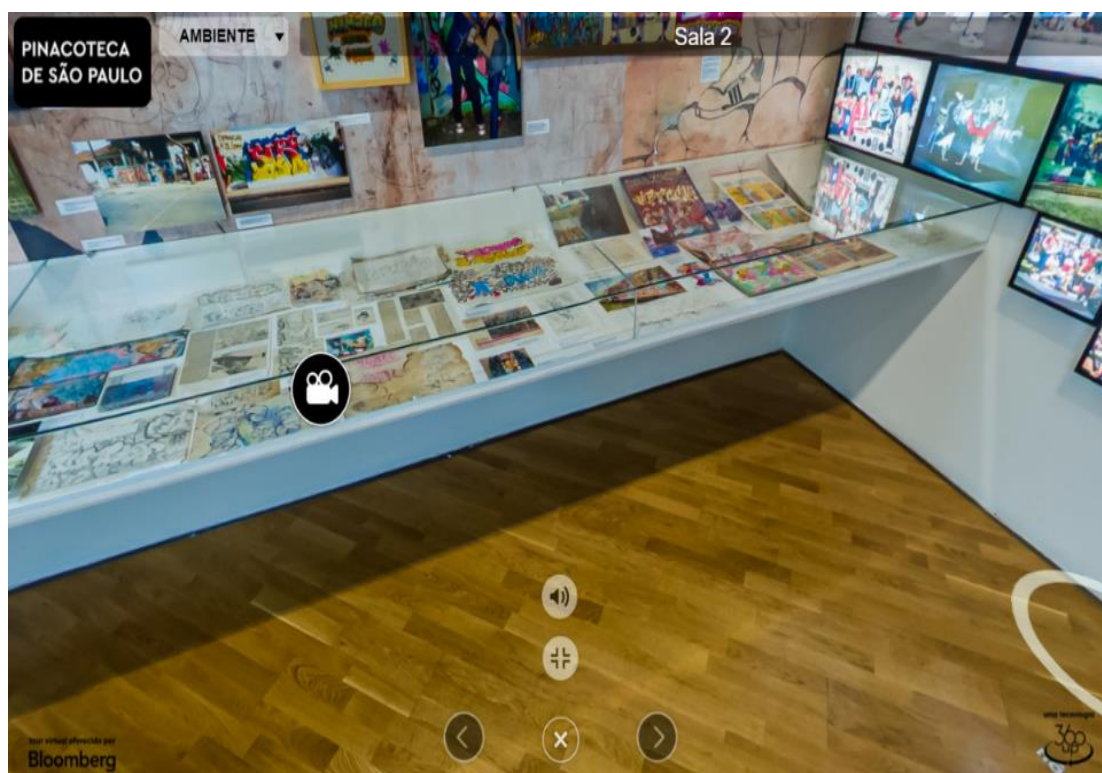


Figura 6 - Print retirado do tour virtual da exposição "OSGEMEOS: SEGREDOS" 2020/2021. Acesso em: <http://pinacoteca.org.br/tourvirtualosgemeos/>

1.3- Por uma definição

4

Para chegar enfim ao *blackbook*, sua natureza social não pode ser deixada de lado. Para isso, buscou-se artefatos que indicassem o conhecimento de objetos com o fazer artístico compartilhado. Até o momento, encontra-se os tipos: *Liber amicorum*, *album amicorum*, ou *hortus amicorum* (estas nomenclaturas se referem ao mesmo objeto) que “primeiro eles apareceram no século XVI quando estudantes holandeses e alemães usavam como um modo para recordar e lembrar seus estudos no exterior”²⁸. Confirma-se esse dado em um *blog*²⁹ que entrevista o co-curador Andrea Varney da Biblioteca Britânica:

The fashion for friendship albums spread to other parts of Europe, and they were soon used by musicians, artists, lawyers and all sorts of other people...They are full of celebrity autographs, music notes, little paintings and drawings of parties and feasts, and interactive lift-the-flap pictures... People asked new friends and contacts to sign their books, add wise or funny sayings, and sometimes a personal coat of arms or a miniature painting, often made by a local artist," (Andrea Varney, em entrevista para a redação do blog do canal da BBC, 2019)

A Biblioteca Britânica realizou uma exposição com os *liber amicorum* que ela possui em sua coleção. Um deles é do Michael van Meer³⁰ que viveu em Hamburgo, mas fez longas viagens para a Inglaterra e Dinamarca.

²⁸ Texto original: “*They first appeared in the mid-16th Century when Dutch and German students used them as a way to record and remember their studies abroad*” Acesso em: <https://www.bbc.co.uk/newsround/47388671>. Acessado dia: 06.10.2022

²⁹ Blog do canal televisivo e jornalístico internacional BBC <https://www.bbc.co.uk/newsround/47388671>. Acessado dia: 06.10.2022

³⁰ A Biblioteca Britânica disponibiliza algumas páginas do *Liber amicorum* ao acessar em: <https://www.bl.uk/collection-items/a-virginian-indian-in-st-jamess-park-from-the-friendship-album-of-michael-van-meer>. Acessado: 06.10.2022



Figura 7 - Alba amicorum na exposição Alba amicorum - or 'friendship albums'. Este caderno pertenceu a Michael Van Meer entre 1615 -1616.

O que é pertinente no *album amicorum* para esta pesquisa é o caráter social que ele representa. Burke (1996) no início dos anos 1990 pesquisa a história da amizade, no campo da sociologia e também da arte e encontra uma rede de *networking* sendo feita através desses cadernos. Ele localiza mais de 15 *albas amicorum* na Biblioteca Britânica e mais de 200 menções que esses cadernos existiam no século XV também. (BURKE, 1996, p. 99).

Um *hortus amicorum* que vale a pena citar, pertenceu a Burchard Grossmann em 1634 que recolhe a assinatura e um autorretrato em tinta nanquim do artista Rembrandt e que também foi exibido em Hamburgo, cidade natal de Grossmann. Rembrandt escreve:

“um caráter piedoso prefere honra a muito dinheiro”³¹ (tradução livre). O artista já era 4 reconhecido em sua época. O que suspeita a Biblioteca Koninklijke dos Países Baixos³² é que Rembrandt não fazia parte do círculo de amizades de Burchard e que ele teria pago para ganhar tal desenho em seu álbum. Apesar deste adendo, de que as duas pessoas em questão não eram amigas como sugere o nome do livro - livro de amigo. Logo o *liber amicorum* carrega uma densa coleção e amizades feitas pelo caminho em que se viajou ou que se estudou.



Figura 8 - Esta imagem é da exposição “<https://www.buceriuskunstforum.de/en/exhibitions/the-birth-of-the-art-market-rembrandt-ruisdael-van-goyen-and-the-artists-of-the-dutch-golden-age>” em Bucerius Art Forum Hamburgo, Alemanha, 2017. Este é o *liber amicorum* que pertenceu a Burchard Grossmann. Acesso em: <https://www.buceriuskunstforum.de/en/exhibitions/the-birth-of-the-art-market-rembrandt-ruisdael-van-goyen-and-the-artists-of-the-dutch-golden-age>. Acessado: 01.05.2022

³¹ ‘Een vroom gemoet acht eer voor goet’ Acesso em: https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=%2F92075%2FD169527DB938C212A031B20781A70AF18B41C2F1&repid=1

³² Site que disponibiliza materiais digitalizados e os comentários através de seus colaboradores e pesquisadores.



Figura 9 - Rembrandt ao assinar o *liber amicorum* de Buchard Grossman em 1634.

Em 2014, um estudioso de grafias, caligrafias, letramentos e principalmente como surgem os signos que desenham as letras, David Braffman, pesquisador do Instituto de Pesquisa do Getty Museum em Los Angeles - LA, EUA apresenta o *liber amicorum* do *graffiti* o *L.A Black Book*. Em seu livro ele menciona a proximidade do *blackbook* ao *amicorum*:

The book that exerted the most powerful pull on the visiting artistas was a seventh-century *liber amicorum* (book of friend), an elaborate form of autograph book that had become a fad among university students, aristocrats, and academics in the mid-1500s. Passed from hand to hand, a *liber amicorum* was filled with calligraphic signatures, poetry, and painted coats of arms, like a *black book* from four hundred years ago. (BRAFFMAN, 2014, p. 7)

David Braffman, durante quatro anos recolhe desenhos e assinaturas de 143 sujeitos participantes da cena do *graffiti* em Los Angeles (USA) e relata algumas mudanças da paisagem urbana que ocorre desde o grande “boom” urbano na cidade no final dos anos 1960 (BRAFFMAN *apud* REED, 2014, p. viii). Ao final da reunião de todas as assinaturas, culmina numa exposição com pintura ao vivo na galeria ESMOA em que o pesquisador expõe o *LA black book* e os livros de grafias raros que ele mostrava as pessoas que compuseram o ‘*blackbook amicorum*’ e que ele as nomeia de “*scratch Artists*”.



Figura 10 – Pintura ao vivo da culminação da reunião das assinaturas para o L. A. Black book na galeria ESMOA.
Acesso em: <http://jimmchugh.blogspot.com/2014/06/>. Acesso: 05.05.2022



Figura 11 – LA blackbook com desenhos originais, não o disponibilizado para a venda.

A partir desse momento, tento buscar uma definição juntando tanto o caráter social 5 do blackbook, quanto seu papel artístico. Primeiramente, é importante ressaltar a grafia encontrada em diversos textos, como blackbook, sem a separação das palavras *black* e *book*. BRAFFMAN (2014), RAHN (2002), ROBINSON (2014), HARRIS (2018), todos esses pesquisadores dos EUA, escrevem com a grafia separada, como também, Da SILVA (2010) e KESSLER (2006) do Brasil (Veremos os 3 últimos autores logo adiante). O que motivou a escolha da grafia ser escrita junto – *blackbook* – para esta pesquisa foi a partir do recolhimento desses cadernos e seus donos o escreverem assim em conversas por meios de mensagens virtuais, observando uma característica da grafia que pode ser ‘abrasileirada’.

Observa-se que a autora do artigo que anuncia esta exposição no blog do museu Getty Los Angeles, descreve que a coleção contém “45 sketchbooks also called black books”³³ o modo que ela escreve é separando as palavras *black* (preto, tradução livre) e *book* (livro, tradução livre) ela ainda explica a sua funcionalidade social e de estudo: “Writers used black books to collect tags from other writers in addition to sketching pieces destined for trains or canvas. Because of their ephemeral nature, few black books survive today.” (ROBINSON, 2014, np. - GRIFO NOSSO)

Braffman (2014) apresenta-os como cadernos que fazem parte da comunidade do *graffiti*, e apresenta outra grafia, o *pieces book*:

Many graffiti artists carry sketchbooks they call black books or piece books. They ask friends, crew members, and others whose work they admire to “hit up” their books – to fill a blank page with artwork, whether a simple drawing, freestyle *Lettering*, or na elaborate composition. (BRAFFMAN, 2014, p. 2)

Harris (2018) afirma que eles são mais que cadernos de *sketch*:

[...]black books were more than just sketchbooks. Before the fone f digital photography, black books were a means to portably display ideas to other writers. These books were passed between people, who would tag the pages fone another’s books. Much like a visual yearbook, black books became emblematic of who the owner had met (and how well

³³ Disponível em: <https://blog.mcny.org/2014/02/18/highlights-from-the-city-museums-graffiti-collection/>. Acesso: 30.04.2022.

they knew them based on the intricacy of the piece), what crew he or she ran in, and how accomplished the individual writer was. HARRIS (2018, n.p.)³⁴

O caráter social do caderno é tão importante quanto o caráter artístico. Os recolhimentos de *tags*, adesivos e desenhos fazem com que o caderno seja exposto e compartilhado. As ideias e os desenhos sempre aparecerão, mas as assinaturas serão sempre as detentoras de atenção de um grupo. Gonçalves (2006), retrata sobre o pichador de caderno que se constitui sozinho, como uma passagem feita antes de entrar no movimento do *graffiti*. De fato, o *blackbook* é um caderno que pode ser analisado antes da entrada do sujeito na comunidade e durante sua permanência. A sociabilidade é a grande questão do *graffiti* e o *blackbook* atesta essa função sociável, tendo ele como manutenção dessa sociabilidade

[...]há uma essência que o ingênuo do grafite aprende sozinho, principalmente na sua experiência de pichador de caderno, quando se inicia de modo “autodidata” na tomada de suportes para os seus rabiscos furtivos e desenhos despreziosos. Àquilo que eles tratam por essência, eu chamaria de “a base que lhes serve como aporte”. O que a experiência enquanto pichador de caderno fornece ao grafiteiro é uma base para a sua prática, que por sua vez, deverá se desenvolver muito mais, conforme for se inserindo no grafite. Entretanto, um grafiteiro não se faz só, não se constitui solitariamente, tampouco avesso às tradições do grafite. Não basta que haja uma vontade pessoal ou ter sido pichador de caderno para arregimentar-se ao grafite. O grafiteiro atua na rua mediante uma sociabilidade que são os próprios modos de fazer do grafite e que lhes são transmitidos fundamentalmente pelo exemplo. (GONÇALVES, 2006, p. 160)

Para isso, apresenta-se o conceito da causalidade artística difundido por Bakhtin e Voloshinov (1976, n.p.): primeiro temos “o coração imanente” que aqui se assemelha ao fazer intrínseco do riscar e construir algo nos cadernos – como algo natural de se fazer – e no processo de desenvolvimento deste meio artístico de desenhar em cadernos o sujeito se torna influência “causal” do meio social extra-artístico em que se vive. Portanto, só se pode compreender o fazer *blackbook* com o seu *networking* criado³⁵.

³⁴ Acesso em <https://www.donttakepictures.com/dtp-blog/2016/8/8/bookmarks-graffiti-artists-black-books>. 21.08.2022.

³⁵ Esse conceito também é defendido por Rahn *apud* Zuermehlen sobre *blackbooks* (2002).

Ao realizar a pesquisa sobre etnografia na cena urbana de Porto Alegre Munhoz 5
(2003) explica o que são “os cadernos do grafite”:

Estes cadernos contém os primeiros traços, desenhos e assinaturas daqueles que querem ingressar no grafite. Mais tarde estes cadernos se tornam um elemento muito importante para a sociabilidade como grupo. A grande característica destes cadernos é que eles não são restritos a um único indivíduo, estes cadernos circulam entre os escritores de grafite, são emprestados para amigos e colegas, são compartilhados. Disso decorre que uns escritores desenharam nos cadernos dos outros, muitas vezes fazendo interferências nos desenhos que ali estavam. Assim estes cadernos retornam a seus autores alterados pelas interferências dos colegas. (MUNHOZ, 2003, p. 113)

Para isso, é inevitável atestar sua aplicabilidade social, como sujeito pertencente a um movimento que cria e quer se inserir cada vez mais em um grupo. Assim, ao se utilizar do blackbook servindo como exposição de seus trabalhos na forma de bagagem e um passe livre para a aproximação de outros jovens.

Os cadernos dentro do grafite têm mais de uma função. Primeiramente servem como meio de treinamento e expressão dos atores isoladamente. Servem também como meio de inserção quando um ator munido de seu caderno se aproxima de outro e através do caderno mostra que também tem envolvimento com a escrita urbana. A troca quando ocorre passa a ser o fator mais significativo pois cria novos laços nas relações destes atores. (MUNHOZ, 2003, p. 113)

Deste modo, ao ocorrer a aproximação, esses jovens começam com a intervenção da causalidade artística em seus blackbooks, “A intervenção visual de outros praticantes de apropriações visuais nos cadernos fala de uma rede de pertencimento, sociabilidade e troca que vai sendo tecida.” (KESSLER, 2008, p. 57).

A definição do blackbook é, portanto, variada, mas encontro no perfil do *Instagram @salveosmuros* uma definição assertiva e divertida sobre a temática e que deixa evidente a linguagem das ruas.



Figura 12 – Existem 2 tipos de blackbook –Salve os Muros

Essa imagem nos mostra como o *blackbook* pode variar de dono para dono. Exemplifica dois personagens, um com zelo quase exagerado e outro com quase nenhum. E suas interações valorizadas pelo renome de alguns sujeitos é muito utilizado pelo seu próprio dono. O *blackbook* é um caderno de capa preta e sem pauta ele começou a ser distribuído nos Estados Unidos na década de 1970 e se popularizou rapidamente como um caderno de desenho entres os sujeitos do *graffiti*. Com isso, o caderno do *graffiti* se autodenominou *blackbook* e se popularizou rapidamente como um caderno de desenho entres os sujeitos do *graffiti*. Os *blackbooks* para o campo da arqueologia da criação nos transpõe em um campo instável pois ora eles podem ser estudados como obra finalizada e ao virar da página ele se comporta como um arquivo de processo. Cadernos de desenhos sempre serão vistos como arquivos – um apoio ao artista e então que a pesquisa sobre a materialidade desse ‘arquivo-obra’ se faz importante nessa jornada da pesquisa. Um fato

sobre os *blackbooks* é que esses cadernos em que se habita um movimento e o 5 pertencimento desse dono nele, é o receptor das vivências de seu possuidor, cada dono vai utilizá-lo de uma maneira singular e escolherá sua materialidade a seu próprio gosto.

Ao encontrar todas estas questões envolvendo o *blackbook*, podemos traçar alguns paralelos a partir das intervenções encontradas na coleta feita. O caderno de esboço/rascunho/notas/desenho (1) como um objeto que se utiliza antes de entrar no movimento do *graffiti*, pelo fato do ato de desenhar e praticar e o querer se aprimorar, em que há a aspiração de pertencer a algum grupo. O caderno de artista (2) como um objeto a ser mostrado como parte do processo de criação do seu possuidor, ainda que o *graffiti* tenha sua raiz na transgressão e marginalidade ele flerta com conceitos da arte como a performance, desenho e pintura. E o livro de artista (3) pelo seu poder de fruição, o *blackbook* passa a ter essa característica por causa da sua exposição, do seu querer mostrar, um caderno que pela escolha do dono é aberto, convidativo e inacabado (sempre com espaço para mais), sua coleção vai sendo construída a partir das suas relações.

Numa linguagem estética que tem como foco a demarcação e a conquista de territórios na cidade contemporânea, os *blackbooks*, efetivamente, se colocam como territórios de experimentações. Neste sentido, buscaremos nos aproximar dos cadernos dos grafiteiros capixabas evidenciando suas tipologias e usos, bem como, buscamos traçar uma taxonomia experimental que possa facilitar seu estudo como documento pessoal e como patrimônio material da cultura do Espírito Santo.

Capítulo 2

Por uma descrição e análise do Acervo de Blackbooks do Laboratório de Extensão LEENA.

Este capítulo é dedicado a descrever e analisar 19 dos 23 *blackbooks* cartografados entre 2017 e 2018. Foi elaborado um quadro de estrutura sobre os 23 cadernos de desenho analisados e uma ficha catalográfica para cada um dos documentos de arquivo deste acervo digital³⁶. Aqui, discutimos sobre documentos de arquivos e a importância da criação deste acervo para esta cultura que muitas vezes é discriminada e rejeitada por ser popular e por muitas vezes, ilegal. Constrói-se então, breves análises de 19 *blackbooks* e suas respectivas fichas catalográficas com o intuito de expor o conteúdo dos cadernos de uma forma sistematizada. Consideramos esses cadernos estudados como “documentos de arquivos”, para isso, é necessário definir este conceito que advém da área da Arquivologia. Documentos, neste sentido, são tudo aquilo que comprova algo, por exemplo:

No senso comum, o documento costuma ser entendido como tudo aquilo que posa registrar (e atestar) o cumprimento de deveres do indivíduo, enquanto cidadão, ou mesmo servir como garantia de direitos; e, em geral, “documento” também costuma estar identificado a “documento escrito”. (GONÇALVES, 1997, p.17)

O documento de arquivo estudado, neste caso, faz parte da cultura do movimento do *graffiti*. Neste movimento, o *blackbook* comprova a existência de *reús*, promove

³⁶ Os *blackbooks* estudados nesta dissertação foram recolhidos e digitalizados. Os originais foram devolvidos aos seus respectivos donos.

socialização, ostenta sua participação entre o grupo e atesta a presença em eventos. O *blackbook* se torna uma extensão das pinturas, um modo de socialização e principalmente uma prova de que está envolvido com o movimento.

O *blackbook* então passa a ser considerado um documento de arquivo que pode ser classificado, ordenado e estudado, e que reflete uma minoria da sociedade. Isso porque, ele é um objeto de uma cultura material na qual se adiciona o valor secundário – que é um valor³⁷ onde se tem o interesse histórico-cultural em realizar pesquisas. A partir dele, (do objeto em questão, neste caso o *blackbook*) estão apoiadas reflexões, análises e descrições. Com isso, apresento o que DUCROT (1997) diz sobre coletar arquivisticamente as minorias: “É preciso, - ainda, que o arquivista se dedique a coletar, não mais os arquivos da elite somente, mas também aqueles dos humildes, das minorias, da vida cotidiana, quer dizer, aqueles arquivos que refletem o conjunto da sociedade.” (DUCROT, 1997, p. 167). Portanto, Ducrot (1997) incentiva a coleta de outros tipos de objetos comuns da sociedade, a partir do momento em que percebe que há uma prática artística ou histórica, - há os documentos de arquivos – por isso, para este caso, documentos de arquivos pessoais de um sujeito da cena cotidiana do *graffiti*.

Os documentos coletados foram arranjados³⁸ em um quadro de estrutura, que tem como objetivo distribuir os documentos em categorias e mostrar suas funções. Com isso, os *blackbooks* foram reunidos de acordo com suas semelhanças e separados conforme suas diferenças a partir de uma organização realizada através de um processo mental. Durante a coleta em 2018, percebeu-se que a coletânea necessitava de algum tipo de organização. Esse capítulo então, utilizou de contato com algumas regras da Arquivologia. Passou a ter uma ordenação³⁹ e a se chamar acervo do LEENA, Laboratório no qual tive apoio desde ao

³⁷ Em Arquivística, a discussão em torno dos valores primários e secundários da documentação está intimamente associada à questão da avaliação de documentos - isto é, da determinação de valores (sejam eles administrativos, jurídico legais ou histórico-culturais) que permitam estabelecer a destinação ser dada a eles (eliminação, guarda temporária ou guarda permanente). Os valores primários são também chamados de valores imediatos, e os valores secundários, mediatos. (GONÇALVES, 1997, p. 17)

³⁸ No meio arquivístico brasileiro, foi consagrada a distinção entre “classificação” e “arranjo”. De acordo com tal distinção, a “classificação” corresponderia às operações técnicas destinadas a organizar a documentação de caráter corrente, a partir análise das funções e atividades do organismo produtor de arquivos. Por seu turno, o “arranjo” englobaria as operações técnicas destinadas a organizar a documentação de caráter permanente. (*Ibidem*, p. 11) O acervo de *blackbooks* tem caráter permanente, pois não tem caráter temporal, ou seja, ele não é descartável.

³⁹ Quanto à ordenação, seu objetivo básico é facilitar e agilizar a consulta aos documentos, pois, mesmo no que se refere a uma mesma atividade, e em relação a um mesmo tipo documental, os documentos atingem um volume significativo (*Ibidem*, p. 12).

meu 2º semestre na graduação em Artes Visuais na UFES, acervo esse que foi coletado e 5 organizado por mim.

O começo da organização desse acervo se deu primeiramente buscando conceitos da Arquivologia se baseando em dois tutoriais: *Roteiro para Elaboração de Plano de Classificação e TTDAF* (2018) do Arquivo Público de São Paulo e *Como Classificar e ordenar documentos de Arquivo* (1997) de Janice Gonçalves. Estes dois guias fazem parte da organização feita neste segundo capítulo. O quadro de estrutura foi então ordenado em 13 Blackbooks pretos, 2 Blackbooks Vermelhos, 4 Blackbooks Espirais, 2 Blackbooks Preliminares dos Muros, 1 Blackbook Pasta e 1 Blackbook não preto e todas as suas fichas de descrição.

Quadro de Estrutura do Acervo de Blackbooks do Laboratório de Extensão em Artes - LEENA, organizado por Isabela Machado Breda				
Estrutura	Divisões da estrutura	Subdivisões da estrutura	Atribuições	
Acervo de blackbooks do LEENA			O acervo do LEENA busca fomentar, coletar documentos e preservar a memória do <i>graffiti</i> capixaba.	
			Inserir desenhos de sua autoria e de seus colegas.	
			Colecionar <i>tags</i> dos colegas durante reús e outros eventos.	
			Colecionar <i>stickers</i>	
		Blackbooks Pretos	12 blackbooks na cor preta	
		Blackbooks Vermelhos	Agenda e Livro de Inglês	
		Blackbooks em Espiral - não pretos	4 blackbooks em espiral - cores variadas	
		Blackbooks Preliminar dos muros	Blackbook da Semana do <i>graffiti</i>	Semana do <i>graffiti</i> de 2011.
	Blackbooks não pretos	1 blackbook de Basi		
	Blackbook Pasta	Mills - Pasta preta	Recolher assinaturas e desenhos em Reús	

Além disso, neste capítulo, não analisaremos os cadernos de Basi, que serão nosso objeto de estudo no terceiro capítulo desta dissertação. Nesta ocasião, focaremos em questões específicas dos *blackbooks*, utilizando uma metodologia de análises de imagens. Depois do quadro de estrutura realizado chega-se a parte da descrição e análise. Ao final

delas, foram selecionadas imagens que corroboram com o processo de exposição dos *blackbooks* e por seguinte suas tabelas de fichas de descrições⁴⁰ que seguem a seguinte ordem:

-Número do documento: Os *blackbooks* foram enumerados de 1 a 24, sendo que quando os personagens da cena emprestaram mais de um *blackbook*, utiliza-se a seguinte enumeração: são inseridos as siglas BB e o seu número por ordem cronológica de uso de seu dono, seguindo daí por uma ordem alfabética.

- Local de procedência do acervo: o acervo do LEENA é digital e foi elaborado a partir de material coletado com os artistas gafiteiros na cidade de Vitória – ES.

-Nome do Emissor: O nome do emissor é seu pseudônimo, por vezes alguns personagens utilizam o seu nome próprio.

- Nome do Objeto: utilizou-se a nomeação *blackbook* para referenciar os objetos estudados nesta pesquisa.

- Tema Específico: o acervo de *blackbooks* do LEENA tem como enfoque o *graffiti*, a pixação e desenhos dos processos criativos dos sujeitos que compõem a cena em algumas cidades da Grande Vitória.

-Suporte do acervo estudado: o suporte do acervo estudado foi adquirido por empréstimo pelos donos por meio de contatos. Após o recolhimento, foi realizado o processo de escaneamento das páginas de cada *blackbook*, obtendo assim um suporte digital para estudos posteriores.

-Suporte do original: se dá pelo material sobre o qual as informações são registradas.

⁴⁰ As fichas de descrições foram construídas baseadas nas sugestões de Gonçalves (1997, p. 19) e do Arquivo Público de São Paulo (2018, p. 13).

-Forma: a forma é o estágio de preparação e de transmissão de documentos para 6 manuseio. Neste acervo sua forma é a cópia digital.

- Formato: é a configuração física de um suporte, de acordo com a natureza e o modo como foi confeccionado.

-Gênero: é a configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo.

-Descrição do gênero: discorre sobre o que há dentro do documento estudado.

-Espécie: é a configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas.

-Tipo: é a configuração que assume uma espécie documental, de acordo com a atividade que a gerou.

-Quantidades de vias: é a quantidades de vias existentes do objeto estudado.

-Objetivo de produção do documento: é a finalidade do documento ser produzido.

- Constituição do documento: se dá pela nomenclatura simples e composto. O simples é quando o objeto é constituído por um único item. O composto é constituído por mais de um item.

-Descrição do documento simples: quando se discorre sobre o que é o item simples.

- Descrição do documento composto: quando se discorre sobre o que são os documentos compostos.

Os documentos de arquivos pessoais dos *grafiteiros* são revelados “em meio às ações que revelam os vínculos do indivíduo com as instituições sociais, aquelas ligadas

ao universo das relações de amizade e de amor, escolhas intelectuais” (SANTOS, 2005, 6 p. 49). Para o arquivologista Paulo dos Santos, é um desafio a constituição dos documentos pessoais em instituições como no arquivo público. Os arquivos pessoais desafiam pois não possuem uma ordem natural, um agrupamento de fácil compreensão e não tem compromisso com a objetividade. Os arquivos pessoais são subjetivos e carregam o “inusitado”. É contraditório dizer que temos em uma cena de pinturas efêmeras, uma materialidade não-efêmera que guarda em documento pessoal essa mesma cena, o olhar de seu dono. Esses documentos apresentam uma diversidade de interações, que variam de um dono para o outro, mas ainda assim permanecem algumas semelhanças.

A interação mais comum é a *tag* – traduzida livremente para marcação – é uma assinatura que vai traduzir o sujeito para a cena, é comum que todas as pessoas que participam do movimento *graffiti* tenham um codinome que nomeie o signo de sua *tag*. E é a partir disso que o BB se torna um caderno de trocas e colecionismo de *tags*. Encontra-se também os *stickers* - tradução livre para adesivos - que é outra coleção que podem ser desenhos ou as *tags*. Tem-se troca de desenhos em papel que vão ser colados nos BBs e produções próprias desses desenhos.

E as agendas que são uma manifestação das ruas em que num mesmo muro e no papel se chama folhinha⁴¹ todo sujeito insere o seu nome mesmo que não seja no mesmo dia e ela vai sendo montada ao longo do tempo ou até que se apague e isso vai acontecer dentro do caderno. Este, se transforma em uma chamada batizada pelo nome de folhinha. Com isso, esse suporte demarca um momento, um encontro de pessoas que vai funcionar como uma lista de presença em que todos presentes assinam sua *tag* em uma folha de papel avulsa ou uma folha do próprio BB, deixando registrado o nome do momento como *reú* e a data do acontecimento.

Os próximos tópicos são a apresentação e a descrição do acervo.

⁴¹ Folhinha representa uma lista de presença assinadas por eles quando se reúnem.

2.1 Os Blackbooks Pretos

6

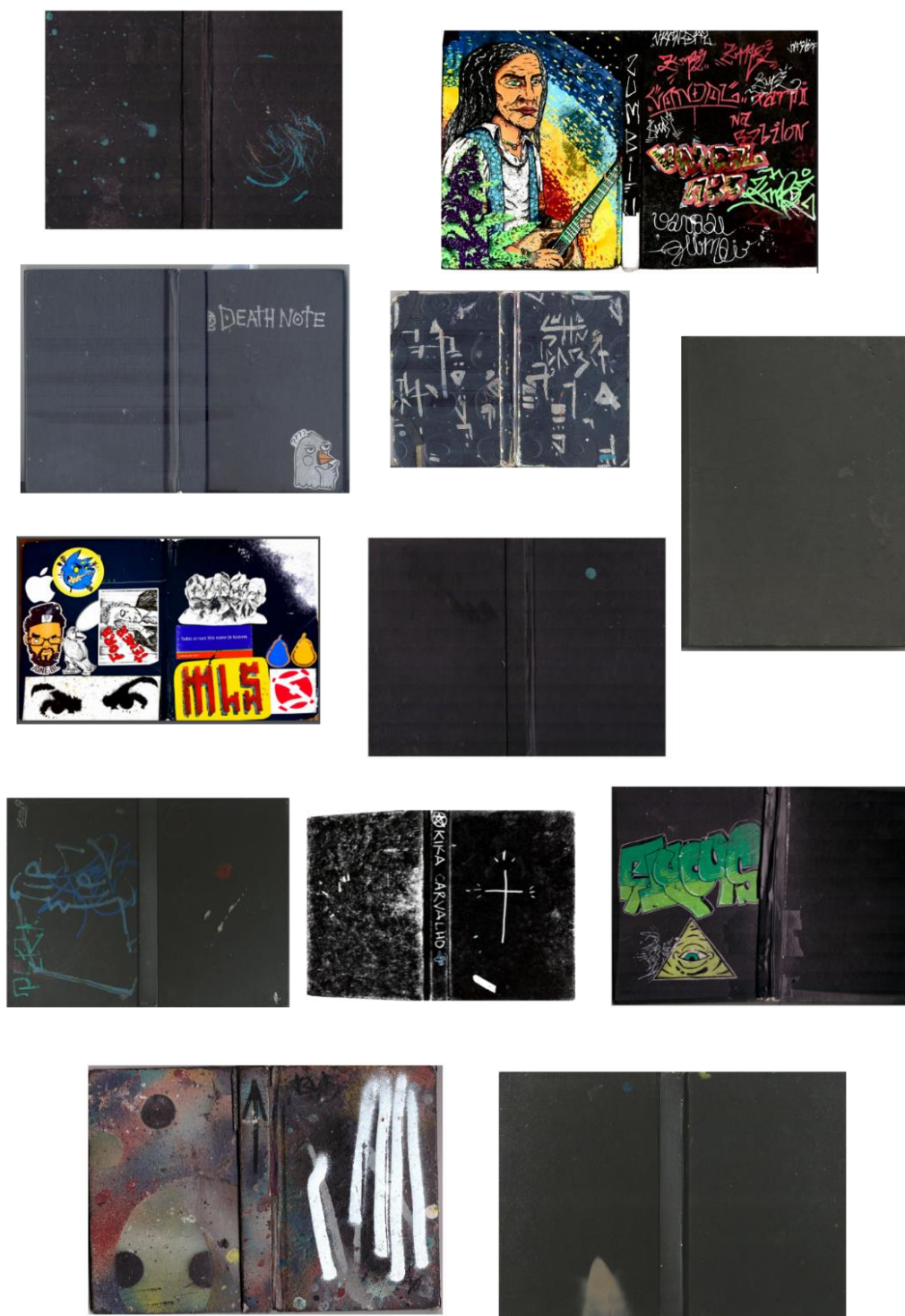


Figura 13 - Capas dos blackbooks pretos recolhidos na pesquisa

Durante a pesquisa, surgiram 11 cadernos de capa escura, 1 deles de capa azul tão 6
escura que inicialmente o percebi preto. Apenas depois de certo tempo de manuseio que
decifrei, através de um brilho da luz, que era azul profundo e não preto. Esse BB pertence
à grafiteira Kika. De modo geral, eles são enfeitados, desenhados, riscados, respingados
de tintas e um bem cuidado. O blackbook preto é o input e output do código do graffiti;
quem os vê não consegue decifrar o processo codificador⁴²- escrevo codificador pois o
que há dentro do *blackbook* são códigos criados por seus sujeitos e só os entende quem
está dentro do movimento do *graffiti*, portanto se torna um mistério e que para decifrá-lo
a autorização de seu dono é inevitável.

Considerando a tag de cada um deles, serão apresentados aqui os BB de Acop,
Keka, Kika, Liam, Luhan, Pera BB1 e BB2, Short, Starley, Tyco, Zumbi. A
apresentação de cada um deles se dá de modo absolutamente pessoal, motivo
da redação em primeira pessoa, pois a confiabilidade e o compartilhamento
de seu universo pessoal ou da crew, apenas se dá de modo íntimo e pautado
na confiabilidade.

2.1.1- Blackbook ACOP

Contatei Acop por meio do grafiteiro Zumbi, no final de 2016. Acabei não fazendo
entrevista com ele por causa do tempo, contudo fui criando mais laços e o conheci
pessoalmente no *origraffes*⁴³ de 2017. Logo depois, o encontrei em uma *reú*, organizada
pela Vício de Escrever⁴⁴, em Jardim da Penha. Foi nesse momento que percebi como
acontecia os *blackbooks* e fiquei curiosa para olhar o de Acop, ao final pedi seu contato.

⁴² No livro *Filosofia da Caixa Preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia* de Vilém Flusser, lançado em 1983: há o *input* e o *output*: quem os vê não consegue imaginar o processo decodificador que há dentro da câmera.

⁴³ Evento de graffiti criado pela FG crew na cidade de Serra no bairro de Feu Rosa e seus arredores no Espírito Santo.

⁴⁴ Página criada por Mills em que abastece as mídias sociais como o *facebook* e o *Instagram* com imagens de pixação e que também realiza *reús*.

Ao nos encontramos pessoalmente ao mesmo momento com Zumbi, ele me 6 entregou seu *blackbook*, conversamos e em algum momento ele acabou falando que tinha apagado e arrancado algumas páginas que tinha vergonha e que eram muito pessoais. Seus *blackbooks* o ajudaram a direcioná-lo a criar seus Zines. Sua capa(Figura 14) com o nome *Death Note* - Caderno da morte - tradução nossa - referência uma série de mangá que se tornou muito popular no Brasil ao se transformar em anime, escrita por Nisio Isin e dirigida por Tetsurō Araki. A história conta sobre o caderno de um deus de um submundo que por seu tédio lança o caderno ao mundo e aguarda para ver o que os humanos poderiam fazer com ele. Essa analogia Acop traz com o código muito simples de: não encoste. O passarinho, no canto direito inferior, de aparência mal-encarada e desconfiado, feito em adesivo, reforça essa ideia.

O BB de Acop apresenta questões urbanas e uma ideologia aparentemente antifascista e anarquista. Apesar de Acop não recolher folhas em réus para si, recolhe alguns desenhos. O caderno é completo e contém algumas pausas – respiros de folhas vazias. Foram escaneadas 57 páginas abertas, dando um total de 114 folhas em seu original.

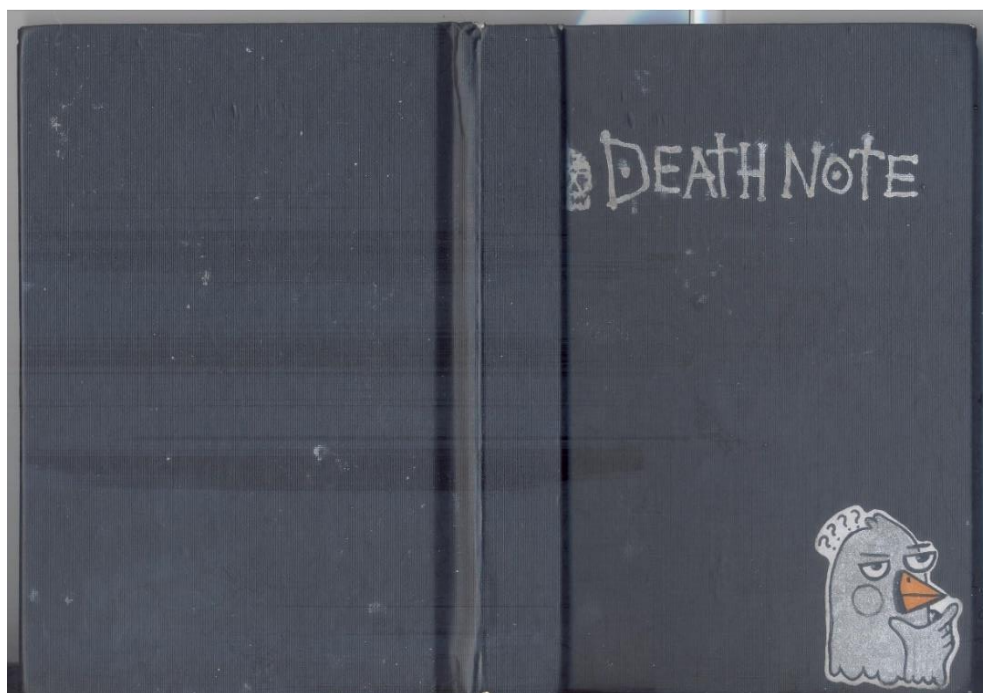


Figura 14 Capa do blackbook de Acop (Fonte: acervo pessoal).



Figura 15 - Desenho de ACOP (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 16 - Desenho de Acop (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 16 - Desenho de Alex para Acop (Fonte: Acervo Pessoal)

Tabela 2 - Ficha de descrição do Blackbook de Acop.

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	1
Local de procedência do acervo	Vitória – ES
Nome do emissor	ACOP
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de ACOP outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar e recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	57 páginas de caderno aberta digitalizadas.
Descrição do documento Composto	



Figura 17 - Capa do blackbook de Keka (Fonte: Acervo Pessoal)

Recolhi o caderno de Keka junto com o de Starley, Luhan e Liam, componentes da FG *crew*. Fui de encontro a Liam no mural que a *crew* estava realizando para o Médicos Sem Fronteiras, em 2018. Seu caderno de tamanho A6 é prático de carregar, com seus respingos e pinceladas em azul típico da paleta da grafiteira e muralista que se tornou. Seus desenhos (Figura 19), que venho aqui chamar de “as meninas de Keka”, são tão característicos dela, um tanto seus autorretratos.

Encontramos ainda desenhos de colegas como Starley, adesivos em sua contracapa de pessoas do movimento do graffiti e que emprestaram seu blackbook para esta pesquisa como Pera. Os cadernos contêm mais de 70% de folhas em branco, o que indicava que, possivelmente era novo na mão de sua dona. São 41 páginas escaneadas e 82 páginas de folhas no caderno.



Figura 18 - Estudo de desenho – meninas (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 19 - Adesivos na contracapa de Keka (Fonte: Acervo Pessoal).

Tabela 3 - Ficha de descrição do blackbook de Keka.

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	2
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Keka
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Keka e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	41 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

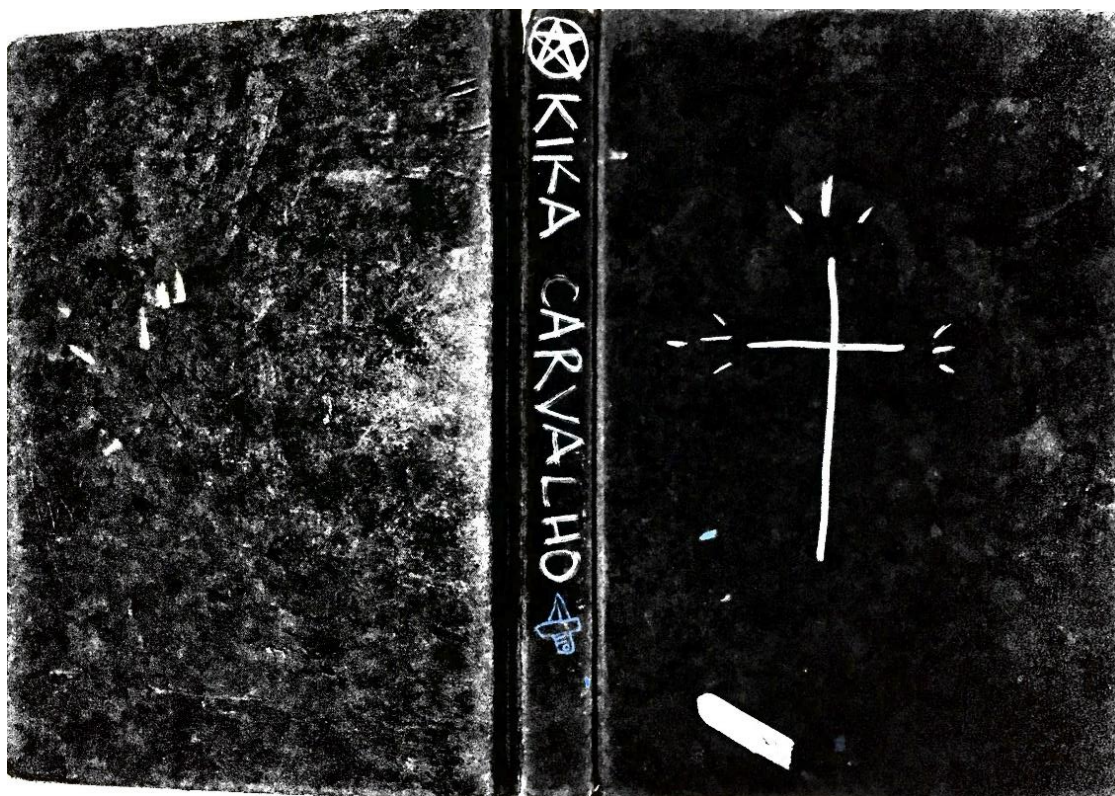


Figura 20 - Blackbook preto cruz – Kika (Fonte: Acervo Pessoal)

Kika é uma artista capixaba que começou a pintar nas ruas desde adolescente. Ela me emprestou, 3 cadernos, sendo 2 escuros em capa dura e um em espiral. Kika, ao me entregar, contou que já havia jogado cadernos fora, mas que agora percebia que para ela o caderno era essencial para guardar suas ideias e rabiscar. O caderno digital tem 38 páginas escaneadas de 76 folhas dos cadernos da artista, não incluindo capa e contracapa.

Em sua trajetória ela desenvolveu letras, assinaturas e sua identidade. Kika foi uma das fundadoras do Coletivo DasMina, coletivo do qual é a primeira *crew* só composta de meninas no Espírito Santo. O *blackbook* que possui uma cruz em sua capa (Figura 20), evidencia seus momentos em aula na faculdade, sua mesa de ateliê e muitos estudos femininos, alguns autorretratos – a Kika que usa boné. Seu trabalho mais expoente com a cor azul vem aparecendo timidamente neste blackbook.



Figura 21 - Autorretrato (Fonte: Acervo Pessoal)

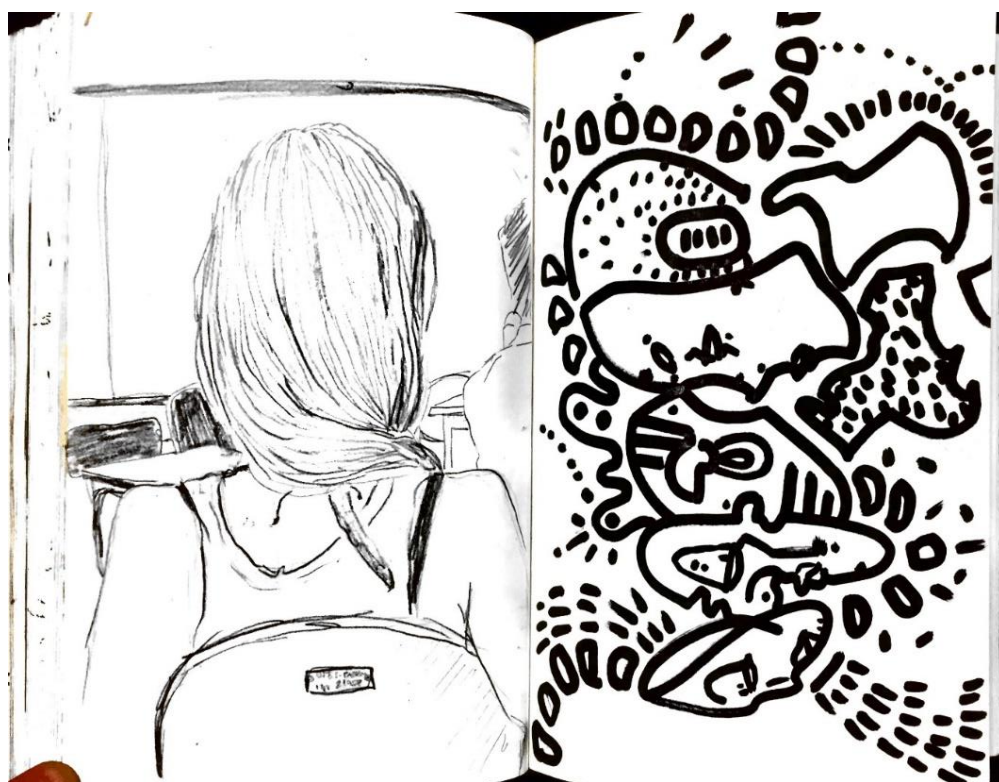


Figura 22 - Desenho de observação (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 23 - Letra Kika e desenho textura (Fonte: Acervo Pessoal)

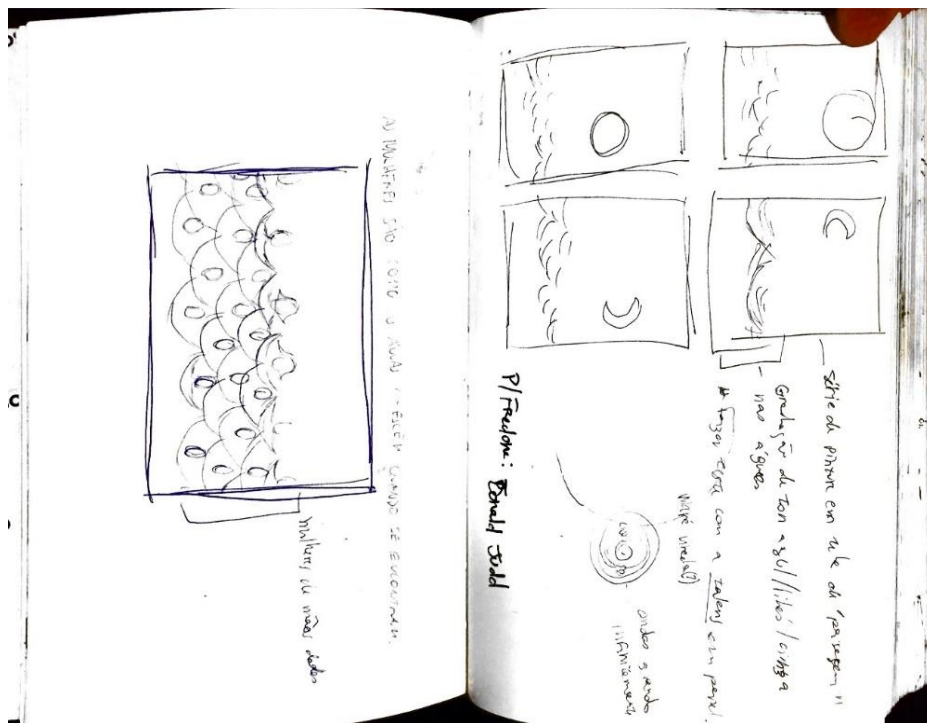


Figura 24 - Projetos no blackbook (Fonte: Acervo Pessoal)

Tabela 4 - Ficha de Descrição do Blackbook 1 de Kika

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	3 - BB1
Local de procedência do acervo	Vitória – ES
Nome do emissor	Kika
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos
Quantidades de Vias	1 em posse de Kika e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	41 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

2.1.3- O blackbook de Kika adesivado

7



Figura 25 - o Blackbook adesivado (Fonte: Acervo Pessoal)

Este caderno conversa com a temática do *graffiti*, além de estar ligado também ao coletivo DasMina que foi um dos responsáveis pela elaboração o Festival FEME. Nota-se que existem referências a este festival nos estudos de letras e projetos de Kika. Latas de *spray*, dedos femininos, figuras femininas, diversas letras mostrando o desenvolvimento de estudo de Kika.

Seus projetos pessoais, conteúdo da disciplina de filosofia da arte, quadrinhos, entre outros, o caderno é completo não faltando sequer uma folha a completar. Este caderno assim como o anterior não apresenta assinatura de outra pessoa, nem folhas de *reús*.



Figura 26 Autorretrato - GRAFITE EXPRESSÃO, Festival de Mulheres no Hip-hop 2016 Autorretrato - GRAFITE EXPRESSÃO, (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 27 FEME. Foda-se e Coletivo das Mina em estilo Bomb (Fonte: Acervo Pessoal)



Figura 28 - Respeit As Mina, estudo feminino e lata em spray FEME. (Fonte: Acervo pessoal)

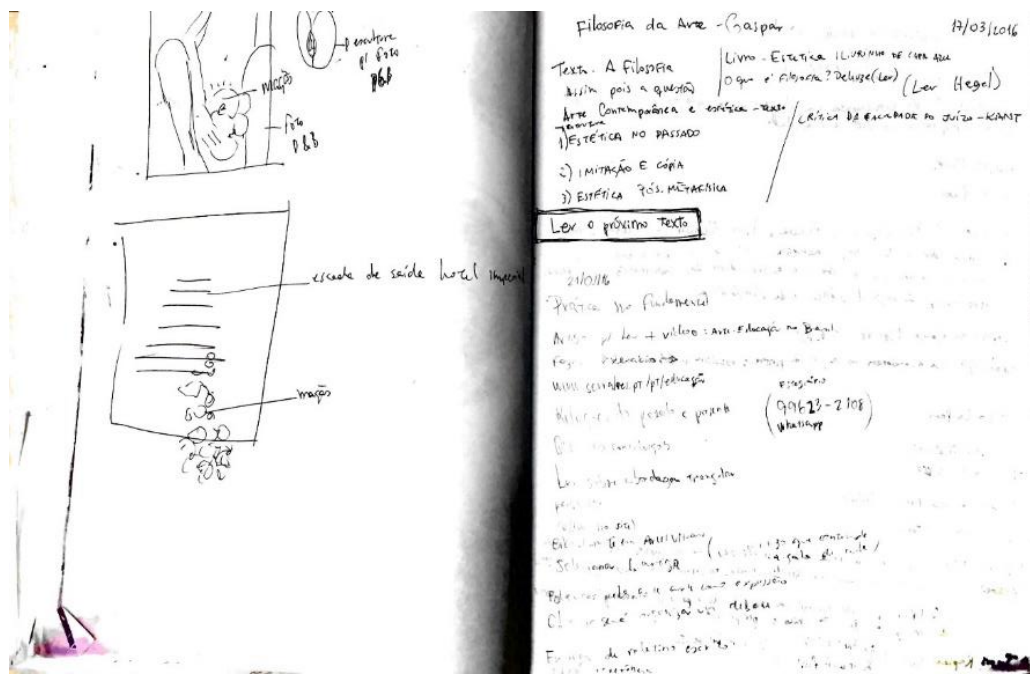


Figura 29 - Filosofia da arte. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 30 - Estudo de Letras, cores variadas, nunca serei sua, em estilo bomb. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 31 - Assinatura Kika, Kika em estilo Bomb cores variadas. (Fonte: Acervo pessoal)

Tabela 5 - Ficha de descrição do Blackbook 2 de Kika.

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	4 - BB1
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Kika
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pichação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Kika e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	77 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

2.1.4 – Blackbook de Liam

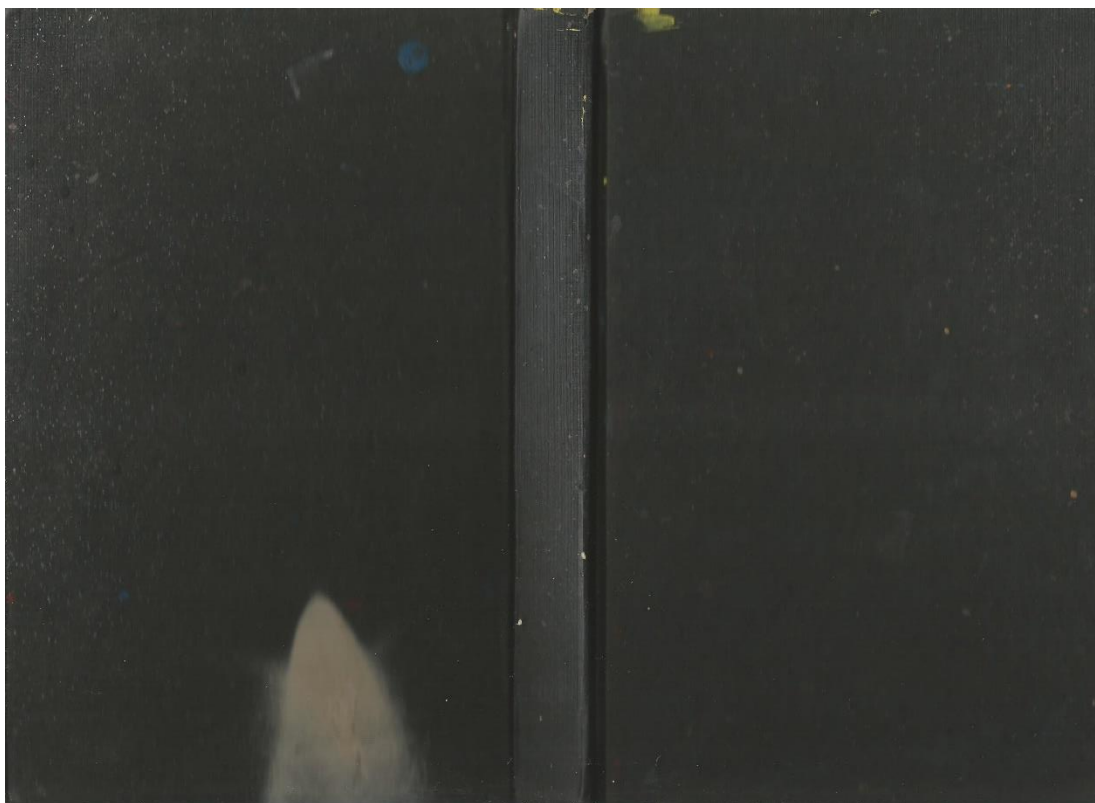


Figura 32 - Blackbook Liam. (Fonte: Acervo pessoal)

O *blackbook* de Liam é um caderno de tamanho A5, capa preto com tinta *spray* e outros respingos de tinta. Seu *blackbook* tinha muitas folhas em branco, o que me parece sugerir que o caderno tinha sido adquirido recentemente, ou ainda um pouco usado efetivo dele. Em seu interior encontramos desenhos e ilustração dele, desenhos da Keka, pessoas de outro estado, projetos e mensagens de outras pessoas.



Figura 33 - Recolhimento de Assinatura. (Fonte: Acervo pessoal)

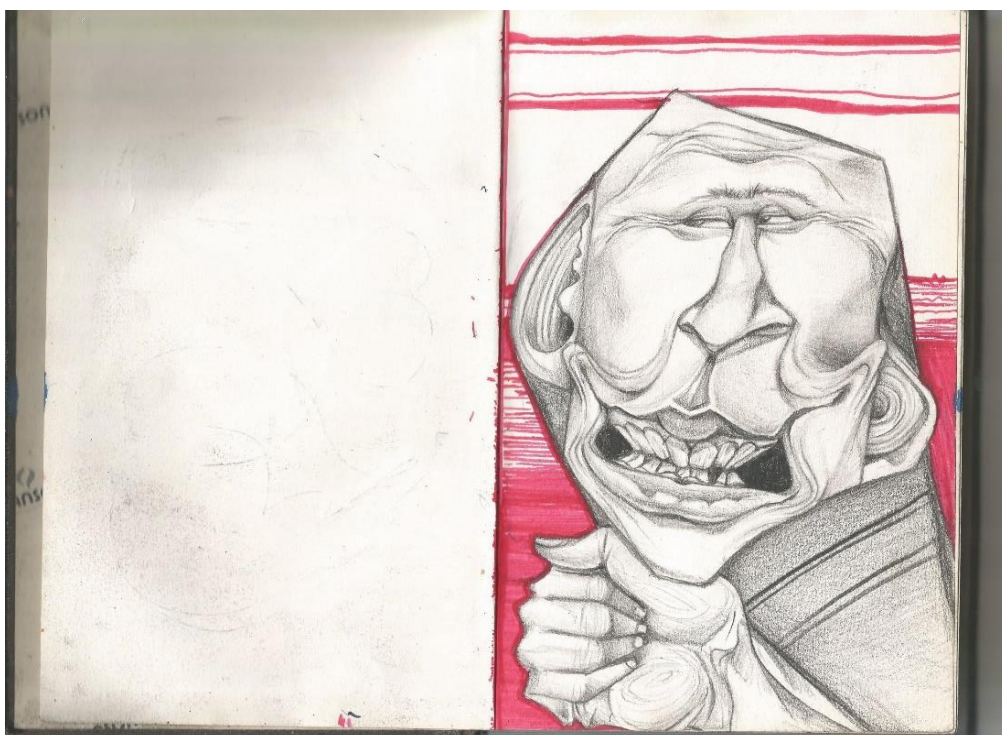


Figura 34 - Ilustração de Liam. (Fonte: Acervo pessoal)

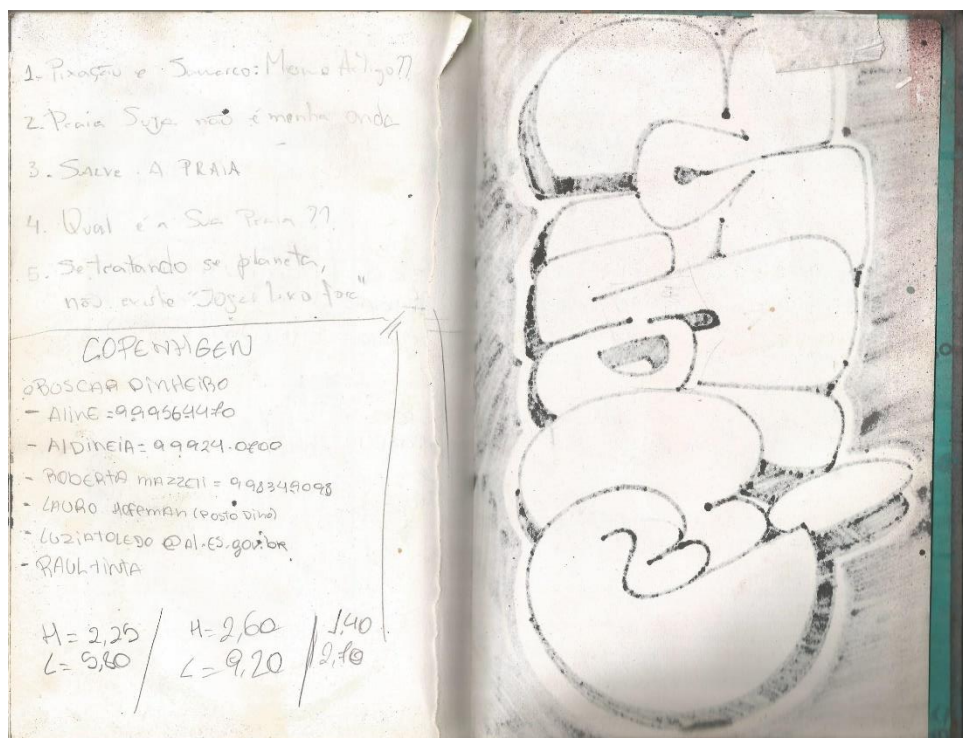


Figura 35 - Continuação do projeto Copenhagen, espelho de um lettering e resquício de uma folha rasgada. (Fonte: Acervo pessoal)

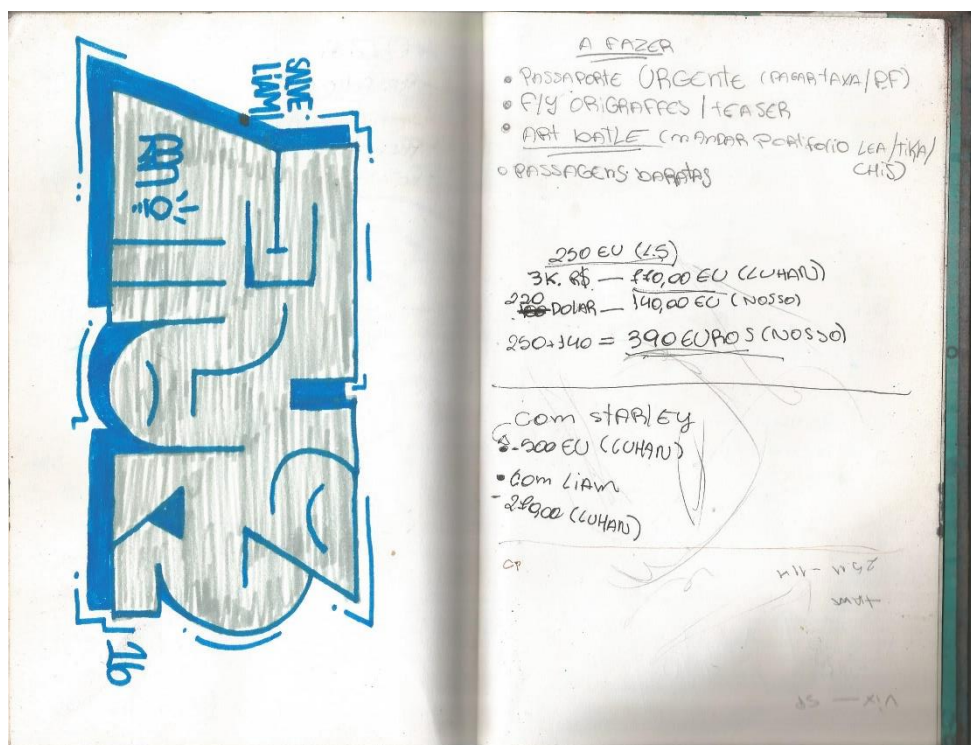


Figura 36 - Projeto Copenhagen eLettering estilo bomb do Ren. (Fonte: Acervo pessoal)

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	5
Local de procedência do acervo	Vitória – ES
Nome do emissor	Liam
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Liam outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar e recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	42 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	



Figura 37 - capa blackbook de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal)

Este é um caderno de bolso tamanho A6, prático de carregar; leva consigo um elástico para mantê-lo fechado. Ele apresenta desgaste tanto em sua capa quando em seu interior. Este BB que surgiu junto com o de Pera por recomendação da mesma, foi recolhido junto com outros três (dois de Pera e um de Luhan). Conversei rapidamente com ele pelo celular pedindo sua autorização para o escaneamento e me despertou o interesse, pois Luhan mencionou, que seu caderno era de esboço. Não há recolhimento de assinaturas ou ilustrações de outras pessoas apenas referências do processo do Luhan que se insere nos muros. Seus desenhos são totalmente compatíveis com o que eu encontro na rua e felizmente a diferença está nas cores vibrantes que ele deixa pelos muros em que usa temática afro-brasileira.

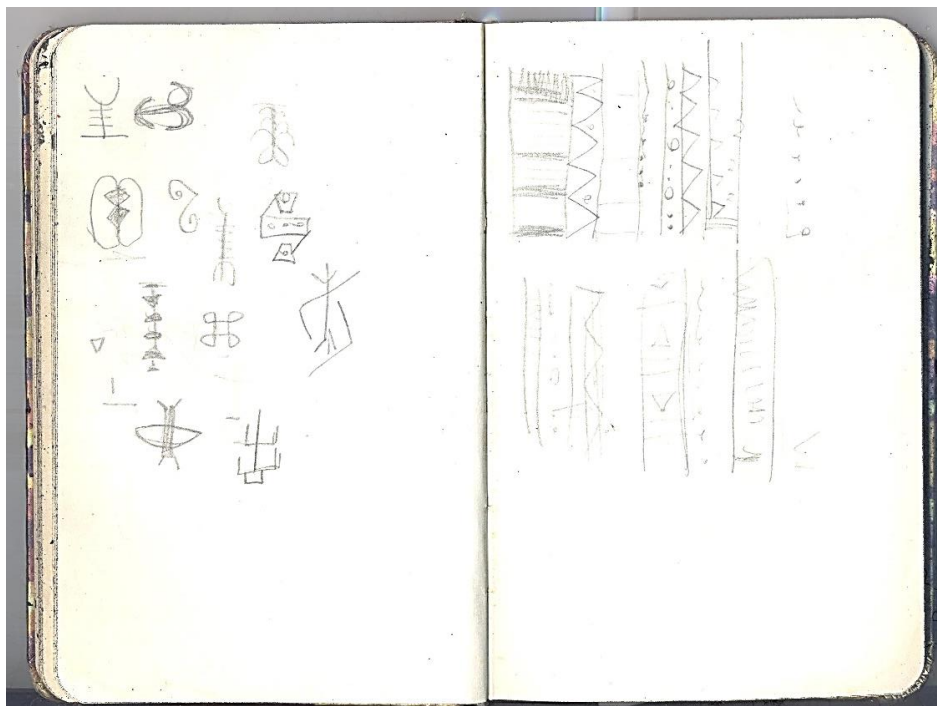


Figura 38 - Há valor para Luhan que insere seus telefones para caso ele o perca consiga a devolução.
(Fonte: Acervo pessoal)

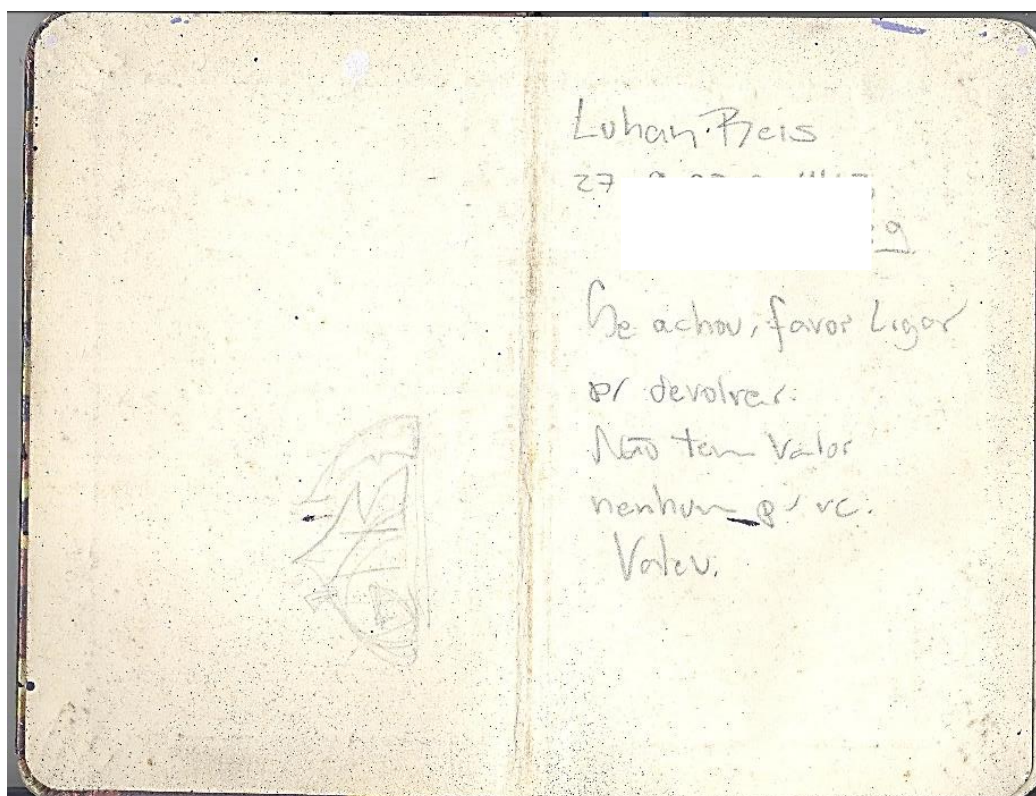


Figura 39 - Estudo de símbolos. (Fonte: Acervo pessoal)

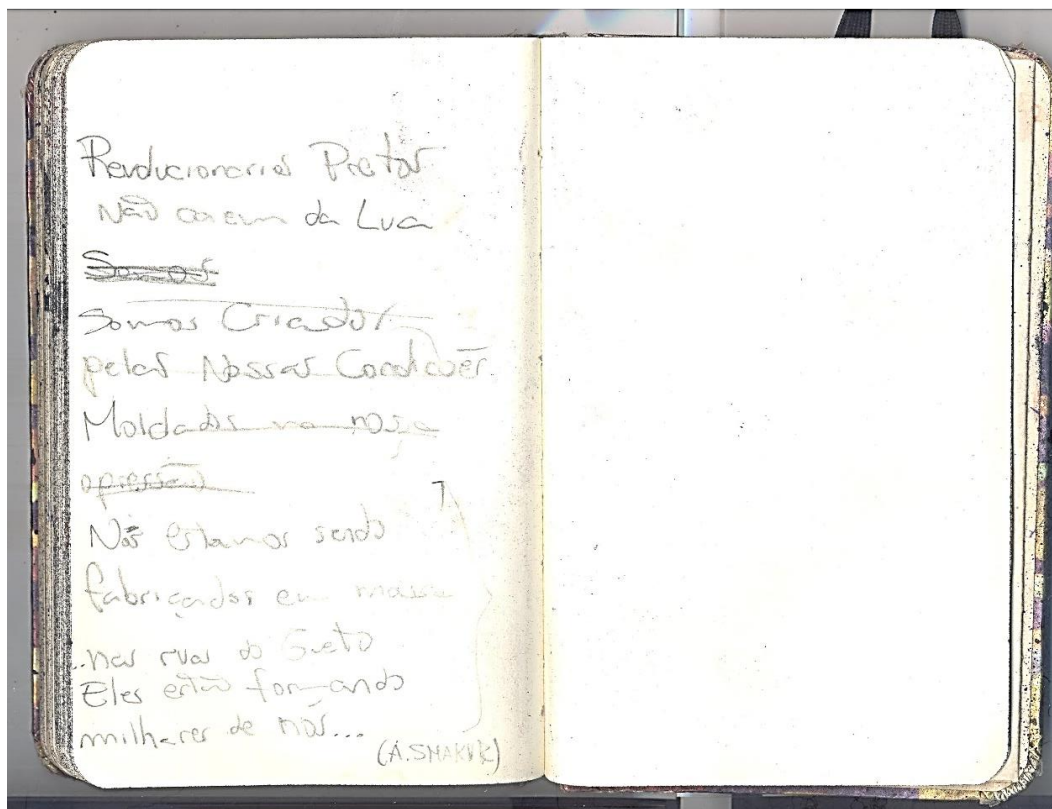


Figura 40 - Luhan copia um poema de A. Shakik. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 41 - Ilustração de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal)

Tabela 7- Ficha de descrição do Blackbook de Luhan

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	8
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Luhan
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenho sem pauta.
Quantidades de Vias	1 em posse de Luhan e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	52 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	



Figura 42 - Capa do blackbook de Pera. (Fonte: Acervo pessoal)

Durante a realização de um mural na UFES pelo Coletivo DasMina, conheci Pera. A partir daí comecei a conversar, a dialogar e fiquei muito próxima dela. Recolhi seu BB1 e BB2 no mesmo dia que recolhi o de Razor e de Shorty, na batalha de rima⁴⁵ estadual da etapa final.

O BB1 tem inúmeros estudos de letras de *graffiti* mais temática de letras do *graffiti* no mais antigo (2013) do que no mais recente (2016-2018). O BB1 durou quase três anos e deixou claro o que ela queria aprender enquanto o utilizava. Quando ela passa a possuir o BB2, parece que ela desperta uma poética lúdica e desprendida, com caráter pessoal que habita seu imaginário. Sem deixar o *graffiti* de lado, ainda há as letras do *graffiti* e uma folha com uma réu com as meninas do Coletivo DasMina. O BB1 são 56 páginas escaneadas em um total de 112 folhas, caderno completo. O BB2 são 61 páginas escaneadas total de 122 folhas, caderno completo.

⁴⁵ É um tipo de *rap* improvisado seu conteúdo é variado podendo conter vanglórias, insultos e ostentação



Figura 43 - Estudo de letra Pera. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 44 - Estudo de letra Pera.
(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 45 – Autorretrato Pera. (Fonte: Acervo pessoal)

Tabela 8- Ficha de descrição do Blackbook 1 de Pera

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	9 - BB1
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Pera
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenho sem pauta.
Quantidades de Vias	1 em posse de Pera e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	57 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

2.1.7 - Blackbook 2 de Pera

9

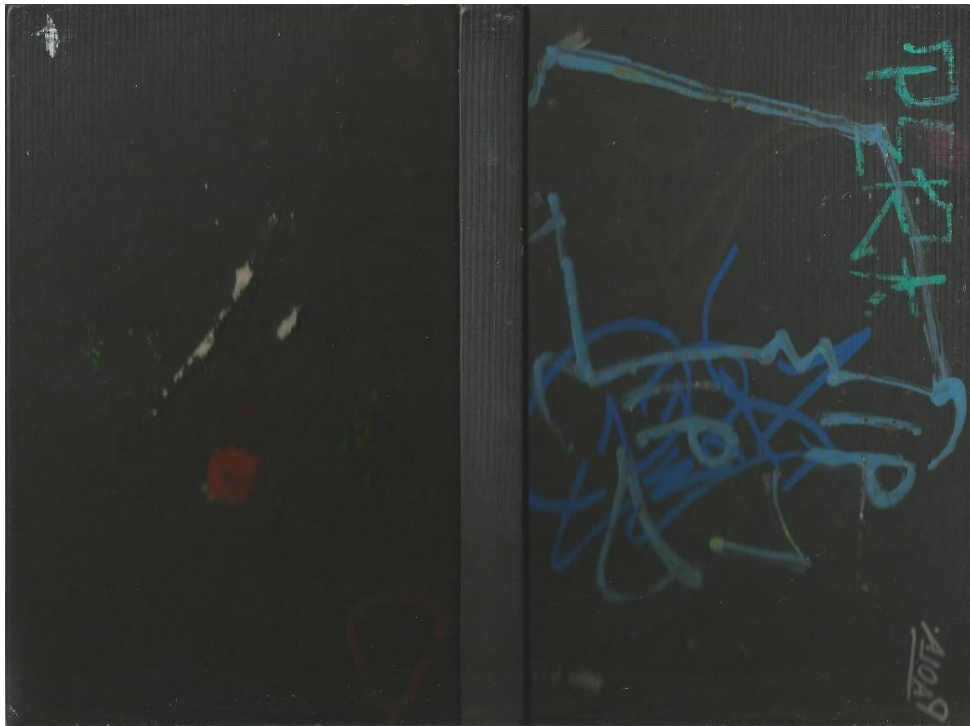


Figura 46 - Capa de blackbook de Pera. (Fonte: Acervo pessoal)

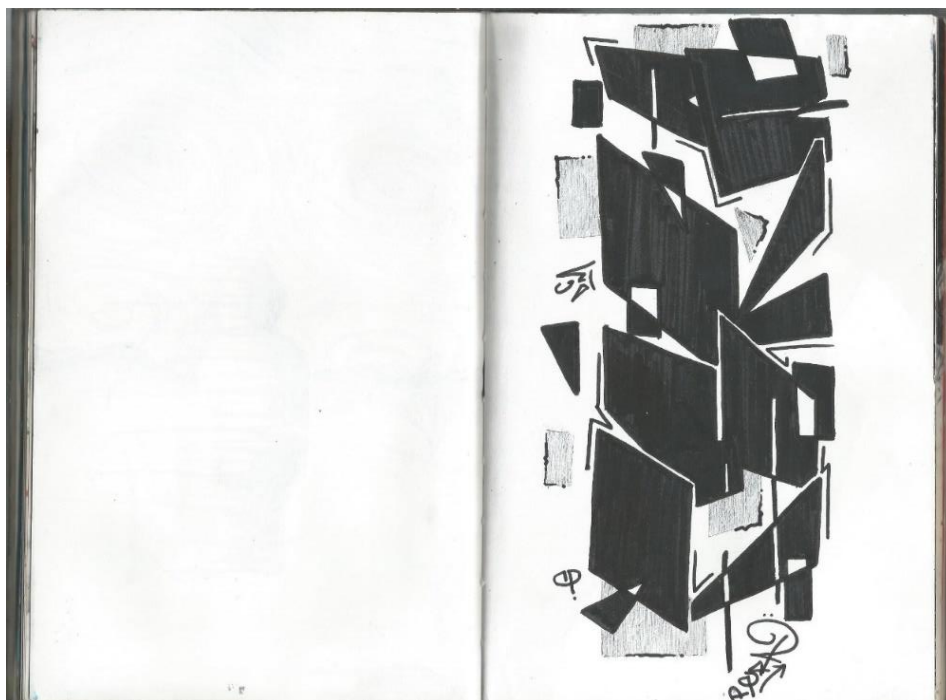


Figura 47 - Estudo de Letra. (Fonte: Acervo pessoal)

92

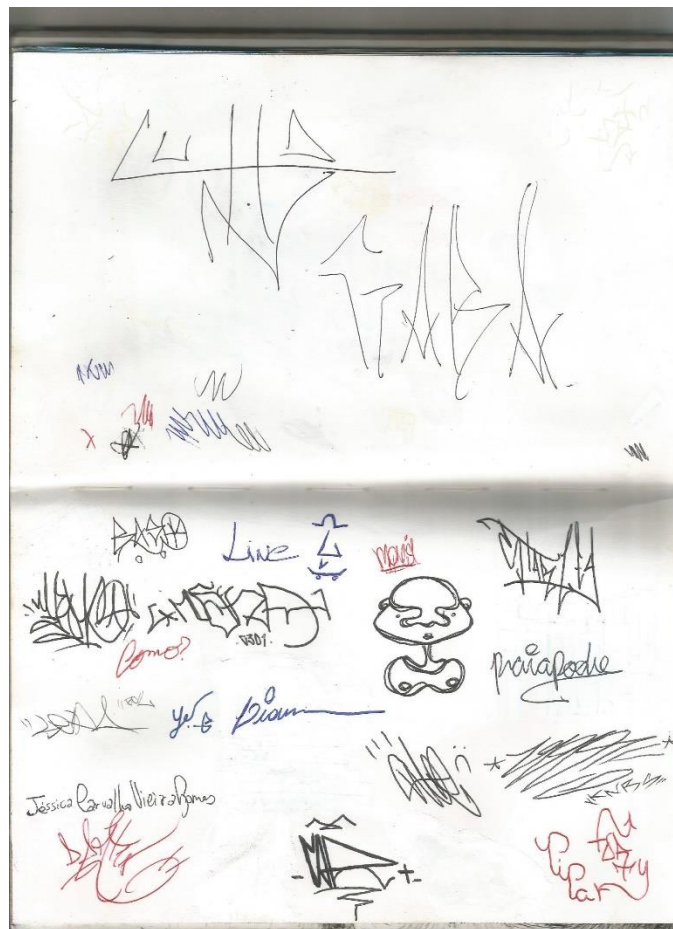


Figura 48 - Recolhimento de tag. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 49 - Ilustração Pera. (Fonte: Acervo pessoal)

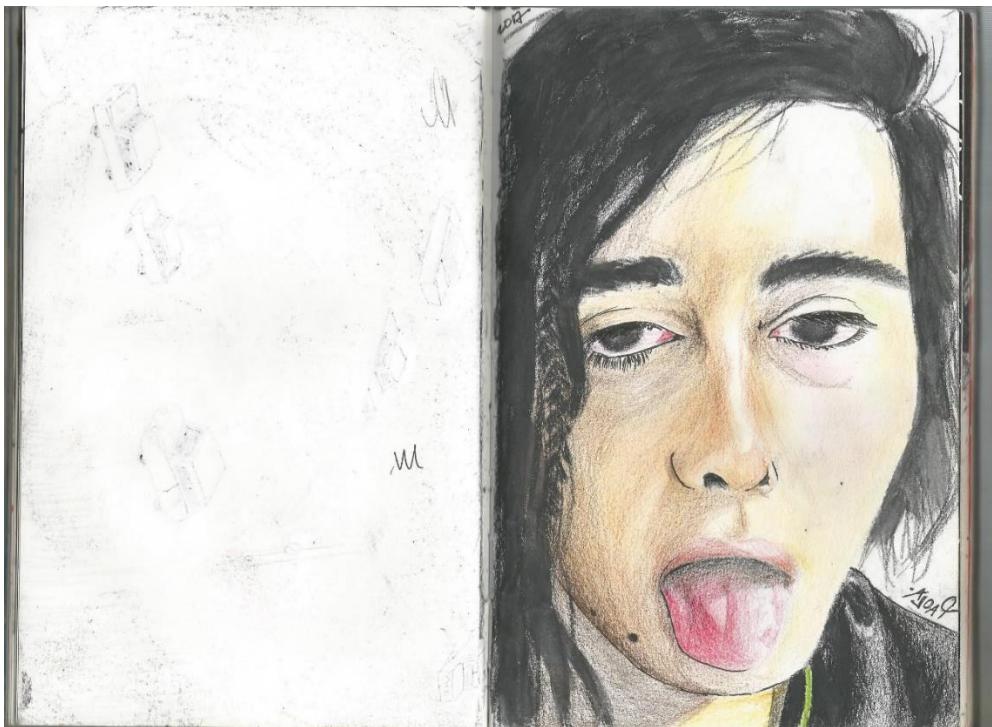


Figura 50 - Autorretrato. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 51 - Adesivos Final de capa. (Fonte: Acervo pessoal)

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	10 - BB2
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Pera
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenho sem pauta
Quantidades de Vias	1 em posse de Pera e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo. Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	61 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	



Figura 52 - Capa do Blackbook de Shorty. (Fonte: Acervo pessoal)

Shorty foi um componente da cena que eu não havia conhecido pessoalmente. Notei que ele possuía um blackbook, pois ele sempre postava fotos em um grupo⁴⁶ de *WhatsApp*. De forma *online*, pedi o blackbook de Razor que é amigo pessoal de Shorty e aproveitei e pedi o blackbook de Shorty também. Os dois aceitaram sem problemas algum em emprestar. Marquei com Razor de nos encontrarmos na praça Costa Pereira⁴⁷, na final da batalha de rima estadual; Shorty então levou dois cadernos, um completado no ano de 2017 e outro pela metade preenchido - perguntei se poderia levar os dois e se não iria atrapalhar, ele foi enfático ao apontar para o blackbook que estava a completar e disse que não sentiria falta do completo, mas que do outro iria sentir. Assim, por causa desta fala e também da falta de contato que existia relação pesquisador-pesquisado não

⁴⁶ Me foi permitido a entrada neste grupo chamado de “*Street Bombing*” através do componente da cena de graffiti Gentil. Então ao me apresentar pude anunciar a temática dos blackbooks como pesquisa e os participantes do grupo Razor, Shorty e Tyco se ofereceram a emprestar os blackbooks.

⁴⁷ A praça “Costa Pereira” fica no centro de Vitória – ES. Neste local aconteciam batalhas de rima periodicamente durante o ano de 2018.

insisti para ficar com os dois cadernos. Ao final, Shorty me presenteou com dois *stickers* 9 e assinou meu blackbook.

O BB de Shorty teve a estrutura abalada em algum momento de seu uso e então ele decidiu colocar fitas isolantes para o caderno não desmontar e acabou preservando a característica do *Blackbook* de ter sua capa na cor preta. Este BB tem *stickers* colados com cola de lambe. Foi uma dificuldade ao escaneá-lo e ter cuidado em seu manuseio, pois ele se grudou na mochila, do caminho da batalha até a minha casa e no scanner no processo de digitalização.

O BB Shorty é de tamanho A5. Sua capa é colada com fita isolante, escrito seu pseudônimo e um *sticker* com um olho emoldurado de forma triangular (Figura 52) . Ele tem uma grande coleção de *sticker*, desenhos de outros grafiteiros, dos quais sete deles também participam dessa pesquisa, *tags*, *bombs*, desenhos próprios, estudos. O caderno está completo com 75 páginas escaneadas, com total de 150 folhas no original.

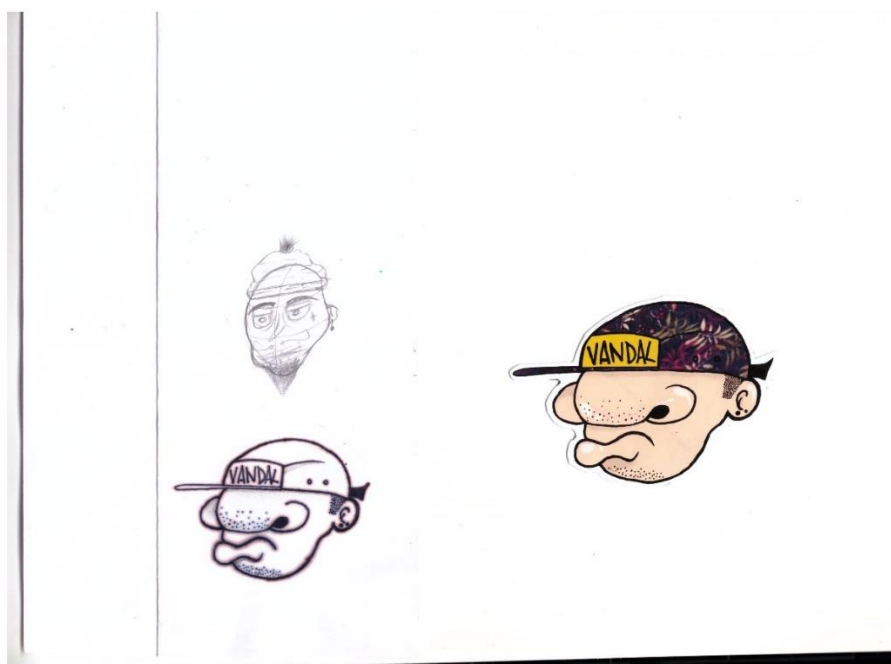


Figura 53 - Desenhos soltos no BB de Shorty. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 54 - estudo desenho shorty. (Fonte: Acervo pessoal)

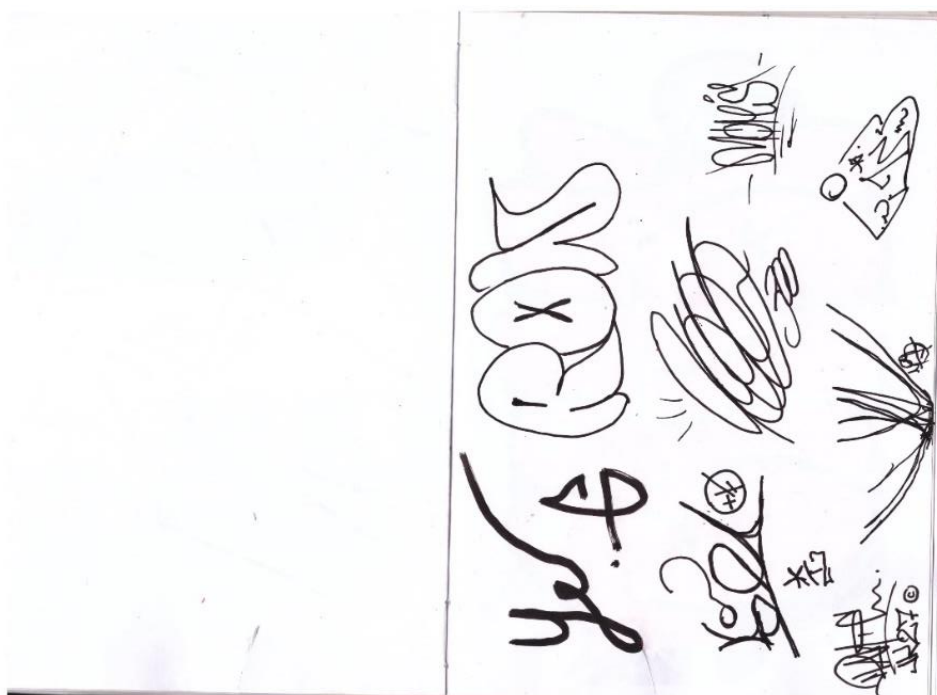


Figura 55 - Assinaturas em réu. (Fonte: Acervo pessoal)

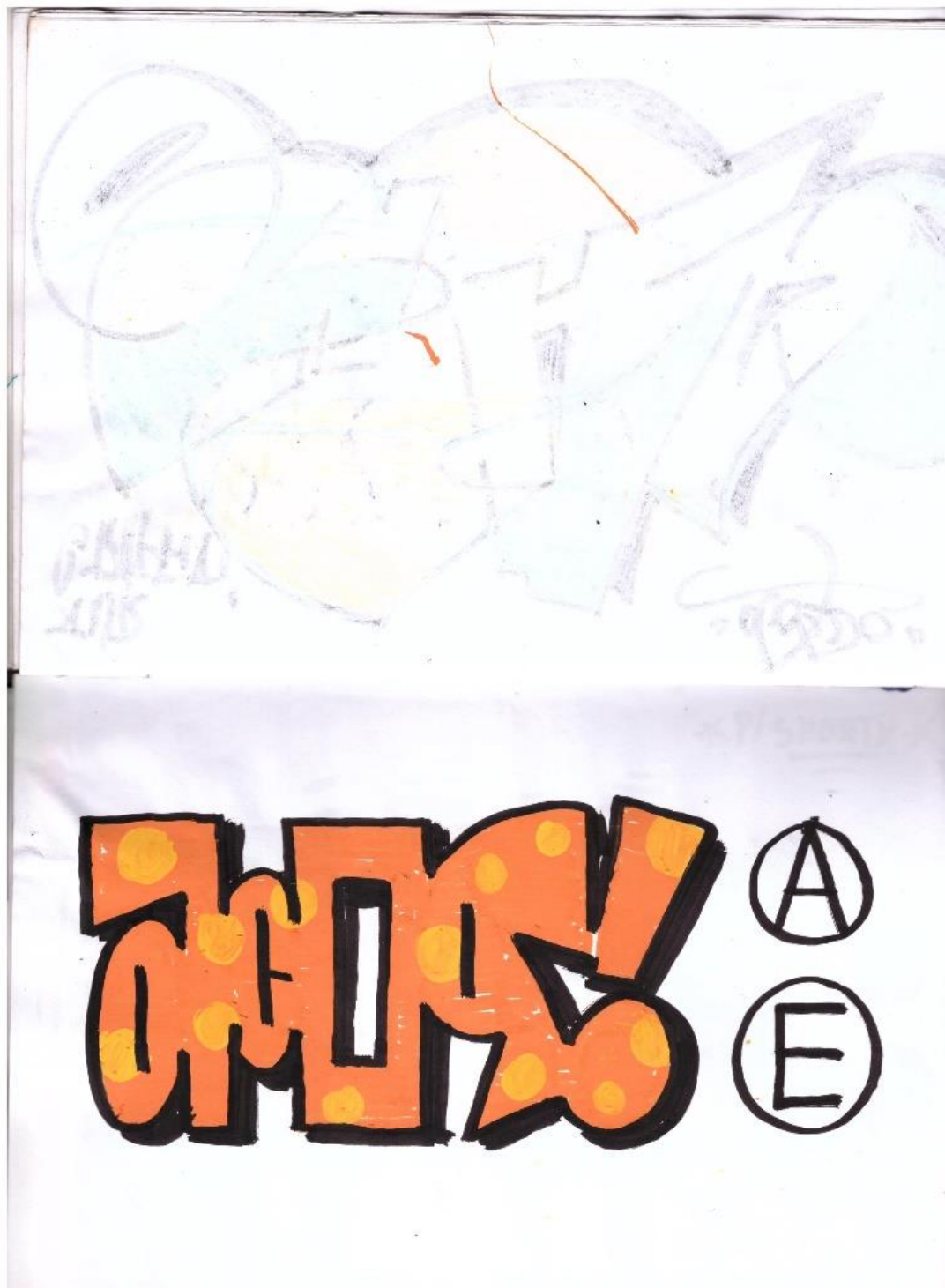


Figura 56 - Lettering Acop. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 57 - Lettering Liam. (Fonte: Acervo pessoal)

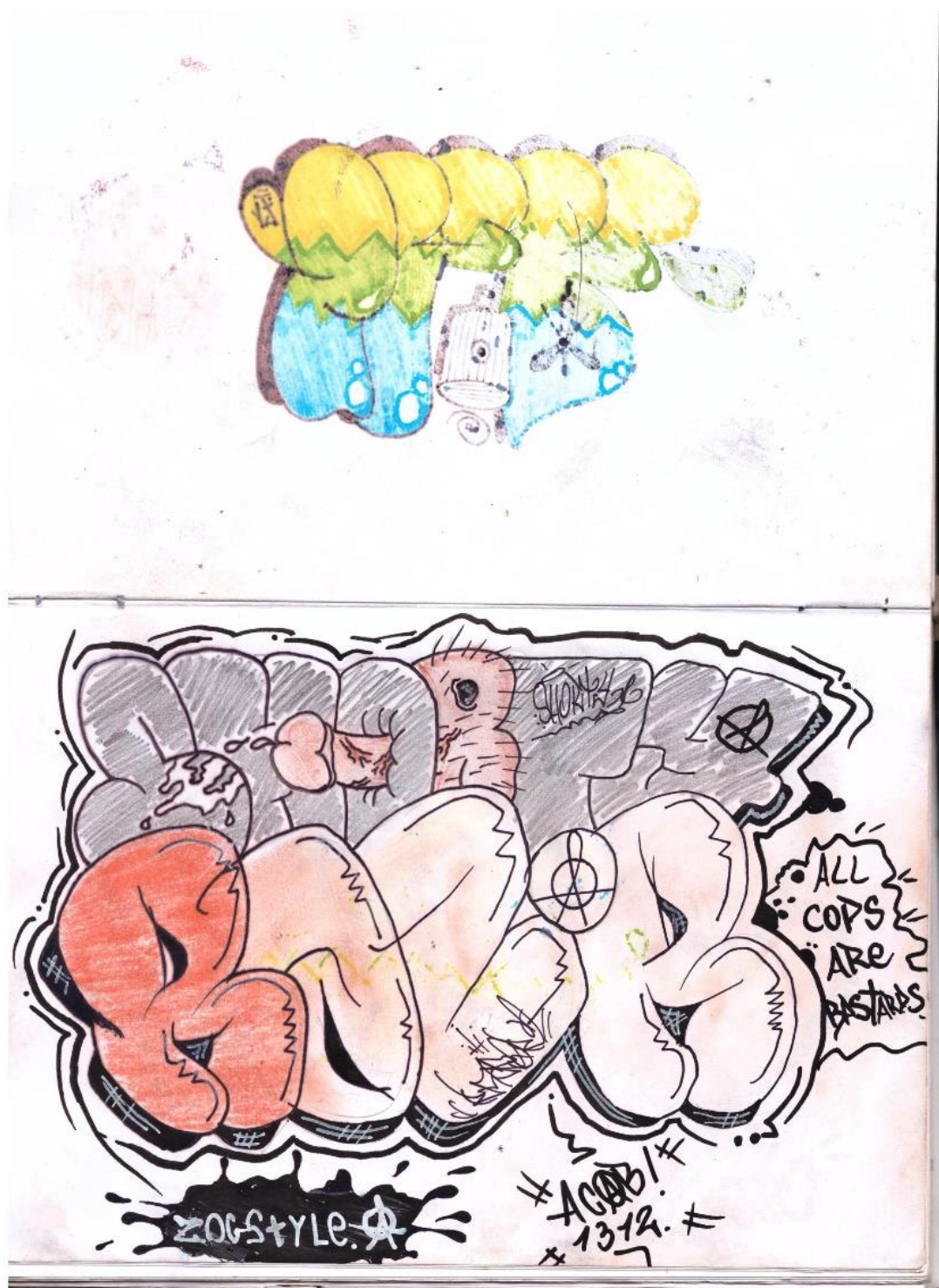


Figura 58 - Lettering em colaboração Shorty e Razor. (Fonte: Acervo pessoal)

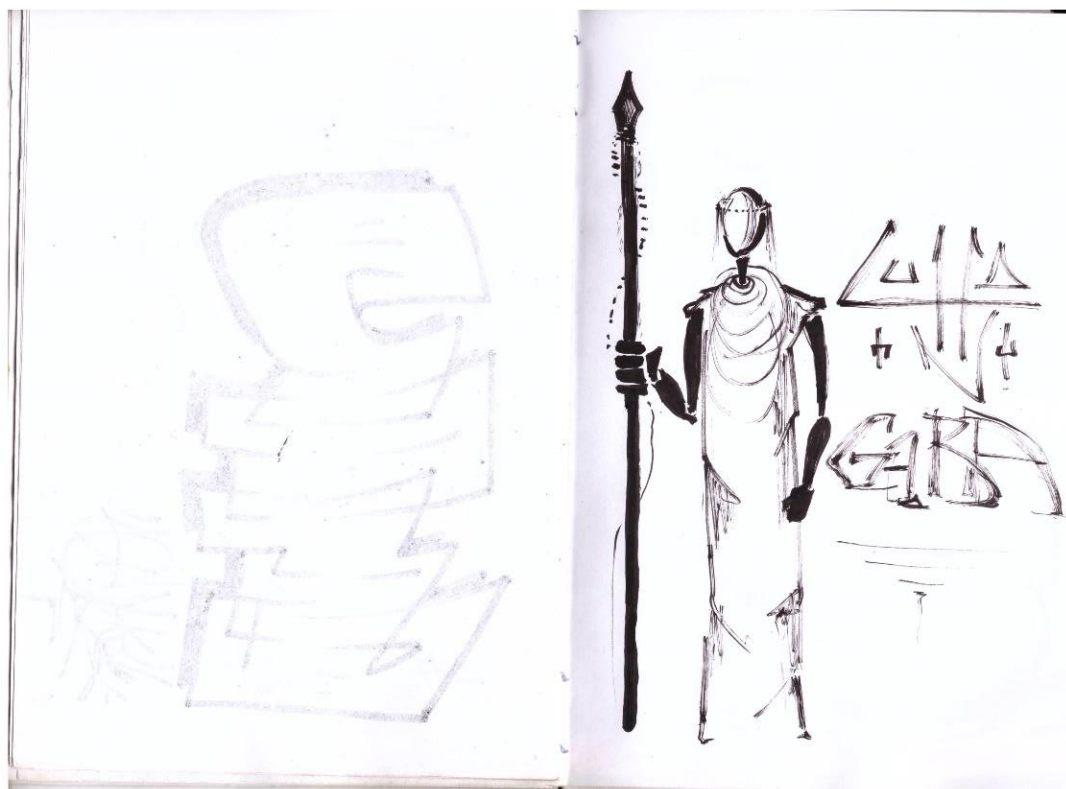


Figura 59 - Ilustração de Luhan. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 60 - Lettering de Tyco. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 61 - Lettering de Basi. (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 62 - Lettering de Zumbi. (Fonte: Acervo pessoal)

Tabela 10 - Ficha de descrição do Blackbook de Shorty

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	11
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Shorty
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Shorty outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar e recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	75 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

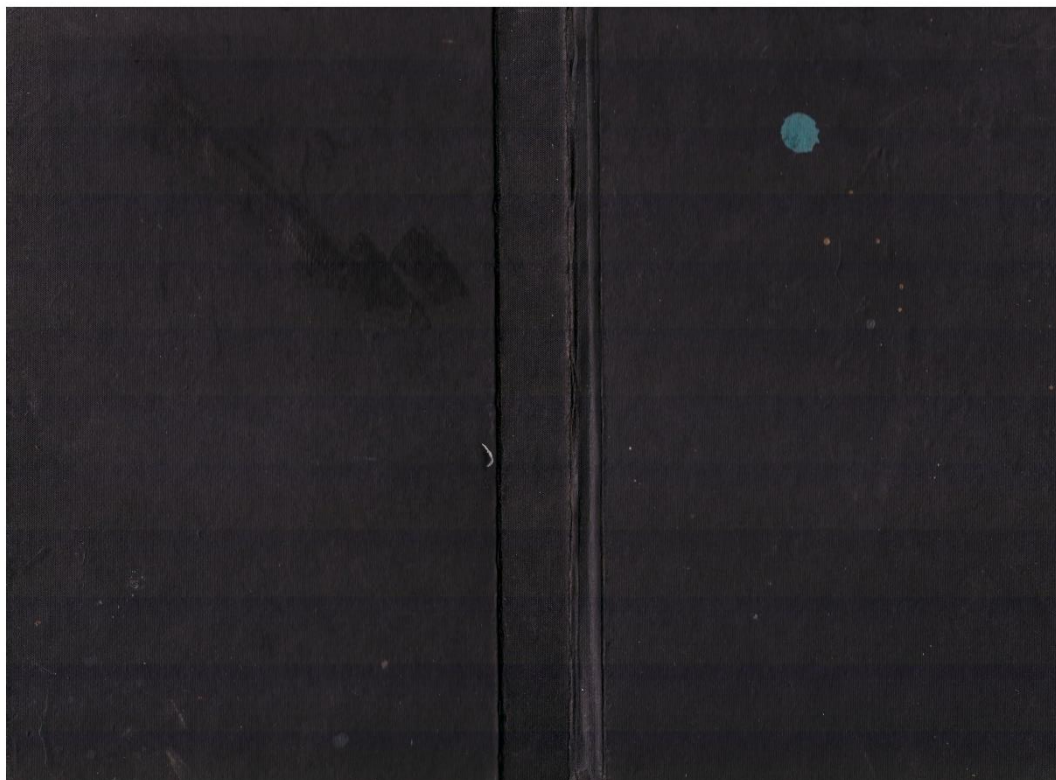


Figura 63 - Capa do blackbook de Starley. (Fonte: Acervo pessoal)

Recolhi o caderno de Starley junto com o de Keka e Liam, componentes da *crew* FG, quando fui de encontro a Liam no mural que a *crew* estava realizando para o Médicos Sem Fronteiras em 2018. O BB de Starley (Figura 63) é de capa preta com um pingo de tinta azul em sua capa, e bem cuidado. De tamanho A5, seus estudos percorrem todo pelo lápis grafite com exceção da intervenção de Keka. Ele mescla anotações de suas aulas de Filosofia da Arte com estudos de desenho em busca de realismo, autorretrato, personagens e caricaturas e muito resto de borracha grudada nas páginas . Todo o caderno foi utilizado.

As únicas imagens editadas do processo de escaneamento em *fotoshop* foi o de Starley. Por seus estudos estarem a lápis, a luz do escâner ofuscou as linhas finas do lápis grafite; por isso a cor escurecida semelhante ao desenho de carvão. Seu caderno é completo com 75 páginas escaneadas com total de 150 folhas do caderno original.

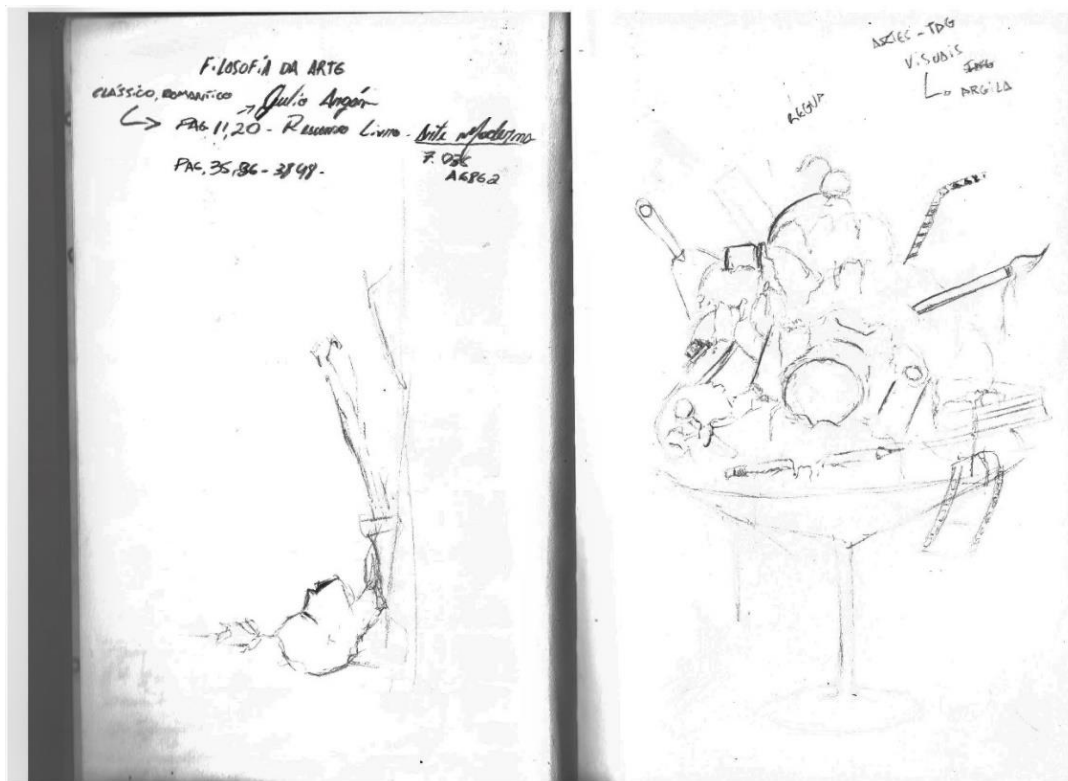


Figura 64- Anotação para a aula de Filosofia da Arte. (Fonte: acervo pessoal)



Figura 65 - Desenho, página rasgada e restos de borracha. (Fonte: Acervo Pessoal)

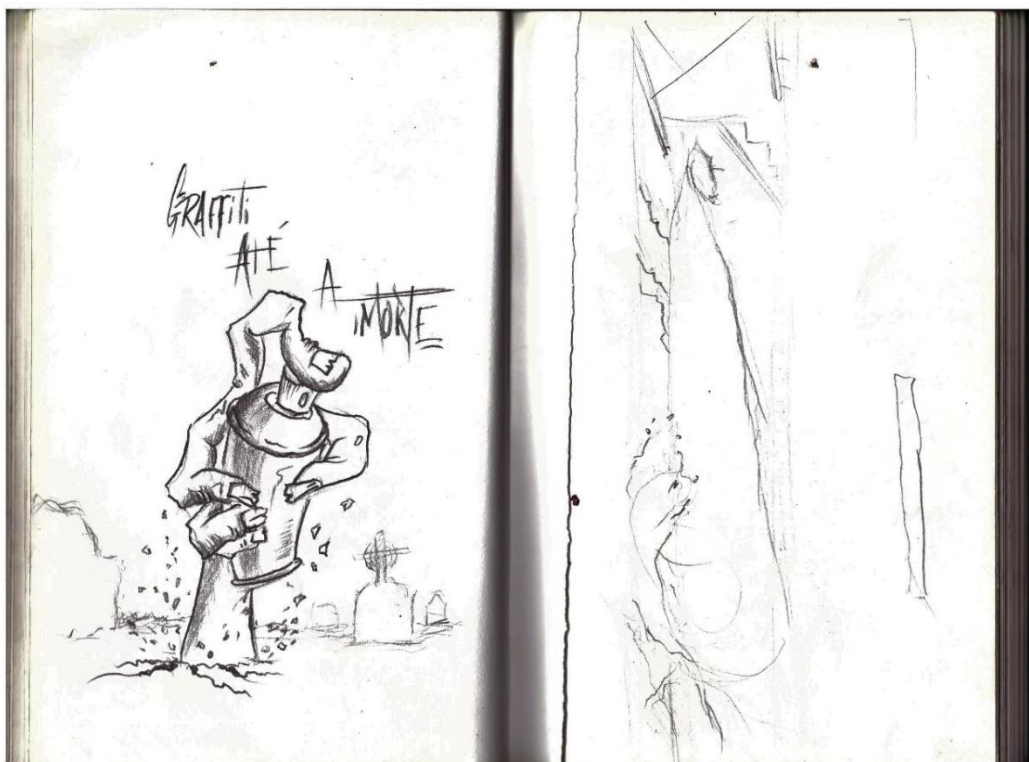


Figura 66 - Ilustração e esboço (Fonte: acervo pessoal)



Figura 67 - Letras Variadas de Shorty (STY). (Fonte: Acervo pessoal)



Figura 68 - Intervenção. (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 11 - Ficha de descrição do Blackbook de Starley

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	12 - BB2
Data	15/05/2018
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Starley
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Starley outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo. Recolher assinaturas.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	75 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	

2.1.10- Blackbook de Tyco

1

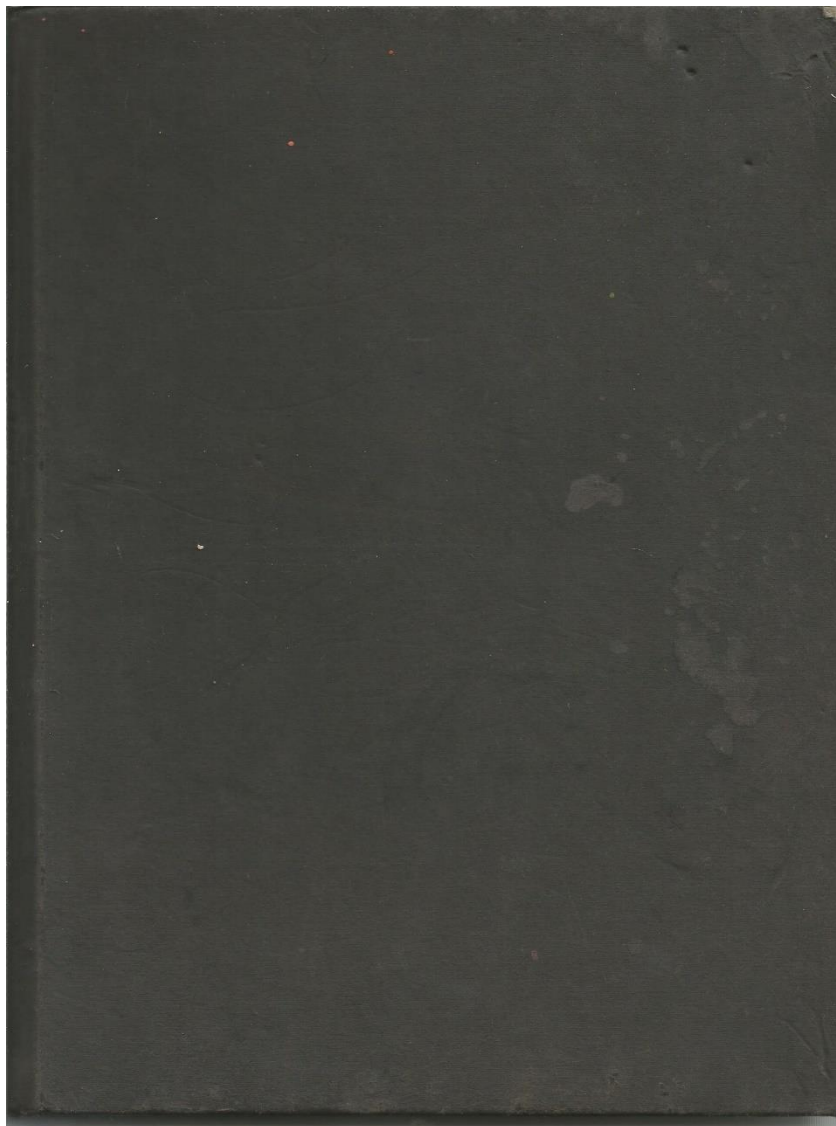


Figura 69- Capa do blackbook de Tyco. (Fonte: acervo pessoal)

Tico é do grupo de *WhatsApp Street Bombing*. Para nosso encontro, ele informou onde trabalhava e fui de ter com ele; lá vi um mural feito comercialmente para uma loja para o estilo skate e surf que era de sua autoria. Tyco se dedicou a desenhar *throw-ups*⁴⁸.

⁴⁸ Essa forma do grafite consiste em desenhar somente as formas vistas no “Bomb”, sem preenchimento.”(BROTERO, 2021)

Seu blackbook data de 2015, possui tamanho A4. Encontra-se em maioria desenhos 1 próprios, *tags*, muitos processos, e uma preza⁴⁹ de Mills, teste de material e suas *tags*.



Figura 70 - Ilustração Throw-up Tyco. (Fonte: acervo pessoal)

⁴⁹ Preza é uma dedicatória para alguém, no blackbook de Tyco está inserido: P/ Tyco.



Figura 71 - Variadas assinaturas de Tyco (Fonte: acervo pessoal)



Figura 72 – Dedicatória de Mills para Tyco. (Fonte: acervo pessoal)



Figura 73 - Teste de Material. (Fonte: acervo pessoal)



Figura 74 - Personagem Tyco. (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 12 - Ficha de descrição do Blackbook de Tyco

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	13
Data	15/05/2018
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Tyco
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Tyco outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo. Recolher assinaturas fazer parte do processo artístico deste sujeito para assim desenhar nas ruas e recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	40 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	



Figura 75 - Capa Blackbook Zumbi. (Fonte: acervo pessoal)

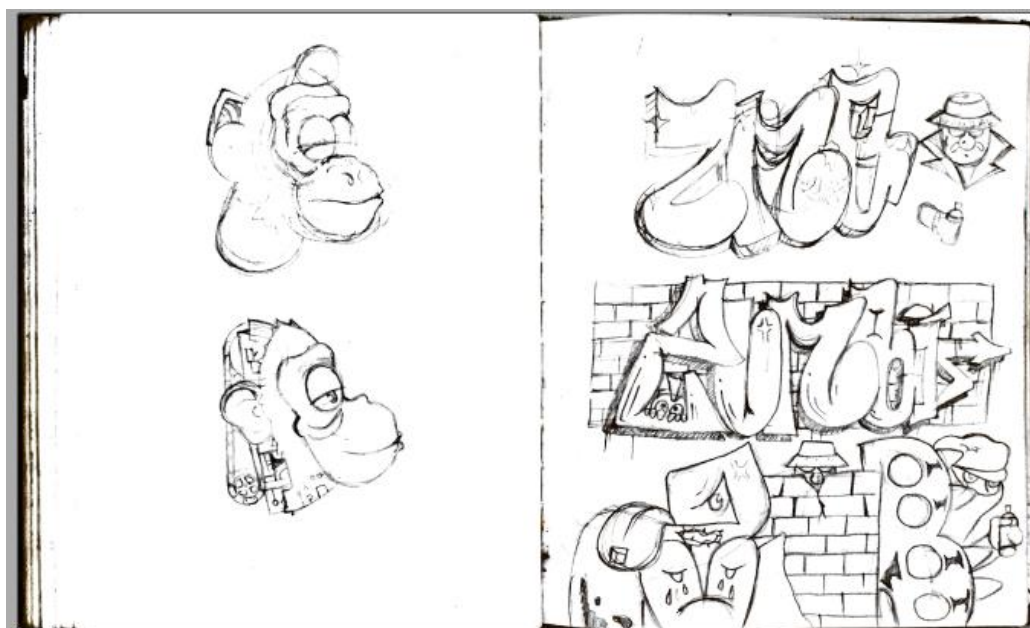
Conheci Zumbi pela UFES na época em que ele era estudante de Design e iniciando sua carreira como tatuador. A entrega de seu blackbook foi junto da entrega do BB de Acop. O BB de Zumbi (figura 75) já em sua capa denuncia que será um caderno aos moldes de BB, as palavras *vandal* caligrafadas; *vandal art* em estilo *bomb*; sua assinatura Zumbi e ZMB; e as palavras *xarpi* não oculta o que um caderno que “deveria ser capa preta” que se esconde. Sua capa fica sem vazios e respiros conversando com as pichações caóticas que vemos nas ruas. Seu final de capa é uma ilustração de um músico que preenche todo o seu tamanho. De tamanho A4, gramatura 14, tanto o tamanho e a gramatura densa parecem demonstrar a preocupação com o desenho que o dono do caderno quer anunciar.

Uma característica das ilustrações de Zumbi são os estudos de tatuagem em nanquim preto versus as ilustrações com amarelos, vermelhos e verdes brilhantes que ele utiliza com bastante repetição. Outra válida pontuação é o salto de páginas, por usar

canetas “molhadas” elas atravessam o papel deixando marca no outro lado, em sua maioria Zumbi as pula descartando-as. O caderno é completo com 92 páginas escaneadas com total de 184 folhas.



Figura 76 - Lettering em bomb variadas. (Fonte: acervo pessoal)



1

Figura 77 - Estudos de bomb. (Fonte: acervo pessoal)

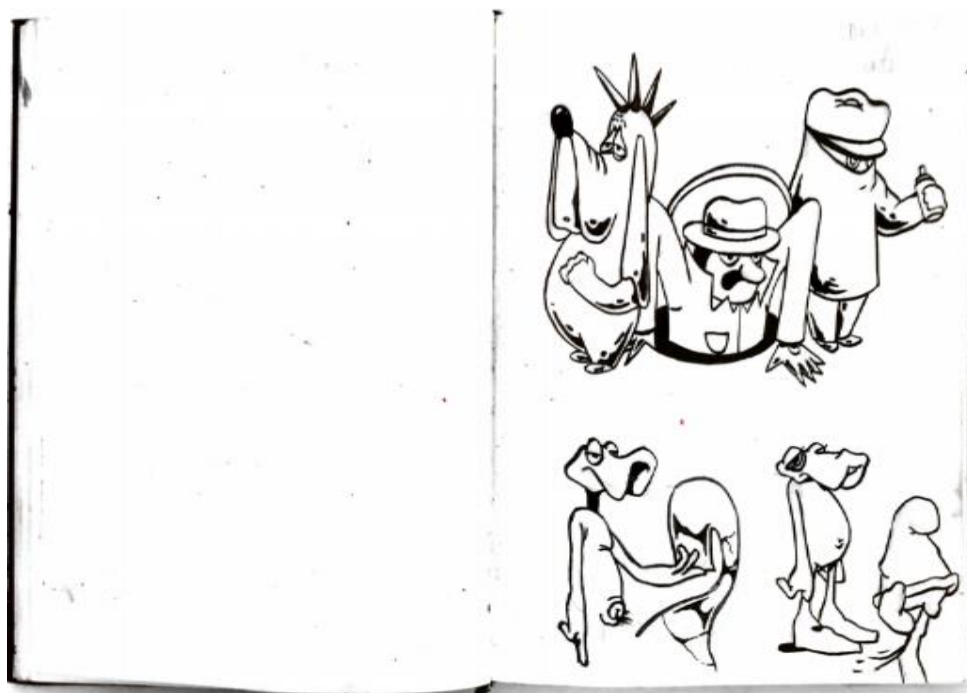


Figura 78- Personagem em que Zumbi repete na rua. (Fonte: acervo pessoal)

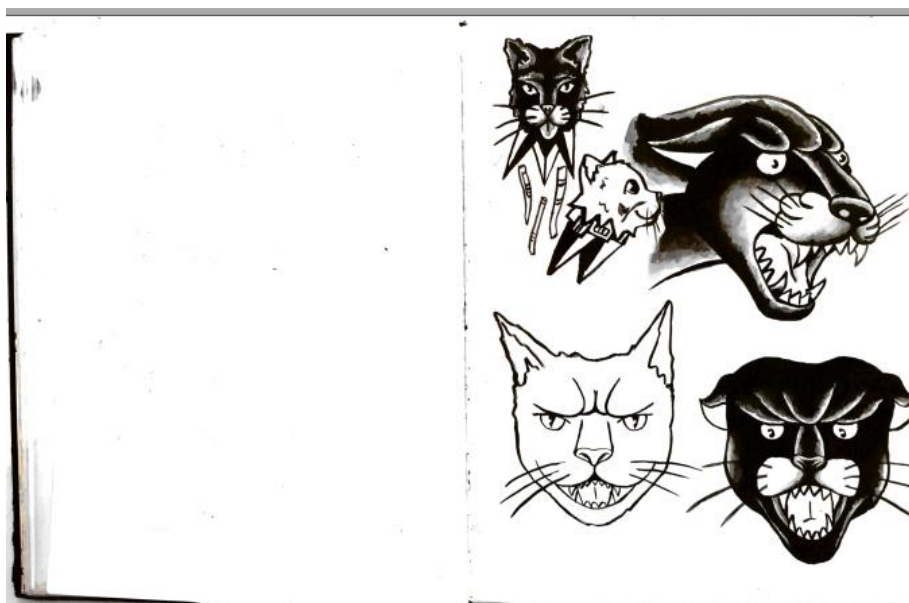


Figura 79 - Estudo em nanquim preto. (Fonte: acervo pessoal)



Figura 80 - Lettering em contraste e ilustração de Zumbi. (Fonte: acervo pessoal)



1

Figura 81 - Final de capa Zumbi. (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 13 - Ficha de descrição do Blackbook de Zumbi

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	14
Data	15/05/2018
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Zumbi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Zumbi outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, fazer parte do processo artístico deste sujeito para assim desenhar nas ruas
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	92 páginas de caderno abertas escaneadas.
Descrição do documento Composto	

2.2 Blackbooks Vermelhos

1

Os blackbooks vermelhos foram designados assim por causa de sua cor. Na coleta de blackbook surgiram dois blackbooks dessa cor: um livro de inglês pertencente a Nilbae e um bloco de notas de Mills.

2.2.1- O Livro de Inglês de Nilbae



Figura 82 - Capa do Blackbook de Nilbae. (Fonte: acervo pessoal)

Ao iniciar esta pesquisa sobre pichação, Nilbae foi um dos nomes expoentes, em minhas entrevistas sempre fazia a pergunta ao entrevistado: “quem eu mais deveria entrevistar?” E o nome dele era sempre citado. Residente de Vila Velha suas *tags* estilo carioca e pixo paulista⁵⁰ são expressivas na RodoSol sentido Guarapari – ES.

⁵⁰ "muitos atribuem a pichação de São Paulo aos logos das bandas de heavy metal e aos arranha-céus. No Rio de Janeiro, os pixos têm formas sinuosas, ondas. Pode ser que a geografia da cidade carioca tenha influenciado, muitos morros". <https://www.vice.com/pt/article/aep9w8/xarpi-um-registro-historico-das-pixacoes-cariocas>

Combinei com Nilbae de encontrá-lo na batalha de rima na praça Costa Pereira⁵¹ 1 a final do estadual de 2018. Nilbae estava com uma sacola recheada de cadernos; ele me disse que as agendas que tinha era do Xuxão, este personagem se mudou para Vila Velha nos anos 1990 e pixa na região até meados dos anos 2010. Pelo depoimento dado, quando Nilbae conhece Xuxão, ele está começando na pixação e desse modo explica o porquê seus *blackbooks* fazem um diálogo, se apresentam da mesma maneira: sua intervenção é a colagem de desenhos. Apesar de não ter incluído o BB de Xuxão na pesquisa, ele é muito importante para fazer algumas interpretações sobre o BB de Nilbae.

O Blackbook de Nilbae estava em péssimo estado, soltando folhas, capa e pedacinhos de folhas, além de mostrar caminho de traças. E para a minha surpresa, que esperava um caderno semelhante aos demais, surge um livro de inglês. Sua capa acabou se descolando durante o escaneamento no LEENA, então coleí com cuidado e esperei a secar, assim consegui continuar e finalizar o escaneamento.



Figura 83 - Folhinha de Nilbae. (Fonte: acervo pessoal)

⁵¹ A praça Costa Pereira é localiza no bairro do Centro de Vitória no Espírito Santo.

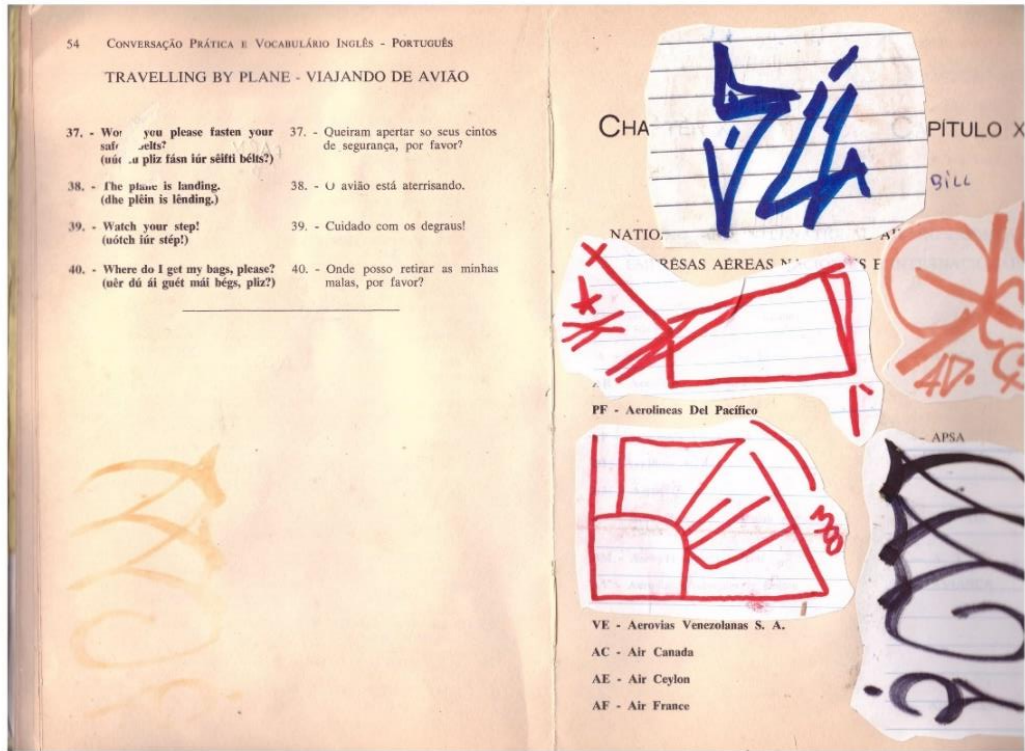


Figura 84 - Coleção de assinaturas. (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 14 - Ficha de descrição do Blackbook de Nilbae

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	15
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Nilbae
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Pixação
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Livro
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Livro de inglês
Tipo	Recolhimento de assinaturas
Quantidades de Vias	1 em posse de Nilbae e outra digital do Acervo do LEENA
Objetivo da produção do documento	Desenhar e recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento	74 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

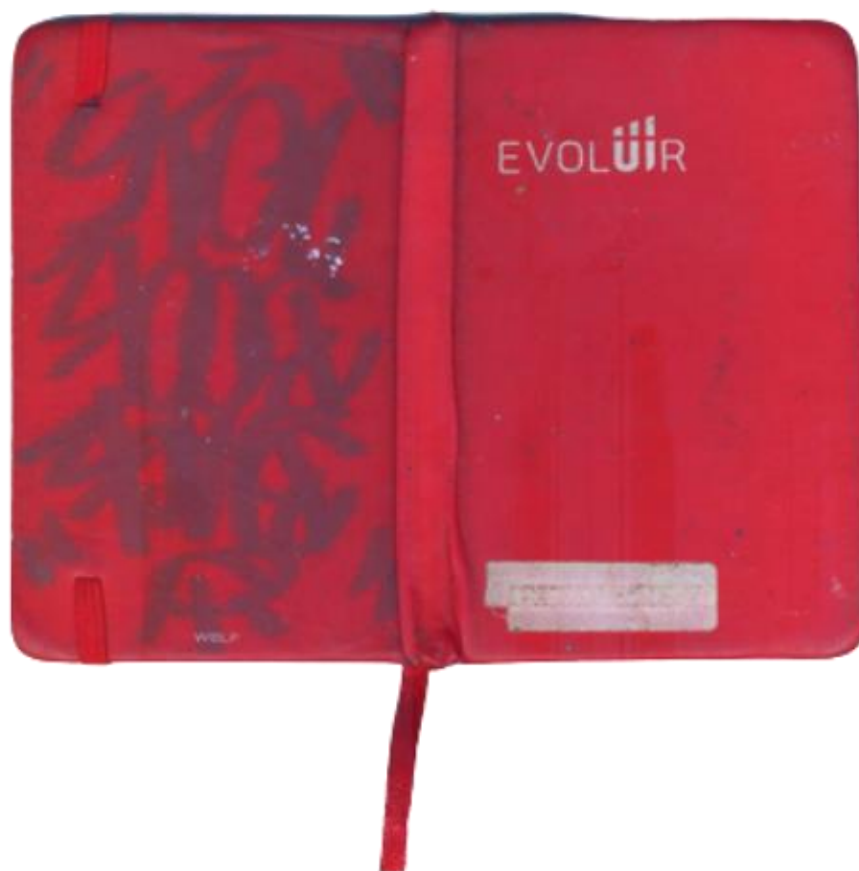


Figura 85 - Capa do Blackbook Vermelho de Mills. (Fonte: acervo pessoal)

O blackbook vermelho de Mills, um caderno do tamanho A6, seu tamanho indica a praticidade de carregá-lo e também demonstra que as assinaturas são executadas com rapidez, sua capa é em couro emborrachado e seu miolo sem pauta. Este BB foi intencionalmente discriminado para receber apenas assinatura de outros participantes da cena do *graffiti*; destaca-se que a *tag* de Mills não apareceu em seu Blackbook Vermelho nenhuma vez, nem para indicar sua posse. Este caderno, registra também uma *reú* com 19 participantes da cena, dessa reunião duas pessoas me emprestaram seus blackbooks: c Ren e Smoke. Além disso, Mills guarda alguns adesivos de seus encontros e uma assinatura em caderno com pauta solto. São 67 páginas abertas escaneadas. Dois escaneamentos avulsos de desenhos e adesivos.

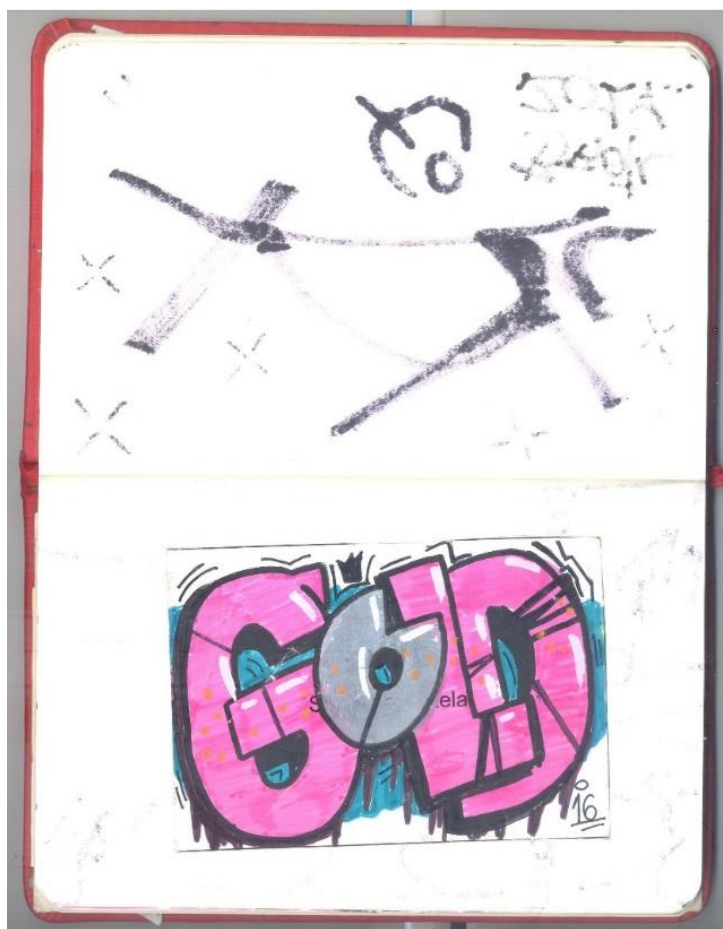


Figura 86 - Ilustração em Letras no estilo Bomb de Gold, ano de 2016.



Figura 87 - Lettering de Starley (Fonte: acervo pessoal)

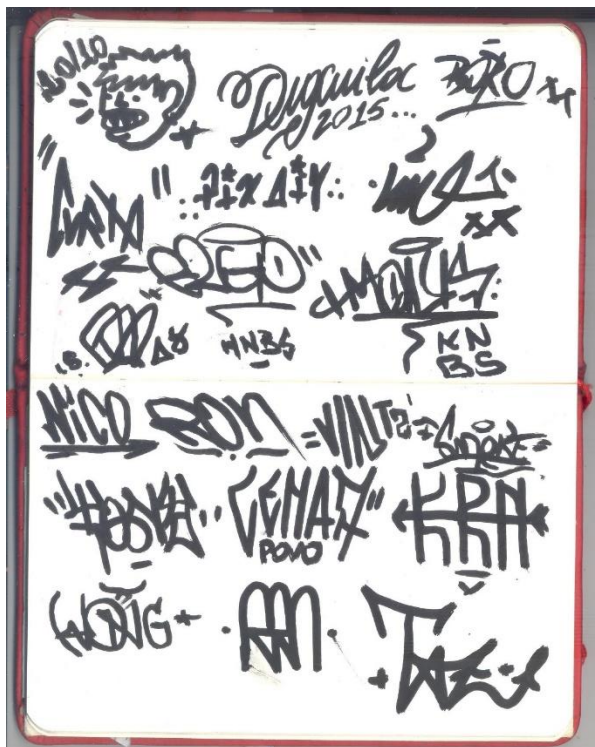


Figura 88 - Réu no Blackbook Vermelho de Mills (Fonte: acervo pessoal)



Figura 89 - Desenhos e adesivos avulsos no blackbook vermelho de Mills

<i>FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.</i>	
Número do documento	16
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Mills
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	<i>Graffiti</i> , pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Recolhimento de assinaturas em reuniões.
Quantidades de Vias	1 em posse de Mills outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples (X) composto
Descrição do documento Simples	67 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	4 adesivos e 3 assinaturas em papel pautado para Mills.

2.3 Blackbooks Espirais

2.3.1- Blackbook Kika espiral



Figura 90 - Capa do blackbook espiral Kika (fonte: acervo pessoal)

Este BB foi me entregue junto com os outros dois da artista Kika. Ele está nessa ordem pois está de acordo com o Quadro de Estrutura do Acervo de blackbooks do LEENA que está dividido em blackbooks pretos, vermelhos e espirais – separação por mero didatismo classificatório.

Este blackbook (figura 90) reflete os estudos de *lettering* de Kika, seus *bombs*, o Coletivo DasMina e desenhos em que ela praticava. O ano do uso do caderno varia entre 2014 e 2015. Sua capa tem adesivo com uma foto e reflexos. Ele se apresenta de modo disfarçado de um blackbook, apenas aparentando um caderno comum. São 71 páginas escaneadas e 142 folhas, o caderno está completo e não possui intervenções de outras pessoas.



Figura 91 - Bom DasMina e os pseudônimos das componentes (Fonte: acervo pessoal)



Figura 92 - Das Mina Kika (Fonte: acervo pessoal)



Figura 93 – Bomb e desenho de Kika (Fonte: acervo pessoal)



Figura 94 – Bomb de Kika (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 16 - Ficha de descrição do Blackbook espiral de Kika

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	17- BB3
Data	15/05/2018
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Kika
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Caderno de desenhos, recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Kika e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de sua produção e seu processo criativo.
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	71 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

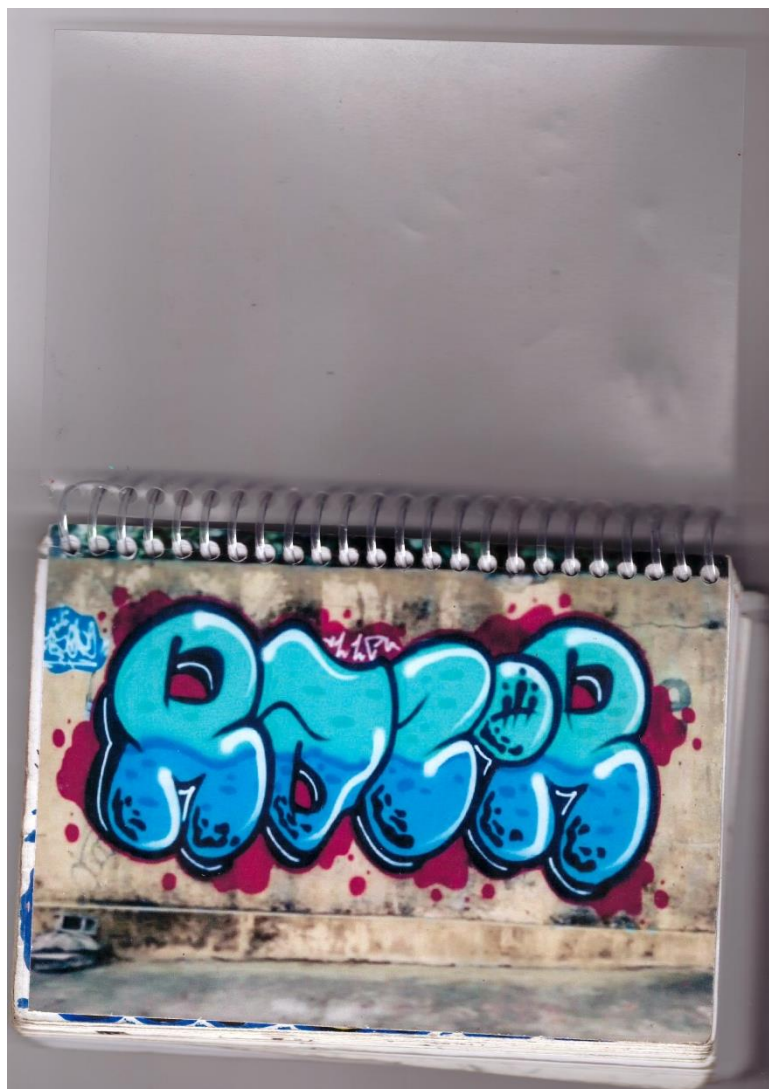


Figura 95 - Capa de Razor. (Fonte: acervo pessoal)

Para ter acesso ao blackbook de Razor, o encontrei na batalha de rima na Praça Costa Pereira em 2018 mesmo evento que os outros sujeitos que também recolhi blackbooks. O Blackbook de Razor é totalmente diferente dos que eu encontrei: ele é feito a partir de uma foto tirada por ele em camera analógica e impressa em papel fotográfico de umas de suas inserções em muro na cidade.

O BB de Razor ficou então com todas as folhas nesse formato de fotografia impressa 10x15cm, ele colocou uma encadernação em espiral e capa transparente. Ao pegar o caderno Razor estava começando a usá-lo e me alertou que não tinha muitos nomes, só o dele, o que demonstrava ser muito novo. A capa de Razor perde a característica

de se esconder e através de uma foto de mostra, deixando claro que o caderno espiralado 1 é então de *graffiti*. São 39 páginas escaneadas de 78 folhas.



Figura 96 - Contracapa de Razor. Fonte: acervo pessoal

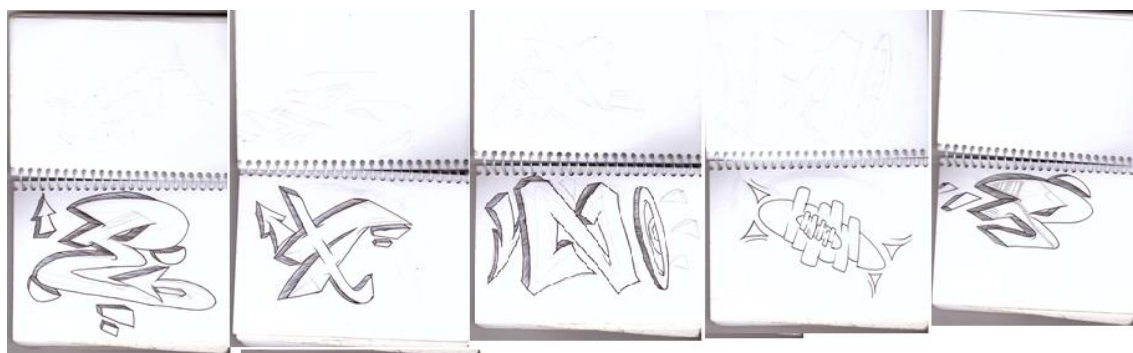


Figura 97 - Estudo de letras. (Fonte: acervo pessoal)

Tabela 17 - Ficha de descrição do Blackbook de Razor

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	18
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Razor
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Recolhimento de assinaturas em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Razor outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	39 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

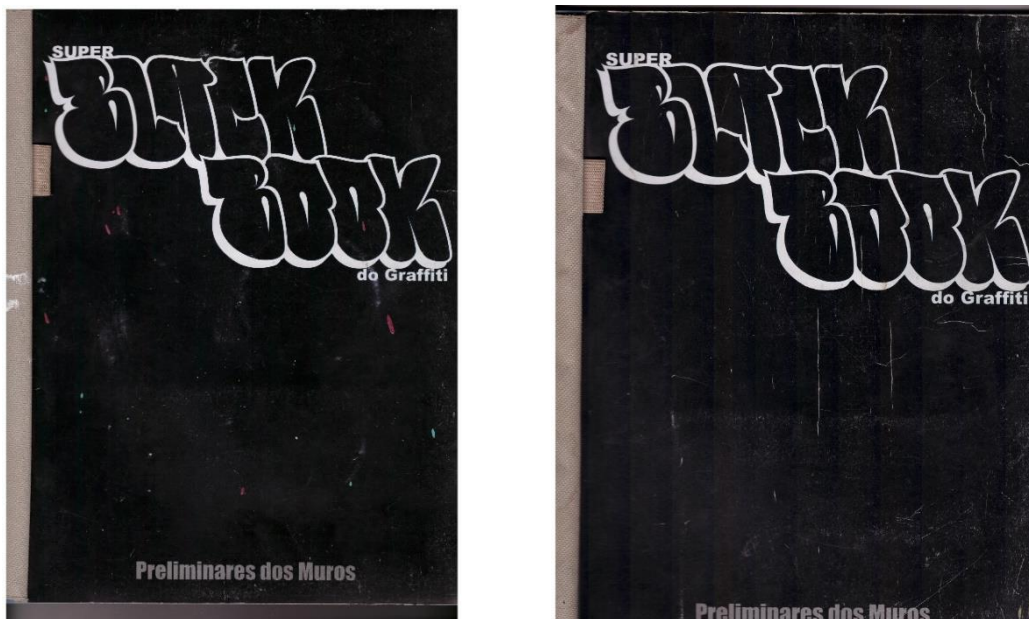


Figura 98 - Os Super blackbook do graffiti- Preliminares dos Muros. Pertencem a Smoke e Ren

O Super Blackbook do *graffiti* – Preliminares dos muros surgiu na Semana de Graffiti de 2011, realizada por Fredone Fone, artista e grafiteiro que a mais de décadas auxiliou em criações de eventos para alavancar o graffiti na Grande Vitória que formou a Luz Do Mundo – LDM *crew*, uma das *crews* mais antigas da Grande Vitória. No Shopping Jardins em Jardim da Penha – Vitória ocorreram os eventos dessa semana como filmes, documentários de hip-hop e graffiti e também bate-papo.

Após a apresentação, foi dedicado um momento só para a distribuição desses blackbooks de tamanho A4, troca de assinaturas e desenhos nesse ambiente e nesse evento segue o momento em que a programação detalhou o evento: 19h- Black Book: momento em que os artistas promoverão troca de livros para a produção de desenhos.⁵² (Sala de espera do cinema).

⁵² Notícia do site do jornal A Gazeta. Acesso em 12 de dezembro de 2022. <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/programacao-da-semana-do-graffiti-3217>

2.4.1 – Blackbook Smoke

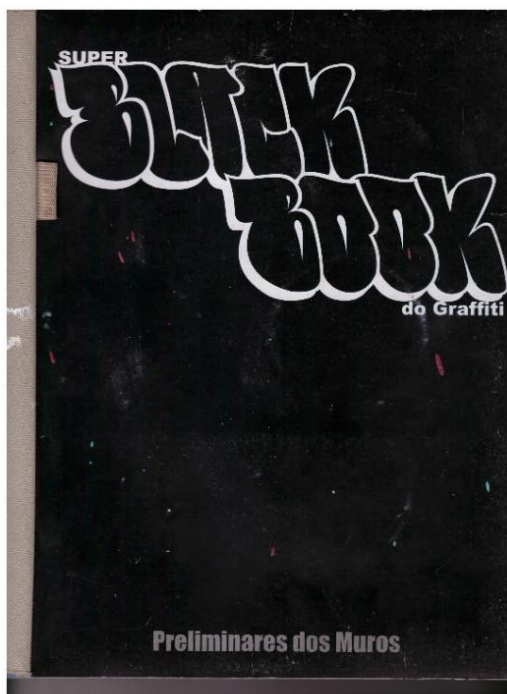


Figura 99 - Capa de Smoke (Fonte: arquivo pessoal)

Após o evento, Smoke destinou seu blackbook a colecionar desenhos e assinaturas. Ao ir nos eventos e rodas de hip hop, sua coleção foi aumentando e ao percorrer o caderno conseguimos perceber um tipo de capitulação. É evidente os encontros que parecem estar diferenciados pelo uso da caneta. São 39 páginas escaneadas e 39 folhas. O caderno ainda possuía mais de 60% do caderno em branco quando estava em minha posse no ano de 2018.



Figura 100 - Primeira Folha do blackbook de Smoke (Fonte: arquivo pessoal)



Figura 101 - Lettering de Basi no blackbook de Smoke. (Fonte: arquivo pessoal)



Figura 102 - Ilustração Starley (Fonte: arquivo pessoal)

Tabela 18 - Ficha de descrição do Blackbook de Smoke

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	20
Data	15/05/2018
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Smoke
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Recolhimento de assinaturas, recolhimento de assinaturas em Reuniões em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Smoke outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	39 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

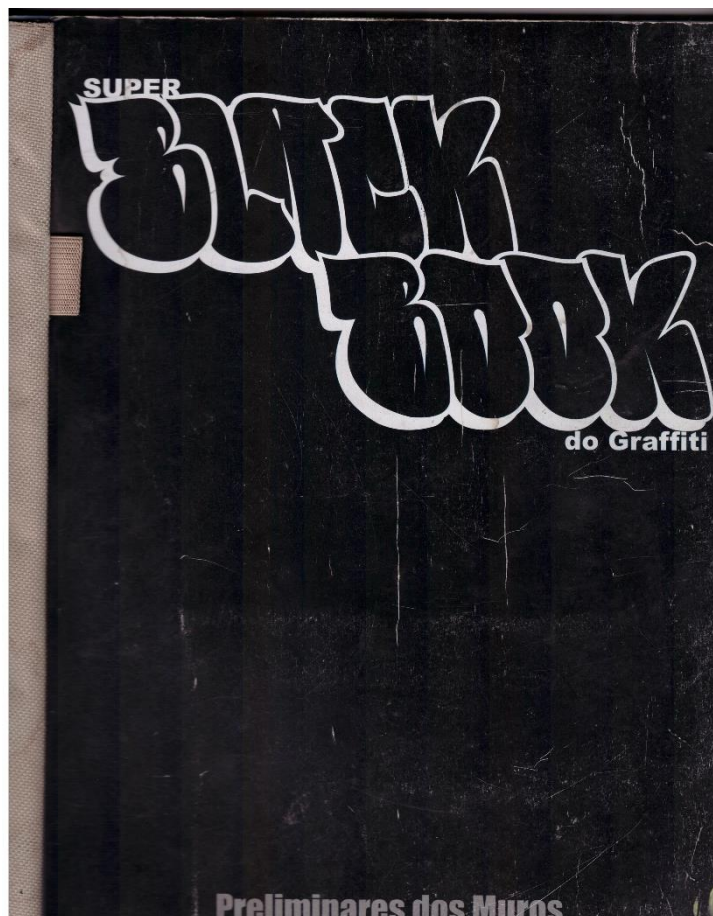


Figura 103- Capa do blackbook de Ren. (Fonte: arquivo pessoal)

Conheci Ren ao cursarmos algumas disciplinas em Artes Visuais no Cemuni II⁵³. Marquei com ele um dia que fosse melhor para ele poder me entregar o caderno. Quando fui de encontro, ele estava mexendo em um adesivo que estava na página, pensei que estava arrumando e eu disse: *-não precisa mexer;* e então ele disse: *mas está saindo, isso não era para estar aqui.* Ren arrancou da página onde estava e amassou e o guardou no bolso de sua jaqueta. A anotação arrancada fica explícita do caráter íntimo que se tem ao possuir um caderno de desenho. Provavelmente, não foi a primeira vez que alguém estava

⁵³ Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

olhando seu blackbook, talvez esta anotação foi inserida em algum momento depois, 1 então achei interessante pontuar esse momento na descrição e análise desse BB.



Figura 104 - Coleção de ilustrações de outras pessoas. (Fonte: arquivo pessoal)

O BB de Ren, durante algum tempo, foi apenas para recolher desenhos, em sua maioria feitos em caderno pautados, ilustrações suas e adesivos, o caderno também de tamanho A4, com 34 folhas e páginas escaneadas. O caderno tinha muitas folhas vazias na época do recolhimento e pesquisa.



Figura 105 - Colagem de ilustração de Aleks (Fonte: arquivo pessoal)

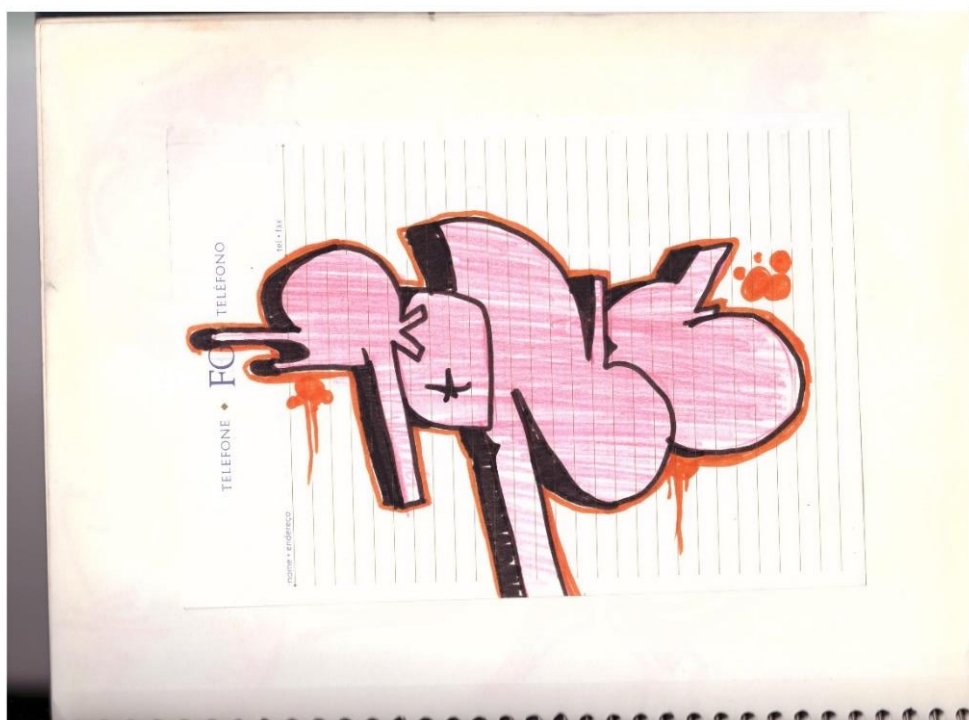


Figura 106 - Lettering de Fone em desenho pautado. (Fonte: arquivo pessoal)



Figura 107 Adesivos de Aleks, Basi, Paraink e Pera (Fonte: arquivo pessoal)

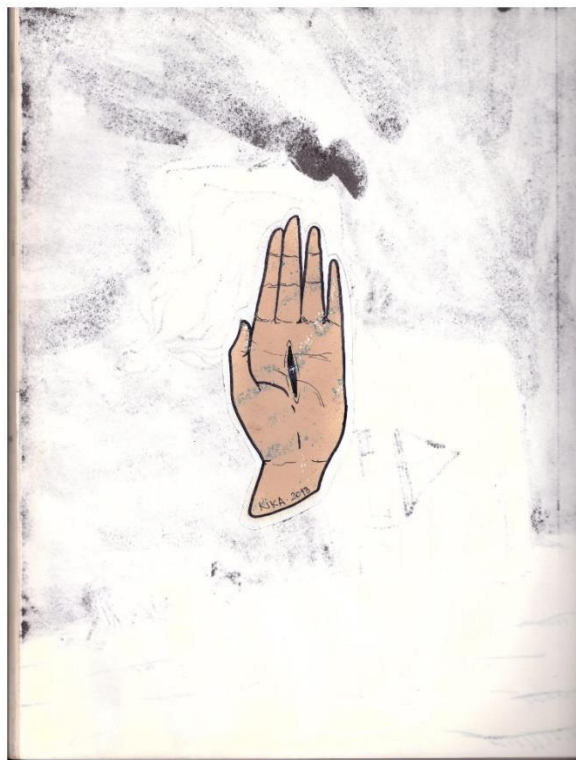


Figura 108 - Adesivo de Kika. (fonte: arquivo pessoal)

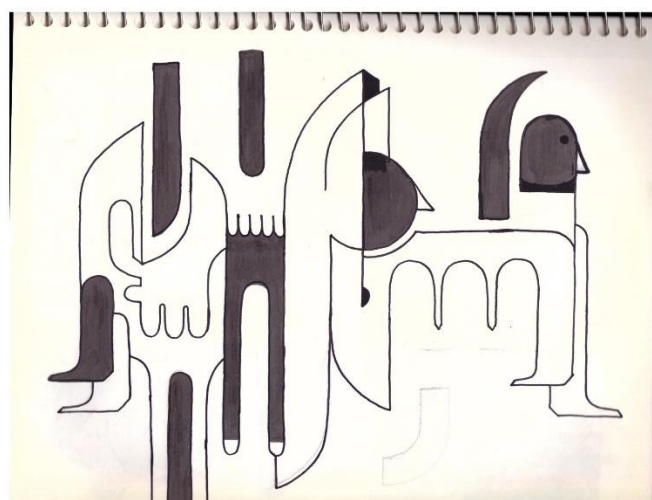


Figura 109 Ilustração de Ren. (Fonte: arquivo pessoal)

Tabela 19 - Ficha de descrição do Blackbook de Ren

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	21
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Ren
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno de desenhos
Tipo	Recolhimento de assinaturas, Recolhimento de assinaturas em Reuniões em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Ren outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	39 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

2.5- Pasta Preta de Mills

1



Figura 110 - Capa do Blackbook pasta de Mills. (Fonte: arquivo pessoal)

A pasta de Mills preta e cheia com respingos (figura 110) chega diferenciada de todos os outros blackbooks do acervo. Ela é uma pasta do tipo catálogo, com folhas transparentes e guarda desenhos, agendas⁵⁴ e adesivos; tem-se o total de 25 adesivos, 14 folhas de *reús*, 5 desenhos e 4 desenhos de letras todos guardados na pasta. Foram escaneadas 24 páginas contando com os adesivos e sua capa.

A pasta preta de Mills é utilizada para armazenar os suportes móveis como “fichas, folhas avulsas, páginas arrancadas”, conforme classifica Cirillo (2019, p.25), em um estudo para a crítica genética. Na arquivologia, esse tipo de documento é chamado de composto. Para Cirillo (2019), sua funcionalidade é um receptáculo de encontros passados, que literalmente reúne as *reús* que aconteceram ao seu redor. Essa pasta se apresenta como suporte fixo (a pasta catálogo) que armazena suportes móveis (o interior das folhas transparentes) que guarda memórias.

⁵⁴ A agenda pode ser entendida como uma lista de frequência onde todos da *reú* assinam seus nomes.

REU DA PONTE + PBB
 26/09/14
 HHH: VZZO: SSHO
 MOKE+LIC: XFA 5: LKUY
 MDEL: 100: AF
 HN: JUT: RY
 BORO: NH: BLOS
 KHA: W: ERG: X
 W: DIA: MA
 P.*: 2: 12

Figura 111 - Reú da ponte + PBB 26/09/2014. (Fonte: arquivo pessoal)

HHH Reú 24/09/14
 05+100 BRACO: ! X X
 REU
 14
 12

Figura 112 - Reú 24/09/2014 (Fonte: arquivo pessoal)

Tabela 20- Ficha de descrição do Blackbook pasta preta de Mills

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	23
Data	15/05/2018
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Mills
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Pasta catálogo, de plástico por fora e folhas em plástico transparente em seu miolo.
Forma	Cópia digital
Formato	Pasta
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Pasta catálogo
Tipo	Recolhimento de assinaturas, Recolhimento de assinaturas em Reuniões em reuniões
Quantidades de Vias	1 em posse de Mills outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	() simples (X) composto
Descrição do documento Simples	32 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	25 adesivos, 14 folhas de réus, 5 desenhos, 4 desenhos de letras

2.6- Análise geral

1

Os *blackbooks* aqui apresentados de modo geral, apenas em suas características predominantemente formais, contêm uma vasta liberdade de expressão da mente criadora por parte dos sujeitos do movimento cultural do *graffiti* capixaba. Com o recolhimento desses cadernos, pode-se perceber diversas tipologias e materialidades que fogem do que pode ser tratado como um nome tradicional, o *blackbook*. Estes livros de artista revelam diversos modos de uso de sujeito para sujeito. Por isso, é tão singular a coleta de outros tipos de objetos comuns da sociedade, pois a partir do momento em que se percebe que há uma prática artística ou histórica, - há os documentos de arquivos – e para este caso, documentos de arquivos pessoais de um sujeito da cena cotidiana do *graffiti*.

A descrição e análise dos BBs, aqui apresentados, corroboram a natureza juvenil e identitária que o movimento do *graffiti* traz ao demonstrar o quão singular cada sujeito se apresenta nessa cena. O sujeito dessa cena tem seu próprio codinome, sua própria assinatura e que não deve ser parecida com alguma outra. Além disso, o *blackbook* torna um momento de troca e pertencimento de estar em grupo, dentro desse movimento ele cria uma prática artística neste universo urbano constituindo um caderno de artista que armazena suas memórias.

Pretendemos agora, buscar apresentar uma análise mais aprofundada dos BB, centrada no estudo do processo criativo de um único grafiteiro. Dada a dimensão temporal do mestrado, seria impossível fazer esse nível de análise de cada um desses artistas. Motivo pelo qual, me dediquei inicialmente a mapear ao máximo as manifestações e os sujeitos da cena do grafite capixaba, tomando como ponto de partida os seus *Blackbooks*. Foi possível até aqui, ter um cenário da riqueza e diversidade desse material, além de uma pequena mostra da qualidades desses projeto em elaboração, de estudos que viraram obras, ou mesmo das agendas e réu, que permitem traçar, em estudos futuros, atores da cena do *graffiti* capixaba. A imersão na cena foi necessária para que este trabalho tivesse a profundidade que ele buscou. Assim, esperamos compartilhar um pouco dos aspectos do processo criativo de Basi.

Capítulo 3 –

Blackbooks de Basi

Neste capítulo, pretende-se estudar cinco blackbooks do compositor da cena capixaba do *graffiti*, de pseudônimo Basi. O objetivo deste estudo consiste na análise dos blackbooks, considerando uma metodologia que pode contribuir para ampliar os sentidos interpretativos dos enunciados imagéticos encontrados. O método escolhido foi o da Análisisfotografia desenvolvido por Felici e Tarin (2011) que traz ferramentas conceituais e práticas de análises enunciativas que ampliam as formas de percepção da imagem.

Os *blackbooks* estudados neste capítulo se relacionam entre si e marcam a trajetória de Basi em seu percurso no movimento artístico de rua. Tais cadernos⁵⁵ mantêm formatos diferentes entre si e apenas dois são de fato da cor preta. Os três primeiros (que começaram a ser produzidos no ano de 2013, mostram o início do caminho de Basi na prática artística com seus desenhos. Os seus formatos variam de tamanho e forma, seu conteúdo dá alguns passos em direção a *graffiti*. Já os últimos (a partir do ano de 2015), que são pretos, parecem demonstrar que ele está realmente ligado à prática do *graffiti* e consolidado no movimento.

Basi pratica tanto o *graffiti* mural, quanto a pixação. Ele começou nestas atividades no ano 2013, quando praticava skate e pixava com seus amigos que o nomeavam assim por fazer manobras sempre na base da pista de skate. Com o estímulo

⁵⁵ Apesar de já ter iniciado uma discussão a respeito da utilização do termo “caderno” para se referir aos blackbooks, utilizamos esta grafia como sinônimo, com o intuito de contribuir para a redação. Porém, consideramos o termo “blackbook” uma definição mais específica e que se enquadra mais no objeto de estudo deste trabalho.

do convívio dos amigos, Basi se encontrou no desenho e pinturas. No ano de 2011, se 1 mudou para a cidade de Vila Velha - ES (Espírito Santo), onde se graduou em Design. Basi passa então a circular por toda a Grande Vitória⁵⁶ e a grafitar e pixar todas as regiões. Com isso, ele foi convidado a participar de uma das mais conhecidas *crews*⁵⁷ do ES: a CONEXAO 301 CREW. Seus cadernos registram suas experiências, seus caminhos pelo ônibus, suas viagens, encontros e sua vida cotidiana.

Os *blackbooks* de Basi representam uma mínima fração da materialidade que faz parte da cena do *graffiti* na Grande Vitória - ES. Por meio da pesquisa proposta, ampliam-se os estudos sobre o *graffiti* nesta região baseado em um sujeito reconhecido pela prática artística que exerce. Além disso, a escolha dos *blackbooks* analisados se deu por causa de suas particularidades: (a) possui uma variabilidade de intervenções artísticas que não existe nos outros *blackbooks*; (b) Basi foi o único sujeito que entregou cinco cadernos; (c) nos cadernos estudados, é possível perceber o desenvolvimento do artista e sua afirmação dentro do movimento através dos seus desenhos e ilustrações. Na imagem abaixo, apresentamos uma foto dos cinco *blackbooks* analisados:

⁵⁶ Conglomerado de cidades de uma região metropolitana que reúne as regiões de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica.

⁵⁷ (Tradução nossa) significa: família, grupo ou bando.



Figura 114 - Os cinco blackbooks de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)

3.1 Metodologia utilizada

Como caminho metodológico de estudo sobre os *blackbooks*, utiliza-se a Proposta de Modelo de Análise de Fotografia da Universidade Jaume I, Analisisfotografia (FELICI & TARIN, 2011). Neste modelo, os autores focam no estudo de imagens e por isso, ao

analisar os *blackbooks*, adaptamos certos critérios⁵⁸. São apresentados quatro modelos e 1
61 conceitos, sendo eles:

- **Nível contextual:** este nível busca informações sobre a imagem para situá-la, considerando seus contextos históricos e movimento artístico. Ao utilizar as informações que estão além do que pode ser visto, resguarda-se uma possível leitura da imagem de uma forma excessiva e focada apenas no objeto.
- **Nível morfológico:** este nível abrange uma compreensão valorativa que demonstra uma perspectiva descritiva. Explora-se aqui uma condição não apenas material como o ponto, a linha e a composição espacial pela ótica gestaltiana mas também nos conduz à motivação da imagem.
- **Nível composicional:** A partir dos níveis anteriores, este nível opera sob o ângulo resultante da imagem. É uma operação necessária feita para trazer nuances ocultas da superfície do texto imagético à luz, para nossa compreensão.
- **Nível enunciativo:** neste nível trata-se das relações intertextuais que a imagem possui e seus mecanismos enunciativos.

⁵⁸ Um exemplo que podemos mencionar de adaptação é o caso de não haver títulos no nível contextual das imagens. Isso acontece porque tem-se nos *blackbooks*, desenhos em cadernos, que são arquivos pessoais e com isso, a titulação seria dever do dono.

3.1.1- Tag em Blackbook Espiral

1



Figura 115 - Capa do blackbook espiral de Basi do ano de 2013. De tamanho A6, caderno com metal em sua espiral empenada, extremidades gastas e rasgadas, desenhos feitos em sua capa por seu dono e um elástico frouxo que fecharia este caderno. *Fonte: arquivo pessoal)

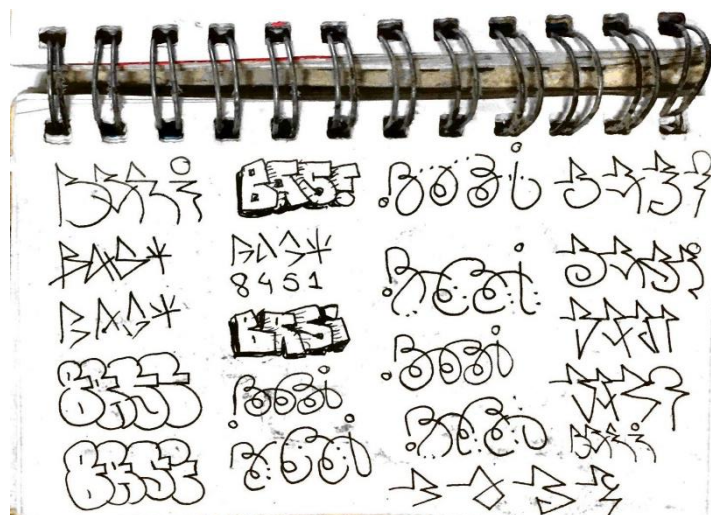


Figura 116 - Página 20 do blackbook em espiral. (Fonte: arquivo pessoal.)

Tabela 21 - Ficha de descrição do Blackbook espiral de Basi

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	19 BB-3
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Basi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Cópia original: Papel, papelão.
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno com capa de papelão; espiral metálica, elástico, papel, tamanho A6.
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos
Espécie	Caderno sem pauta
Tipo	Caderno de desenho
Quantidades de Vias	1 em posse de Basi outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de desenhos; recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	32 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

NÍVEL CONTEXTUAL	
Dados Gerais	
<i>Título</i>	Não há titulação.
<i>Autor, ano, nacionalidade</i>	Basi, 2013, brasileira.
<i>Gênero e subgêneros</i>	A imagem pode ser enquadrada no gênero <i>tag</i> ⁶⁰
<i>Procedência da imagem</i>	A imagem é um escaneamento do blackbook de 2013 de Basi.
<i>Movimento</i>	Graffiti
<i>Formato</i> <i>(Parâmetro técnico)</i>	Existem dois formatos: <ul style="list-style-type: none"> - O formato digital, feito pelo escaneamento. - O formato original, em folha A5.

⁵⁹ Todos os quadros utilizados nesta pesquisa são baseados na Análise de imagens fotográficas da Universidade de Jaume I (ANALISISFOTOGRAFIA, 2003)

⁶⁰ A *tag* é basicamente uma assinatura com o pseudônimo de seu sujeito, é uma assinatura símbolo que traduz esse sujeito para o movimento do graffiti tendo então grande importância.

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Descrição do motivo fotográfico	O motivo do desenho é a prática envolvida na criação de <i>tags</i> . Quanto mais treino melhor fica a execução da tag. Neste estudo, ele cria diversas <i>tags</i> para si, em diversos estilos e tamanho parecidos.
Elementos morfológicos	
Ponto	Não há um ponto central da imagem, pois há 20 pequenas inscrições e cada uma apresenta sua questão do ponto. Podemos observar variações do ponto, o uso do ponto na criação em algumas <i>tags</i> .
Plano (s) - Espaço	Há apenas o plano 2D.
Escala	As tags seguem praticamente do mesmo tamanho preenchendo toda a folha, variando apenas no último estudo.
Forma	É um <i>lettering</i> que segue o estilo tag algumas <i>bomb</i> ⁶¹ , que são letras “gordinhas”. As tags se traduzem em uma estática seca e esquelética. Os <i>bombs</i> passam a sensação de movimento, causando a impressão de que elas podem explodir.
Textura	Observamos que é um desenho feito de caneta nanquim com textura lisa. Os <i>bombs</i> sexto e oitavo apresentam uma textura rabiscada, como se tivessem sido raspados no meio das letras B, A, S e I.
Nitidez da imagem	Trata-se de um escaneamento. A imagem está nítida. Compreende-se os nomes, observa-se as texturas com nitidez sem falhas que atrapalhem a análise da imagem.

⁶¹ O termo *bomb* se refere a letras desenhadas de modo relativamente rápido, arredondadas, com contorno, preenchimentos e traçados para dar volume, normalmente fazendo uso de duas ou três cores. (LASSALA, 2010, p.40)

NÍVEL COMPOSICIONAL	
Sistema sintático ou compositivo	
Perspectiva	Apenas os <i>bombs</i> sexto e oitavo apresentam perspectiva 2D. As outras imagens não possuem perspectiva.
Ritmo	O ritmo apresentado se dá pela ordenação das <i>tags</i> e <i>bombs</i> na folha, seguindo como se fosse uma tabela.
Tensão	Há a tensão na quebra da tipologia do <i>bomb</i> nos sexto e oitavo, pois nele há o acréscimo de perspectiva e textura. A <i>tag</i> de número 15 (terceira e quarta coluna, última linha) ocupa duas colunas, há a quebra de tensão também nessa <i>tag</i> .
Proporção	Os nomes preenchem a folha deixando espaço para cada um deles compor o de baixo e do lado. Há a quebra de alguns e a diminuição de outros, mas todos se encaixam de forma a deixar uma margem na folha do caderno.
Distribuição de pesos visuais	Cada <i>tag</i> e <i>bomb</i> possuem praticamente o mesmo tamanho.
Lei dos terços	A imagem se divide igualmente.
Concreto/ Abstrato	A imagem é 100% concreta, sendo todas criadas a partir do pseudônimo Basi.
Profundo/ Plano	A imagem se destaca como plana, em 2D, e apresenta perspectiva na sexta e oitava <i>tag</i> .
Ordem icônica	Referente à ordem icônica, podemos acentuar a ordenação das <i>tags</i> e <i>bombs</i> e sua cor única preta
Trajeto visual	O sexto e o oitavo nome possuem preenchimento, perspectiva e textura. Isso faz com que a nossa atenção seja direcionada para estes nomes e eles acabam sendo vistos primeiro.
Tempo da representação	Para essa imagem, não observamos existir efeitos de imagens na representação.

NÍVEL ENUNCIATIVO	
Articulação do ponto de vista	
<i>Ponto de vista físico</i>	A imagem dos nomes é representada pelas letras B, A, S e I. Todo seu caminho de olhar há a repetição do mesmo nome que forma um grande retângulo com espaço e a imagem de uma tabela.
<i>Qualificadores</i>	A qualificação da imagem se dá na repetição do nome Basi. Trata-se, portanto, de um nome especial para um sujeito que o repete diversas vezes pelas ruas. Outro ponto qualificador é a não repetição do mesmo <i>lettering</i> , o que insinua a criação para escolha de apenas um para depois replicá-lo. Por se tratar do ano de 2013, Basi ainda não tinha escolhido sua única <i>tag</i> , aquela que ele repete diversas e diversas vezes.
<i>Transparência / sutura / verossimilhança</i>	A imagem (escâner) do caderno transparece uma verossimilhança com a original. Não apresenta traços de efeitos fotográficos, porém, lembrando que se trata de uma reprodução do ambiente físico para o virtual. Esta mudança de ambiente já interfere na obra, principalmente quando se trata da luz.
<i>Marcas textuais</i>	Os nomes escritos são seus pseudônimos na cena do graffiti Basi, repetida por 20 vezes.
<i>Enunciação ou declaração</i>	O enunciado da imagem do caderno é a repetição das mesmas letras: b, a, s e i. Elas se apresentam uma ao lado da outra formando uma tabela, demonstram uma criação para uma escolha futura.



Figura 117 - Capa não preta - (Fonte: arquivo pessoal)

Sua capa possui desenho de dois personagens em nanquim sobre a capa. Já a capa final, possui algumas manchas de tinta no preto branco e azul. Ele também tem marcas do tempo como suas pontas desgastadas e o desgaste do manuseio com a troca de cor perto das extremidades. Este caderno é feito artesanalmente, de acordo com Basi ele ganhou este caderno de presente de uma amiga de sua cidade natal: Aracruz.

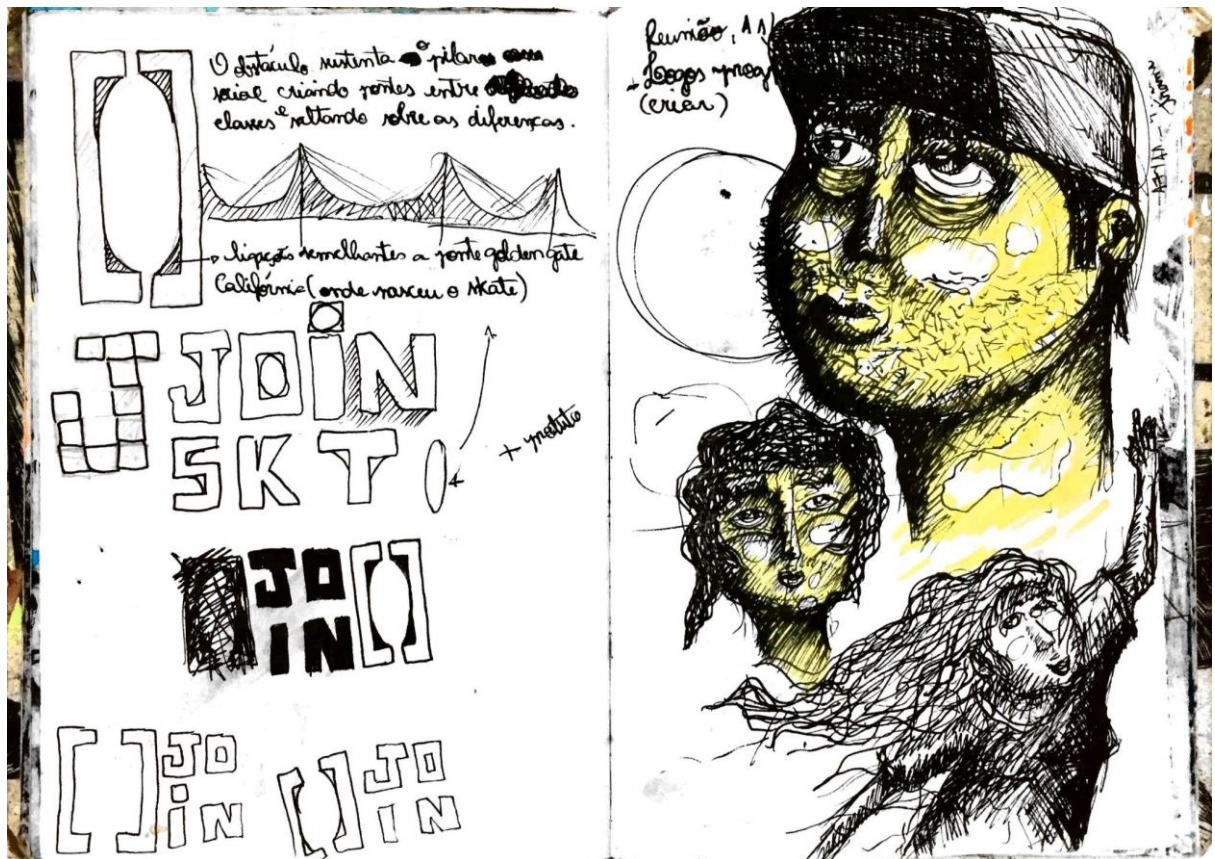


Figura 118 - Página 27 do Blackbook não preto de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)

Tabela 22 Ficha de descrição do Blackbook Não Preto de Basi

1

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	24
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Basi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão paraná
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno de brochura de papelão
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno sem pauta
Tipo	Caderno sem pauta A6
Quantidades de Vias	1 em posse de Basi outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	67 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	

NÍVEL CONTEXTUAL	
Dados Gerais	
<i>Título</i>	Não há titulação.
<i>Autor, ano, nacionalidade</i>	Basi, 2013. Brasileira.
<i>Gênero e subgêneros</i>	A imagem pode ser enquadrada no gênero anotação na página direita e na esquerda ilustração e anotação.
<i>Procedência da imagem</i>	A imagem é um escaneamento do blackbook de Não preto de Basi.
<i>Movimento</i>	Graffiti
<i>Formato</i> (Parâmetros técnicos)	Existem dois formatos: <ul style="list-style-type: none"> - O formato digital, feito pelo escaneamento. - O formato original, em folha A4 colada em caderno A6.

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Descrição do motivo fotográfico	Na página da direita sugere anotações sobre a história do skate e desenhos de pistas de skates. Na página da esquerda há anotações sobre uma reunião no dia 11 e uma lista para a criação de logo que é apagada pela a ilustração maior a esquerda. Há então três ilustrações de personagens, todas indicam serem autorretratos.
Elementos morfológicos	
Ponto	É possível identificar uma posição estática da imagem, contendo textos e desenhos 2D sem perspectiva para o ponto.
Escala	As escalas para cada construção de desenho são variadas. Na página da esquerda há três ilustrações. A maior segue metade da página a menor, depois da maior, segue em um terço da página, segue em um formato retangular e a imagem mediana segue na horizontal ocupando outro um terço da página na vertical e na horizontal.
Forma	Suas formas são variadas. Em sua página esquerda temos texto historiográfico, desenhos diversos sobre a pista de skate, onde há a forma retangular e semicírculo. Na página direita há formas orgânicas, que surgem a partir da construção geométrica como o círculo e o retângulo, como a cabeça e o pescoço.
Textura	Tanto na página direita quanto na esquerda existem texturas feitas com hachuras, elas dão volume e profundidade criados pelo escuro das hachuras. As hachuras não seguem uma linearidade de direção. Basi as construiu de uma forma que encaixa no volume, profundidade, claro e escuro de forma natural e constante. Conta com hachuras na vertical, horizontal, inclinadas onduladas.
Nitidez da imagem	Trata-se de um escaneamento. A imagem está nítida. Compreende-se os nomes, observa-se as texturas com nitidez sem falhas que atrapalhem a análise da imagem.

NÍVEL COMPOSICIONAL	
Sistema sintático ou compositivo	
<i>Ritmo</i>	Observa-se na imagem o ritmo das texturas criado pelas hachuras. Na página da direita, há uma maneira fluida na construção das texturas e um movimento criado pelas hachuras, a maioria se ritma inclinada da direita para a esquerda caindo, insinuando um derreter. A página tem um ritmo no olhar sendo captado primeiro pela página direita por causa das suas três ilustrações.
<i>Tensão</i>	Podemos identificar a tensão na página da direita, pois os desenhos escuros e pesados ficaram nesse lado, tencionando assim o olhar direto para elas.
<i>Proporção</i>	A proporção dessa imagem varia: a página da esquerda possui desenhos finos e mais delicados, não tendo preenchimento em seus esboços. Isto acontece no lado direito, onde podemos perceber um preenchimento quase que completo da página com as três ilustrações.
<i>Distribuição de pesos visuais</i>	O peso das páginas não é bem dividido, apesar delas estarem uma ao lado da outra e contarem com o nanquim para a escrita e ilustração. O peso visual maior fica com a página da direita.
<i>Concreto/ Abstrato</i>	A imagem é 100%. Contém escrita e ilustração caricata.
<i>Ordem icônica</i>	Referente à ordem icônica, podemos acentuar a ordem dos esboços do lado esquerdo e do lado direito. Estes, possuem as bochechas marcadas pelo branco, a cor amarela, bem como sua textura repleta de hachuras e rabiscos que dão tanto volume quanto profundidade.
<i>Trajeto visual</i>	Somos atraídos para olhar primeiramente para as três ilustrações e depois para observar os esboços da pista de skate e suas logos.

NÍVEL ENUNCIATIVO	
Articulação do ponto de vista	
<i>Ponto de vista físico</i>	Seu ponto de vista físico é a caricatura de autorretrato maior que está na página direita, nela podemos perceber o maior número de hachuras e a cor amarela com mais intensidade do que a segunda caricatura.
<i>Qualificadores</i>	A qualificação da imagem se dá pela aplicação das hachuras. Além delas, os esboços das logos e pista de skate dão uma interessante noção de estudo do designer e da poética da criação de Basi.
<i>Transparência / sutura / verossimilhança</i>	A imagem (escâner) do caderno transparece uma verossimilhança com a original. Não apresenta traços de efeitos fotográficos, porém, recobramos que se trata de uma reprodução do ambiente físico para o virtual e essa mudança de ambiente já interfere na obra principalmente quando se trata da luz.
<i>Marcas textuais</i>	As marcas textuais são uma marca da página esquerda que explica o que está sendo criado nos desenhos abaixo do texto escrito - uma historiografia sobre a inspiração da pista de skate e a criação de logo com as letras J, O, I, N, S, K, A, T e E. Ao lado direito podemos observar uma listagem de um lembrete de uma reunião e uma criação de logo, ou a finalização da que está ao lado.
<i>Enunciação ou declaração</i>	O enunciado da imagem se dá pela instrução da inspiração da pista de skate e suas logos que se declaram apenas pela inscrição e suas caricaturas, que são autorretratos do sujeito dono deste caderno.

3.1.3- Sticker em Blackbook Azul em Espiral

1



Figura 119 Blackbook Azul com espiral de Basi. Caderno contém lona que protege sua espiral em metal, capa plástica em azul e 7 adesivos desbotados. Ano sugerido é entre 2014 e 2015. (Fonte: arquivo pessoal)



Figura 120 -Capa e capa final blackbook azul com espiral.(Fonte: arquivo pessoal)

Este blackbook tem semelhança notável perto dos blackbooks distribuídos na 1
Semana do *Graffiti*, em 2011. Além de ser do mesmo tamanho e possuir a espiral
encapada, assim como a etiqueta no mesmo lugar. Este BB não fez parte desse evento.
Ele foi comprado em uma loja e teve seu uso iniciado em 2013, assim como datam suas
assinaturas.



Figura 121 - Semelhança com os Blackbooks preliminar dos muros. (Fonte Arquivo pessoal)

Foi usado até seu findar de folhas, tem uma coleção de 21 adesivos, 5 estudos de
letras, 10 *tags*, 2 *tags* para assinaturas de *throw-up* e *bomb*, 8 *tags* para assinatura de
ilustrações, 4 *reús* datadas em 2014, 47 ilustrações, 11 *throw-up/bomb*, 12 anotações
particulares, 2 intervenções pessoais e 5 intervenções de sujeitos do *graffiti*.

Tabela 23 Ficha de descrição do Blackbook espiral azul de Basi

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	22
Local de procedência	Vitória - ES
Nome do emissor	Basi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno com capa de papelão plastificada, com espiral metálica encapada em tecido, papel, tamanho A4.
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno sem pauta
Tipo	Caderno de desenhos
Quantidades de Vias	1 em posse de Basi e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de desenhos; recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples () composto
Descrição do documento Simples	79 páginas escaneadas
Descrição do documento Composto	



Figura 122 - Página 81 com stickers com os codinomes de Prego, Basi, Salve os Muros, Iran, Pera, Kelf, Fora Temer e Espanca Crânio. (Fonte: arquivo pessoal)

Quadro 8 - Nível contextual Sticker em blackbook azul espiral

NÍVEL CONTEXTUAL	
Dados Gerais	
Título	Não há titulação.
Autor, ano, nacionalidade	Basi, 2014/2015, brasileira.
Gênero e subgêneros	A imagem pode ser enquadrada no gênero <i>sticker</i> - adesivo, tradução nossa.
Procedência da imagem	A imagem é um escaneamento do blackbook de 2014/2015 de Basi.
Movimento	Graffiti
Formato (Parâmetros técnicos)	Existem dois formatos: <ul style="list-style-type: none"> - O formato digital, feito pelo escaneamento. - O formato original, em folha A5.

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Descrição do motivo fotográfico	O motivo da colagem do caderno é a coleção que Basi pode fazer. Neste caderno, além de sua capa, há folhas em que Basi coleciona <i>sticker</i> . Em todos os blackbooks emprestados Basi tem separado folhas para grudar esses adesivos em forma de coleção ou colagem nos lugares em que vai como encontros de graffiti.
Elementos morfológicos	
Ponto	Não há um ponto central da imagem pois há 11 adesivos colados de maneiras diferentes.
Plano(s)-Espaço	Há apenas o plano 2D.
Escala	Os adesivos possuem tamanhos diferentes tendo diversas escalas.
Forma	É feito de um papel geralmente impresso ou pode ser desenhado em folha brilhosa ou não que possui aderência em sua outra face. Possuem tamanhos e texturas diferentes
Textura	Há diversas texturas: -Prego tattoo, Basi Pera, Jeri amarelos e verdes - textura lisa. - Salve os muros apresenta textura lisa com profundidade de cores Iran - textura com hachuras -Fora temer - rabiscos e hachuras e textura lisa em seu texto.
Nitidez da imagem	Trata-se de um escaneamento. A fotografia está nítida. Compreende-se os nomes, observa-se as texturas com nitidez sem falhas que atrapalhem a análise da imagem.

NÍVEL COMPOSICIONAL	
Sistema sintático ou compositivo	
<i>Ritmo</i>	O ritmo apresentado se dá pela ordenação das colagens do adesivo. Estas colagens aconteceram de forma alternada, sem muita preocupação linear, uns por cima dos outros, não afetando sua compreensão.
<i>Tensão</i>	Não há equilíbrio dinâmico, os <i>stickers</i> estão em todas as partes espalhados e sem ordem visual. O olhar fica confuso ao buscar qual imagem se relacionar primeiro. Há muita informação visual.
<i>Proporção</i>	Os 11 <i>stickers</i> colados são desproporcionais, cada um apresenta forma e tamanho diferenciados.
<i>Distribuição de pesos visuais</i>	Cada <i>sticker</i> apresenta um peso visual por se mostrar diferente em cor, tamanho e textura
<i>Lei dos terços</i>	A imagem é dispersa e não segue a lei dos terços.
<i>Concreto/ Abstrato</i>	A imagem possui 2 adesivos abstratos, o amarelo à esquerda e o verde da direita, ambos do mesmo autor Kelf. O restante é de natureza concreta.
<i>Trajeto visual</i>	O olhar visual é disperso e não se encontra um ponto inicial.

NÍVEL ENUNCIATIVO	
Articulação do ponto de vista	
<i>Ponto de vista físico</i>	O ponto de vista físico é picado, por terem diversas direções, o olhar se perde e caminha por várias direções na página.
<i>Qualificadores</i>	Seus qualificadores são os sujeitos que se inseriram na página por Basi colecionar <i>stickers</i> . Com essa coleção, Basi consegue se auto firmar na cena do graffiti e mostrar essa coleção aos seus pares.
<i>Transparência / sutura / verossimilhança</i>	A fotografia (escâner) do caderno transparece verossimilhança com a original. Não apresenta traços de efeitos fotográficos, porém, recobramos que se trata de uma reprodução do ambiente físico para o virtual e essa mudança de ambiente já interfere na obra principalmente quando se trata da luz.
<i>Marcas textuais</i>	A marca textual que existe é: “FORA TEMER”, período do país em que se pedia a saída do presidente Michel Temer do poder e “Trash” -lixo, tradução nossa no desenho do caminhão de lixo, sendo então literal.
<i>Enunciação ou declaração</i>	Os enunciados da imagem da página 1 deste caderno são os nomes e os signos que os prenunciam. O desenho de uma pera que é o pseudônimo de Pera, @ <i>stickers</i> de Basi, os <i>stickers</i> amarelos para Kelf, o fusca quebrado de Iran que se diz muito da predileção deste auto para carros abandonados, Fora Temer uma questão que foi latente da política brasileira no ano de 2016. E o espanca crânio que fica em pequeno espalho no canto direito, evidenciando sua <i>crew</i> .

3.1.4- Sopa de Letrinhas, Blackbook Preto 2015/2016

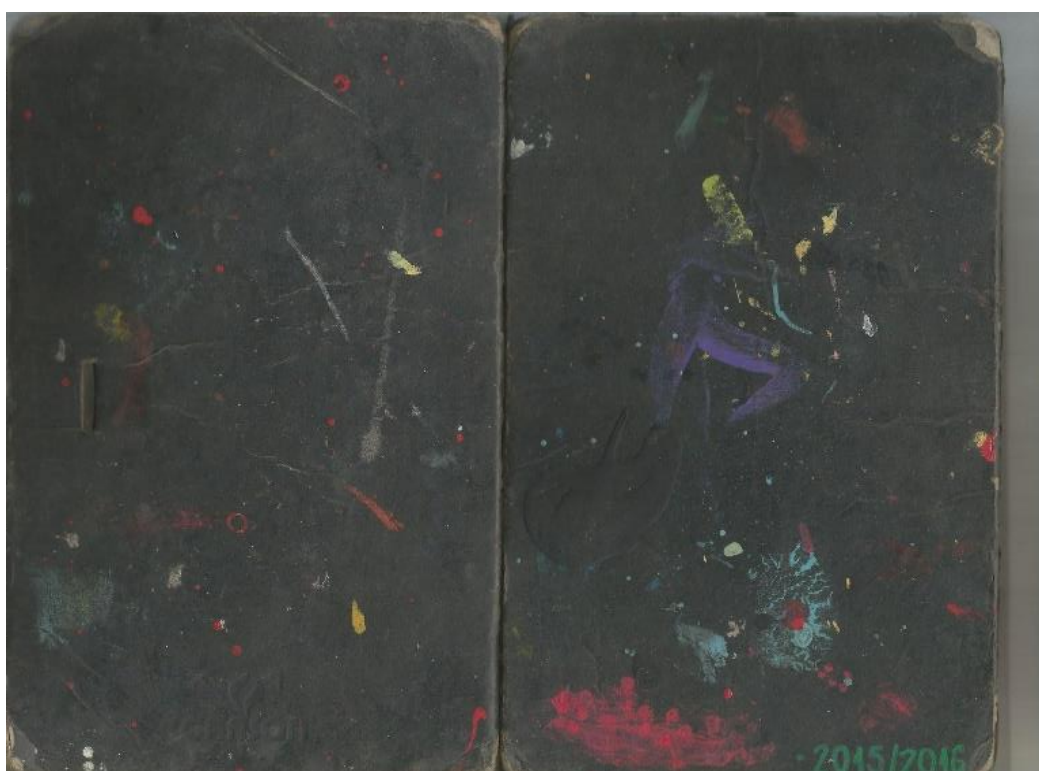


Figura 123 - Capa preta 2015/2016. (Fonte: arquivo pessoal)

Caderno capa Preta com diversas manchas de tinta, rasgos e fissuras pela 1 superfície e a inscrição 2015/2016.

Tabela 24 Ficha de descrição do Blackbook preto1 de Basi

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	2 BB-1
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Basi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pixação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno de capa preta de papelão e papel, tamanho A5
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno sem pauta
Tipo	Caderno de desenho.
Quantidades de Vias	1 em posse de Basi e outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de desenhos; recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples (X) composto
Descrição do documento Simples	96 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	1 embalagem de cerveja



Figura 124 - Sopa de letrinha - Trama, Fone, Moska, Iran e Basi. (Fonte: arquivo pessoal)

NÍVEL CONTEXTUAL	
Dados Gerais	
<i>Título</i>	Não há titulação.
<i>Autor, ano, nacionalidade</i>	Trama, Fone, Basi, Moska, Iran e Basi. Entre 2015 e 2016. Brasileira.
<i>Gênero e subgêneros</i>	A imagem pode ser enquadrada no gênero folhinha ⁶² . Ela surge quando há algum encontro entre os sujeitos do graffiti. Ao se reunirem, em algum momento durante o encontro, inscrevem em uma folha suas <i>tags</i> .
<i>Procedência da imagem</i>	A imagem é um escaneamento do blackbook de 2015/2016 de Basi.
<i>Movimento</i>	Graffiti
<i>Formato</i> Parâmetros técnicos	Existem dois formatos: <ul style="list-style-type: none"> - O formato digital, feito pelo escaneamento. - O formato original, em folha a4 colada em caderno A5.

⁶² Este gênero pode variar de sujeito para sujeito. Estas informações foram adquiridas por meio de Basi.

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Descrição do motivo fotográfico	O motivo da confecção da “folhinha” consiste na demarcação do acontecimento da reunião. Ela funciona como uma “lista de presença” do encontro entre os sujeitos do graffiti.
Elementos morfológicos	
Ponto	É possível identificar uma posição estática da imagem, observando-a ao ser desenhada preenchendo toda a folha A4 e ficando então, o espaço para uma margem. Com isso, se estabelece retangularmente tal qual a folha.
Plano(s)-Espaço	Há 5 planos. O primeiro plano foi feito com o nome de Basi, o segundo com o nome de Iran, o terceiro, Moska, o quarto, Fone e o quinto, Trama. São letras sobrepostas que apesar de estarem em diferentes planos, não apresentam uma sequência crescente da imagem (como um distanciamento do maior para o menor) elas preenchem as margens da esquerda para a direita sem uma grande perspectiva de distância.
Escala	Os nomes seguem o mesmo tamanho preenchendo toda a folha.
Forma	É um <i>lettering</i> que segue o estilo <i>bomb</i> , que são letras “gordinhas”. Estas, passam a sensação de movimento, causando a impressão de que elas podem explodir.
Textura	Observamos que é um desenho feito de canetinha com textura que fica listrada por causa do seu tipo de preenchimento. A textura de Basi, a última de cima para baixo, é um preenchimento inteiro como se fosse uma massa quase lisa, ao se aproximar bem da folha pode-se compreender melhor as linhas feitas por canetinha na horizontal. Iran, a segunda de baixo para cima é feita com a canetinha verde na horizontal, espaçadas mostram a rapidez que o ator fez seu nome. Moska, o do meio, preenche por quase inteiro seu nome deixando algum espaçamento, a direção do preenchimento se dá tanto na horizontal quanto na vertical. Fone o quarto de baixo para cima preenche sua textura na horizontal preenchendo quase todo o nome e criando listras. Trama, o primeiro de cima para baixo, preenche em várias direções demonstrando rapidez e deixando o nome com listras com bastante espaço.
Nitidez da imagem	Trata-se de um escaneamento. A fotografia está nítida. Compreende-se os nomes, observa-se as texturas com nitidez sem falhas que atrapalhem a análise da imagem.

Quadro 14 - Nível Composicional Sopa de letrinhas em Blackbook preto 1 deBasi

NÍVEL COMPOSICIONAL	
Sistema sintático ou compositivo	
<i>Perspectiva</i>	A imagem apresenta cinco planos, um para cada nome. Não possui uma perspectiva com outros objetos.
<i>Ritmo</i>	Observa-se na imagem o ritmo das texturas de cada nome feito por pessoas diferentes. Como cada indivíduo produziu uma parte da imagem, considera-se as distintas nuances como ritmos diferentes que podem ser percebidos visualmente.
<i>Tensão</i>	Podemos identificar a tensão nas texturas criadas para preenchimento das letras, o que sugere a busca pela finalização rápida.
<i>Proporção</i>	Os nomes preenchem toda a folha deixando então uma margem. Cada nome ocupa uma porção da folha.
<i>Distribuição de pesos visuais</i>	Cada <i>tag</i> possui praticamente o mesmo tamanho. O nome de Basi se sobressai por causa do seu preenchimento com uma cor mais intensa, tornando o visual mais pesado. Os outros nomes seguem com um preenchimento mais claro e texturizado com a canetinha verde.
<i>Lei dos terços</i>	A imagem se divide igualmente.
<i>Concreto/ Abstrato</i>	A imagem é 75% concreta e apenas um nome se mostra abstrato, o nome é o do Iran.
<i>Profundo/ Plano</i>	A imagem se destaca como plana, em 2D, sem apresentar perspectiva.
<i>Ordem icônica</i>	Referente à ordem icônica, podemos acentuar a ordem dos participantes, as cores verdes e suas tonalidades.
<i>Trajeto visual</i>	Somos atraídos para olhar para o último nome por causa do seu preenchimento intenso e fechado.

NÍVEL ENUNCIATIVO	
Articulação do ponto de vista	
<i>Ponto de vista físico</i>	A imagem dos nomes é representada por cada um dos participantes, o Nome Moska se encontra na parte central da folha enquanto os outros nomes vão dois acima e dois abaixo. Os cinco nomes unidos formam um retângulo preenchendo assim toda folha A4.
<i>Qualificadores</i>	Seus qualificadores são os nomes. Cada um deles segue um tipo de textura e representa alguém no movimento do graffiti.
<i>Transparência / sutura / verossimilhança</i>	A fotografia (escâner) do caderno transparece verossimilhança com a original, não apresenta traços de efeitos fotográficos, porém recobramos que se trata de uma reprodução do ambiente físico para o virtual e essa mudança de ambiente já interfere na obra principalmente quando se trata da luz.
<i>Marcas textuais</i>	Os nomes escritos são seus pseudônimos na cena do graffiti como Trama, Fone, Moska e Basi. O quarto nome (de cima para baixo) apresenta um formato que lembra marca textual, mas não é legível. A simbologia do letramento é do pseudônimo Iran.
<i>Enunciação ou declaração</i>	No enunciado da fotografia/scanner observa-se que ao colocar todos os cinco nomes há uma ligação entre eles. Além do encontro para realizá-lo, o dono da folha A4 fez questão de colocá-la em seu blackbook o que denota um zelo ao guardá-la.

3.1.5- WildStyle Blackbook 2017

1



Figura 125 - Blackbook de tamanho A5 é de capa preta, contém manchas de tinta cinza e desgaste das bordas, ele foi usado no ano de 2017. (Fonte: arquivo pessoal)

FICHA DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE BLACKBOOKS, ACERVO LEENA.	
Número do documento	3 - BB2
Local de procedência do acervo	Vitória - ES
Nome do emissor	Basi
Nome do objeto	Blackbook
Tema específico	Graffiti, pichação, pichação, grafite
Suporte do acervo estudado	Digital
Suporte do original	Papel, capa de papelão
Forma	Cópia digital
Formato	Caderno de capa preta de papelão e papel, tamanho A5.
Gênero	Documentação iconográfica
Descrição do gênero	Ilustrações, desenhos, assinaturas, adesivos.
Espécie	Caderno sem pauta
Tipo	Caderno de desenho.
Quantidades de Vias	1 em posse de Basi outra digital do Acervo
Objetivo da produção do documento	Desenhar, estudos de desenhos; recolher assinaturas dentro do movimento do graffiti, objeto em que se transforma em um documento comprobatório de suas habilidades e conexões
Constituição do documento	(X) Simples (X) composto
Descrição do documento Simples	73 páginas de caderno aberta escaneadas.
Descrição do documento Composto	6 adesivos, 1 passagem, 1 encarte de exposição



Figura 126 - Página 61 do blackbook de Basi. (Fonte: arquivo pessoal)

NÍVEL CONTEXTUAL	
Dados Gerais	
Título	Não há titulação.
Autor, ano, nacionalidade	Basi, 2017. Brasileira.
Gênero e subgêneros	A imagem pode ser enquadrada no gênero <i>Wildstyle</i> . ⁶³ Ela surge quando há algum encontro entre os sujeitos do graffiti. Ao se reunirem, em algum momento durante o encontro, inscrevem em uma folha suas <i>tags</i> .
Procedência da imagem	A imagem é um escaneamento do blackbook de 2015/2016 de Basi.
Movimento	Graffiti
Formato Parâmetros técnicos	Existem dois formatos: <ul style="list-style-type: none"> - O formato digital, feito pelo escaneamento. - O formato original, em 2 folhas com tamanho A5, em caderno aberto.

⁶³ Essa forma complexa de grafite é caracterizada pelas intersecções das formas. BROTTTERO (2020)

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Descrição do motivo fotográfico	O motivo da confecção do <i>wildstyle</i> da página 61 é a prática poética de Basi. Em sua prática ele desenha em nanquim esboços que podem servir de referência para trabalhos futuros.
Elementos morfológicos	
Ponto	A imagem apresenta movimento, e alguns pontos (ponto físico) são desenhados para compor a imagem.
Plano (s) - Espaço	A imagem é 2D, com alguma perspectiva e profundidade compõe o <i>wildstyle</i> .
Escala	Sua escala estabeleceu-se junto com o tamanho das folhas de A5 aberta.
Forma	É um lettering que segue o estilo wildstyle, que são letras “rápidas” e bem trabalhadas, apresentando intersecção das formas, muitas das vezes o autor torna incompreensível o que se possa ler.
Textura	Observamos que é um desenho feito de nanquim, apresentam mais de uma textura. Para o plano de profundidade apresentam texturas diversas, além da textura preta lisa, padronagem de desenhos diferenciados como hachuras, listras, círculos, ziguezagues e abstratos. Nas letras B, A, S e I, a textura é lisa, mas apresentam pequenas porções de texturas em algumas partes. Há pontilhismo, desenho na letra B sendo derretida, abstratos de riscos e rabiscos que nos dão a sensação de movimento na imagem.
Nitidez da imagem	Trata-se de um escaneamento. A fotografia está nítida. Compreende-se os nomes, observa-se as texturas com nitidez sem falhas que atrapalhem a análise da imagem.
Linha	A linha se apresenta de forma sinuosa, com nuances de movimentos rápidos dando uma certa energia no desenho.

NÍVEL COMPOSICIONAL	
Sistema sintático ou compositivo	
<i>Perspectiva</i>	A imagem apresenta dois planos: de um lado, as letras parecem sair da perspectiva usual, elas se lançam para vários pontos de fuga como <i>Wildstyle</i> se tivesse deixado cair no chão.
<i>Ritmo</i>	O ritmo é quebrado e o desenho não tem um comportamento linear. Por ter lançado mão de diversas texturas, seu ritmo ficou agitado e com vários segmentos o olhar fica disperso em busca de uma direção.
<i>Tensão</i>	A tensão do desenho fica por conta da agitação no olhar ao procurar um direcionamento. Ao olhar a imagem se busca por segmento, com isso tenciona-se o olhar.
<i>Proporção</i>	O <i>wildstyle</i> preenche toda a folha deixando então uma margem.
<i>Distribuição de pesos visuais</i>	O nome se constrói em apenas um peso, todas as direções dão a sensação de queda visual por conta de sua perspectiva.
<i>Lei dos terços</i>	A imagem se divide igualmente pelas duas folhas do caderno.
<i>Concreto/ Abstrato</i>	A imagem apesar de apresentar traços visuais concretos, ela se comporta abstrata. Essa é uma das propostas do graffiti. Apesar de seu nome ser um pseudônimo, ele representa essa variação de encontrar no abstrato peças para se encaixar no estilo <i>wildstyle</i> .
<i>Profundo/ Plano</i>	A imagem se destaca como 2D.

NÍVEL ENUNCIATIVO	
Articulação do ponto de vista	
<i>Ponto de vista físico</i>	A imagem dos nomes é representada por cada um dos participantes, o nome Moska se encontra na parte central da folha enquanto os outros nomes vão dois acima e dois abaixo. Os cinco nomes unidos formam um retângulo preenchendo assim toda folha A4.
<i>Qualificadores</i>	Seus qualificadores são suas texturas e suas partes deslocadas da linearidade.
<i>Transparência / sutura / verossimilhança</i>	A fotografia (escâner) do caderno transparece verossimilhança com a original, não apresenta traços de efeitos fotográficos, porém recobramos que se trata de uma reprodução do ambiente físico para o virtual e essa mudança de ambiente já interfere na obra principalmente quando se trata da luz.
<i>Marcas textuais</i>	O nome escrito é seu pseudônimo na cena do graffiti - Basi. Apesar de não ser compreensível a marca textual está presente por sabermos de antemão o que está escrito ali, por isso sua inclusão neste tópico.
<i>Olhares das personagens</i>	Basi cria uma caricatura na letra B com um sorriso que olha diretamente para o espectador como se estivesse a cumprimentar.
<i>Enunciação ou declaração</i>	O enunciado se dá pelo conhecimento de seu nome Basi, ele se enuncia na cena do graffiti com seu estilo <i>wildstyle</i> .
<i>Trajeto visual</i>	O olhar fica disperso em busca de uma direção. Não há apenas um segmento há vários, o olhar vai se guiando sobre o que ele achar mais interessante.

3.1.6- Análise geral das imagens selecionadas

1

A seleção das imagens não foi feita de forma aleatória, o critério estabelecido foi a escolha das principais formas de expressão encontradas nos blackbooks selecionadas e postadas de forma cronológica. As principais intervenções mais encontradas nos 24 cadernos de desenhos estudados foram: o *bomb*, a *tag*, ilustrações, anotações e o *wildstyle*. Considerando a metodologia empregada, a Análisefotografia, percebemos que nem todos os conceitos se aplicavam às imagens, como por exemplo o “Olhar dos personagens”, já que não se tinha imagens realistas.

O conceito “Relações Intertextuais” foi melhor encaixado na análise geral por se tratar do mesmo território criativo das imagens criadas. Portanto para este tópico citado, as imagens selecionadas para a aplicação do método análisefotografia estão dentro de um caderno de desenho conhecido por Blackbook. Este, por sua vez, está inserido no movimento contemporâneo do *graffiti*. Sobre a imagem selecionada em Ilustrações e Anotações (*vide* 3.1.2), nota-se que, apesar de se tratar de um blackbook, o que sugere a presença de desenhos apenas da estética do *graffiti*, este caderno contém marcas textuais como a historiografia da pista de *skate*, a criação do logo da mesma, e ilustrações diferentes sem a estética do *graffiti* como os riscos das hachuras. Isso se dá porque a vida desse sujeito e sua prática artística começam a se cruzar e se unir em um mesmo caderno. Nele há diversos desenhos que convocam o estilo e a estética do *graffiti*. A motivação de trazer a página 27 deste blackbook foi exatamente demonstrar como a vida particular e pratica artista ilegal podem estar coexistindo num mesmo território. Estes dois territórios que precisam de prática e necessitam de anotações que nos levam a alcançá-los no depois.

Considerações finais

1

Nesta dissertação estabelecemos uma proposta de análise, conceituação e catalogação sobre o termo “*blackbook*” tomando como ponto de partida vinte e quatro cadernos de desenhos. Em um primeiro momento, percebeu-se que já existem discussões sobre as práticas relacionadas aos cadernos, que além do universo do *Urbanscketchbook* (desenhos urbanos) de um grupo feito por Campanário, temos também um movimento artístico mais antigo, que este que são os blackbooks do movimento do graffiti. Com isso, estabelecemos que os blackbooks são: (a) Cadernos de desenho que os sujeitos utilizam normalmente antes entrar no movimento do graffiti; (b) caderno de artista como um objeto a ser usado como parte do processo de criação do seu possuidor e um possível (c) livro de artista pelo seu poder de fruição pois é no seu momento de compartilhamento que o blackbook recebe sua maior característica de ser um blackbook, no compartilhamento. Em um segundo momento, realizamos a coleta de dados a respeito de 19 cadernos, suas características, nas quais foi possível notar diversas materialidades no momento da catalogação e criação das fichas para cada um dos blackbooks desse acervo, observando variados tipos de intervenções nos blackbooks.

Por fim, no terceiro capítulo, percebe-se que o compositor da cena capixaba do *graffiti*, Basi, possui características *sui generis*, já que apresenta em seus blackbooks sua poética, suas memórias e seus momentos. Este foi o momento que preparamos para a investigação mais focada sobre a análise imagética do nosso objeto de pesquisa. Infelizmente, por ter sido um recorte de 5 blackbooks não foi possível demonstrar a riqueza de intervenções e detalhes que este blackbook possui.

Uma das questões que preferimos não entrar nesta pesquisa por causa da temporalidade reduzida de um trabalho de mestrado, mas que pode abrir caminho para pesquisas futuras é a relação entre o que o artista emprega em seu caderno e o que ele efetivamente produz nas ruas. Este trabalho ultrapassaria os limites desta pesquisa, mas consiste em uma abertura que esta dissertação promove, considerando as possibilidades observadas. Além disso, trouxemos para o meio acadêmico um suporte material amplamente carregado de imagens e expressões que são ao mesmo tempo, de caráter artístico, pessoal, introspectivo e memorial.

Por fim, percebemos que os blackbooks são um lugar de criação pessoal, mas 1 também coletiva, já que boa parte das intervenções acontecem nas *reús*, o que evidencia a existência de um território, ao mesmo tempo pessoal, individualizado, e coletivo de criação.

3 Anexos

1

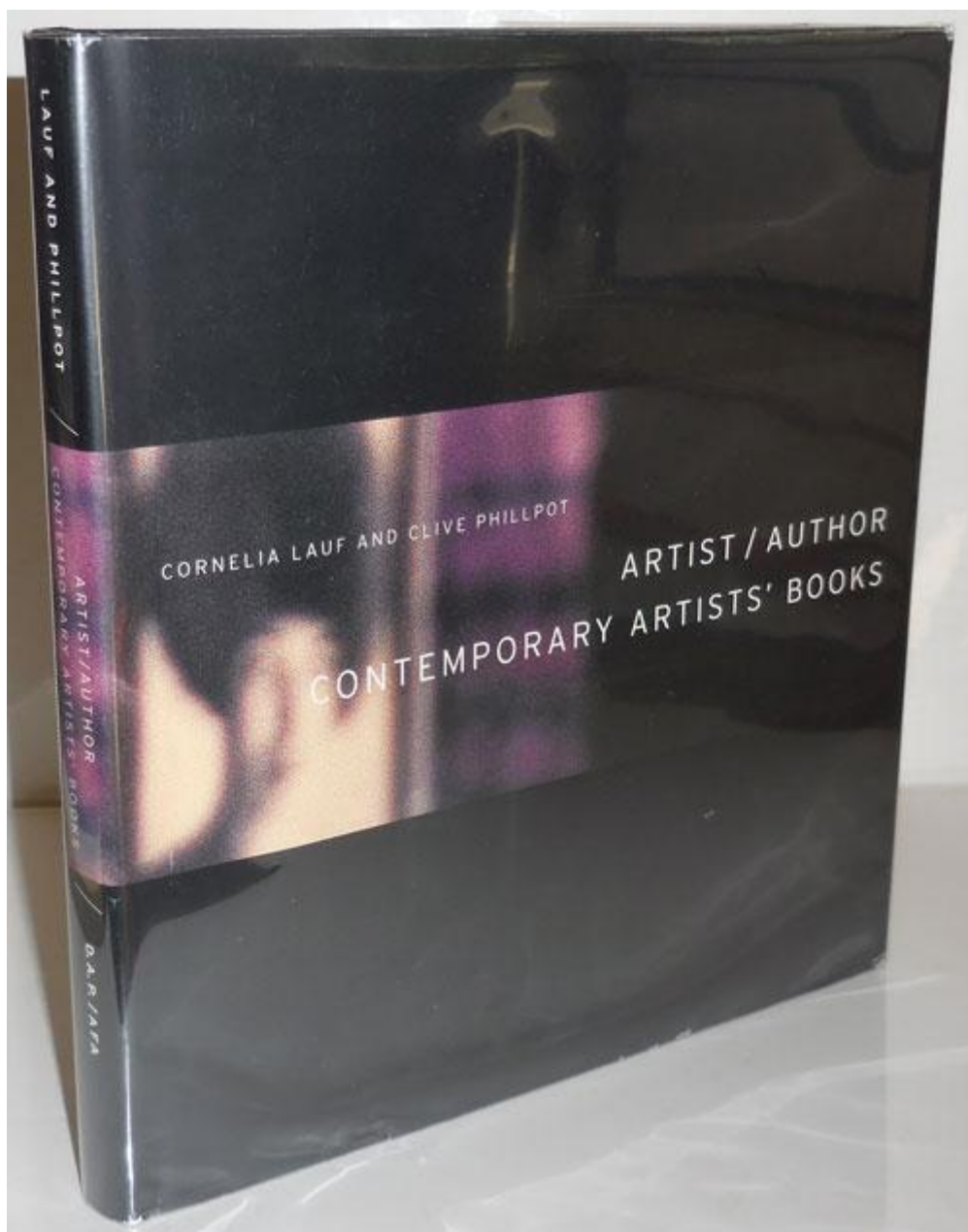
Anexo 1



Wax writing table: Placa de escrita de cera contendo parte de um testamento romano. É o primeiro testamento conhecido do País de Gales e data do período 75-125 dC. Local: St Fagans Wales Galeria : Objetos romanos.



Livro de artista de Ana Bella Geiger, intitulado Sobre a Arte de 1976, medindo 26 x 19 cm, repetido em xerox em 100 exemplares no Rio de Janeiro. Obs: Aqui nota-se a encadernação e uma etiqueta remetendo ao contexto escolar. Encontrado em: <http://gramatologia.blogspot.com/2009/12/anna-bella-geiger.html>

Anexo 3

Contemporary Artists' Books Hardcover –1998, criado por Cornelia Lauf (Author), Clive Phillpot (Author), publicado pela Galeria de Arte Weatherspoon. Acesso em: <https://www.abebooks.com/first-edition/Artist-Author-Contemporary-Artists-Books-Reference/30109457892/bd>

Referencial teórico:

2

ANALISISFOTOGRAFIA. **Propuesta de modelo de análisis de la imagen.** Universidade Jaume I, 2003. Disponível em: http://www.analisisfotografia.uji.es/root2/meto_por.html.

ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO. Roteiro para Elaboração de Plano de Classificação e TTDAF (2018)

AUGUSTO, Tuani. **Graffiti: um estudo da consolidação da cena da pixação em Vitória.** Dissertação apresentada ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes. São Carlos, 2018. 148p.

BAKHTIN, M.M. VOLOSHINOV, V. N. / M. M. **Discurso na vida e discurso na arte: (Sobre Poética Sociológica).** Este texto foi originalmente publicado em russo, em 1926, sob o título “Slovo v zhizni is lovo v poesie”, na revista Zvezda nº 6, e assinado por V. N. Voloshinov. A tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

BOLETA (Org.). **Tsss... A grande arte da pixação.** Editora do Bispo. São Paulo. 2005

BRAFFMAN, David. **L.A Graffiti Black Book.** Getty Publications. Los Angeles. 2014.

BRASIL, Alexia, GUARALDO, Laís. **O diário gráfico por uma definição.** Seminário Ibero-americano Sobre O Processo De Criação Nas Artes. Arte E Tempos de Pandemia: Anais Do X Seminário sobre o Processo de Criação nas Artes. 1 ed. Edufes. Vitória. 2020.

Burke. P. **Humanism e Friendship in Sixteenth Century Europe.** Groniek. 1996 . Pdf online Acesso em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=11038502625609183391&hl=pt-BR&as_sdt=0,5

BROTERO, Mathias. O graffiti e suas diferentes formas, Catraca Livre. 2020. Acesso em: 12 de junho de 2021: <https://catracalivre.com.br/agenda/o-graffiti-e-suas-diferentes-formas/>

CADÔR, Amir. **Os limites do livro**. Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. 2010.

CIRILLO, José. **Imagem-lembrança: comunicação e memória no processo de criação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004

_____. **Arquivos pessoais de artistas: questões sobre o processo de criação**. Vitória, ES: UFES, Proex, 2019.

_____. **Comunicação, memória e processo: os diálogos internos revelados nos cadernos de artista**. “Subjetividades, utopias e fabulações” Anais do 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (organizadores). – Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. CD-ROM: 4 ¾ pol. ISSN 2175-8220: (CD-ROM) ISSN 2175-8212: (versão eletrônica) Pág. 1410-1424

CRUZ, Paulo Roberto Souza Júnior. **CaligrafiAsnoum: graffiti, calligraffiti e criação de signos visuais**. 2016. 108f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/53832786-Universidade-federal-de-pelotas-programa-de-pos-graduacao-em-artes-visuais-dissertacao.html>

DIAS, Aline. **Caderno de desenhos**. Corpo Editorial. Florianópolis. 2011.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. Arquivos pessoais. Editora CAT Torres. Volume 11. n. 21 (1998).

FLUSSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. Anablume. São Paulo, 2011.

FRANÇA, Cláudia. **Cadernos de notas: (des)folhamentos de tempo**. FAROL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES, Vitória, n.º 12, ano 10, dezembro de 2014. ISSN: 1517-7858. GONÇALVEZ, Janice. Como Classificar e ordenar documentos de Arquivo (1997) p.70-76.

GONÇALVES, Anderson Xavier Tibau. **A Pedagogia do Spray: o que faz o grafiteiro, grafiteiro**. Rio de Janeiro, 2006. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

GUARALDO, Laís. **A diversidade de processos nos cadernos de criação**. Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, X Edição, Anais. 2012.

_____. **O território do caderno**. Revista Manuscritica. Vitória. 2006

HARRIS, Elizabeth K. **Bookmarks: Graffiti Artist's "Black Books"**. Blog: Don't take pictures. 2018. Acesso em: <https://www.donttakepictures.com/dtp-blog/2016/8/8/bookmarks-graffiti-artists-black-books>

KESSLER, Lucenira Luciane. **Diálogo de traços: etnografia dos praticantes de apropriações visuais do espaço urbano em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela profa. Dra. Cláudia Fonseca. Aprovada em 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15323>

KNAUSS, Paulo. **Grafite Contemporâneo**. Raízes e Rumos: Perspectivas interdisciplinares em estudos americanos: Seleção de Capítulo: Organizado por Sônia Torres. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro. 2001.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é Pixação**. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

LASRAK, Houda. **Martin Wong's papers: a deeper look at the graffiti art collector**. MCNY Blog: New Stories. 2014. *This entry was posted on December 23, 2014 by*

Collections Intern in Manuscripts and Ephemera. Acesso em: 2
<https://blog.mcny.org/2014/12/23/martin-wongs-papers-a-deeper-look-at-the-graffiti-art-collector/>

LIMA, Mariana de Araújo Reis, CIRILLO, José. **O último escultor: um olhar sobre o processo criativo do artista José Carlos Vilar.** Monteiro, R. H. e Rocha, c. (org.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em arte e cultura Visual ISSN 2316-6479. Goiânia-Go: UFG. 2013.

LIMA da SILVA. Eleones. **A GENTE CHEGA E SE APROPRIA DO ESPAÇO! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre.** Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 188p 2010.
<http://hdl.handle.net/10183/27057>

MACHADO, Telma Patrícia Abreu. **Graffiti Girl Contributos para uma identidade feminina no contexto da produção de graffiti e de street art em Portugal.** Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Design da Imagem. Orientador Dr. Heitor Alvelos. Faculdades Belas Artes - Universidade do Porto. Porto, 2011.

MAILER, Normam. *The Faith in Graffiti.* Its Books. New York, 2009.

MUNHOZ, Daniella Rosito Michelena. **“Graffiti: uma etnografia dos atores da escrita urbana de Curitiba”.** Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Paraná -UFPR. Sob orientação Profa. Dra. Selma Baptista. 175 páginas. Curitiba, Paraná. 2003.

PEREIRA, Lamounier Lucas Junior. **A aura da obra de arte pública: uma análise das intervenções artísticas no espaço urbano a partir do conceito bejaminiano de aura.** *II Seminário Internacional sobre Arte Público en Latinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interacciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas*”. Volume I. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011. P 318 -328.

PINHEIRO, Luizan. **Grafite: submissão, asfixia e blá, blá, blá.** 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais - ANPAP. Florianópolis. 2007. 2

PLAZA, Julio. **O livro como arte parte II.** Arte em São Paulo. São Paulo. 1982

RAHN, Janice. **Painting Without Permission: Hip-hop Graffiti Subculture.** Greenwood Publishing Group. Westport. 2002

RAUBER, Rogério. **Cadernos de esboços: documentos processuais em rizomas poéticos.** Revista Farol. 2018, p. 48 -55

ROBINSON, Lauren. **Highlights from the City Museum’s Graffiti Collection.** MCNY Blog: New York Stories. *This entry was posted on February 18, 2014 by Lauren Robinson in Digital Project. 2014. Acesso em: <https://blog.mcny.org/2014/02/18/highlights-from-the-city-museums-graffiti-collection/>*

SALLES, Cecília. **O gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo. 1998.
_____. **Desenhos da Criação.** In: DERDYK, Edith (Org.). Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Editora Senac, 2007. p.33-43.

SAN PAYO, Manuel - **O desenho em viagem: Álbum, Caderno ou Diário Gráfico. O álbum de Domingos António Sequeira.** Tese de doutoramento. Faculdade de Belas-artes da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2009.

SANTOS, Paulo R. Elian dos. **Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização.** São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo. 2005.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista** [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 319 p. ISBN 978-85-386-0390-0. Disponível em doi: 10.7476/9788538603900

SNYDER, Gregory J. **Graffiti Lives: Beyond the Tag in New York's Urban 2 Underground**. New York Press. Nova Iorque. 2009

TURNER, Jane, dir. – **The Dictionary of Art**, Groove, Nova Iorque, 1996.

ZAILLER, Waldemar. “**Arte Pública e Arte de Rua - graffiti versus grafite**”, *II Seminário Internacional sobre Arte Pública en Latinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interacciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas*”. Volume I. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011. p 132 – 142.

AudioVisual

Death Note. Diretor Tetsurō Araki. Viz Media. Assistido em 13 de julho de 2021. Anime.

Glossário

Bomb:

“O Bomb é uma técnica de desenho difundida por grafiteiros americanos [...] São em geral letras desenhadas de modo relativamente rápido, arredondadas, com contorno, preenchimento e traços para simular volume, normalmente fazendo uso de duas ou três cores.” (LASSALA, p. 40, 2011)

Crew -

“[...] ou grifes, ou família, significa um grupo formado por várias gangues de pixadores. As grifes possuem normalmente, um nome e uma forma pictórica de representação, um símbolo a ser reproduzido pelos integrantes como forma de identificação” (*Ibidem*, p. 64)

Folhinha - As folhinhas são momentos de reunião em que todos os presentes assinam sua tag ou deixam desenhos.

Pichação -

A pichação é, na essência, uma ação de transgressão para marcar presença, chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão de o suporte. Não define padrão estético - em relação a forma e ao conteúdo -, embora possa ocorrer, mas privilegia o isso da palavra. (*Ibidem*, p.35)

Pixação - esse tipo de grafia é utilizado mais por grupos:

“...todos pixam o nome da gangue, competindo por visibilidade e valorizando intervenções realizadas sob condições de alta dificuldade, fazendo uso de ferramentas como spray e rolo de espuma. [...] a pixação faz uso de processos de percepção e de assimilação diferenciados do tradicional; ela possui uma gramática própria. [...] /este tipo de escrita tem o objetivo de gerar fama para o indivíduo do grupo que conseguiu por exemplo, pixar um determinado lugar de difícil acesso e de grande visibilidade. (*Ibidem*, p. 36, 2011)

Reú- até o momento dessa pesquisa não se encontrou literatura que nos fornecesse um significado para réu. *Réu* é o apelido para reunião. Geralmente os grupos tem por critério modificar nomes comuns para “não dar na pista”. É nestas reuniões que ocorrem trocas de nomes nos blackbooks e folhinhas.

Sticker –

É um termo de origem norte americana, que, em português significa “adesivo”. Seu uso está associado a um movimento de intervenção urbana que se vale da colagem de adesivos. [...] seu objetivo com os adesivos é responder à massificação da propaganda. Disputam assim, um espaço público com as agendas de publicidade e com políticos. (LASSALA, 2010, p. 26-27)

Tag:

“[...] é um termo de origem norte-americana 2 utilizado pelos grafiteiros e significa assinatura. Seu uso é comum na forma de identificação do autor em trabalhos de grafite; tem um estilo embolada e parecido com uma assinatura em que o cidadão comum grafa um cheque ou documento importante. Normalmente é escrito com spray ou pincel atômico.” (*Ibidem*, p. 58)

Throw-up:

2

“Essa forma do grafite consiste em desenhar somente as formas vistas no “Bomb”, sem preenchimento. ”
(BROTERO, 2021)

Porém esta forma também está associada com a tradução literal: vomitar. Serão então, letras vomitadas e respingadas que normalmente estão envoltas por um preenchimento com a sensação líquida.

Wildstyle

Nascido nas ruas de Nova Iorque na década de 70, essa forma complexa de grafite é caracterizada pelas intersecções das formas. Muitas vezes são tão detalhadas que nem dá para ler direito o que está escrito. (BROTERO, 2021)